

MARISA MIDORI DEAECTO

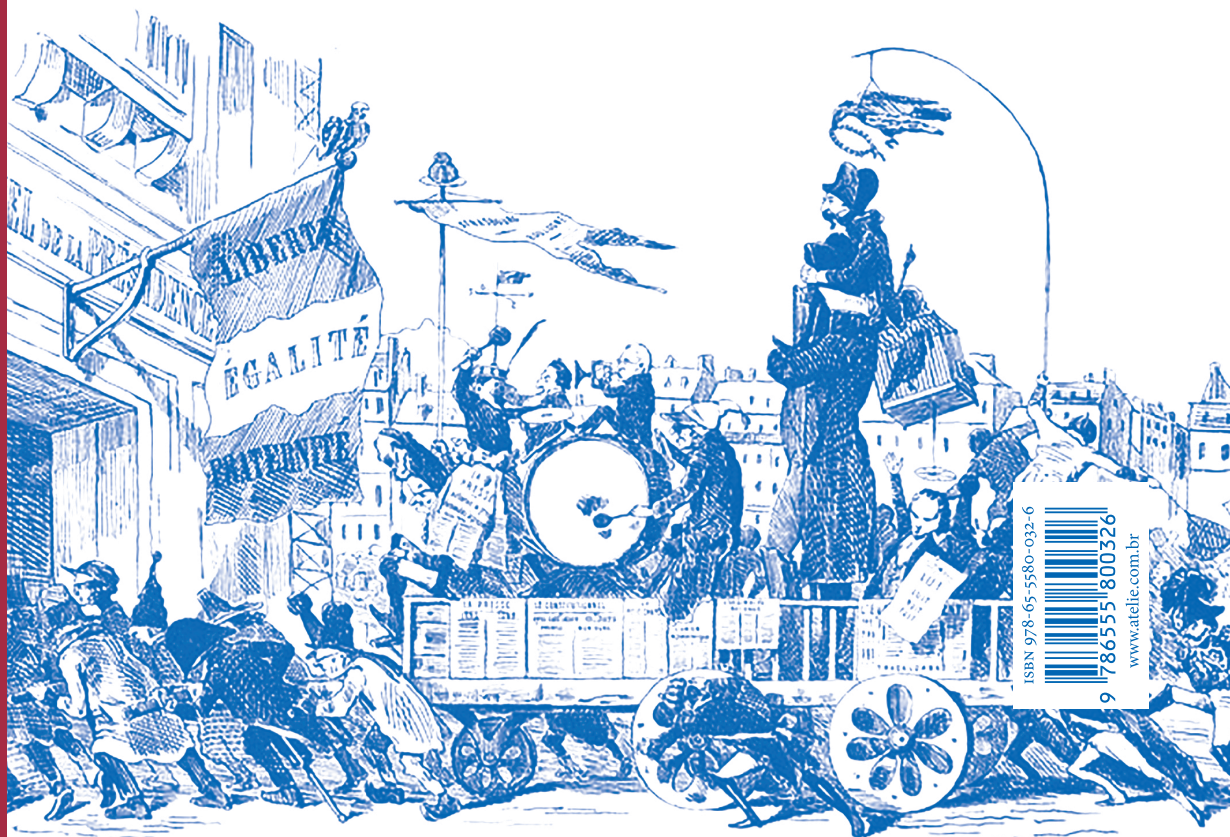
Professora Livre-Docente em História do Livro, na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), com estágios em diversas instituições estrangeiras de nível superior. Formou-se em História e doutorou-se em História Econômica pela Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Em 2017, recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Eszterházy Károly, Eger (Hungria), por suas contribuições à difusão da história do livro e das bibliotecas em uma perspectiva transnacional. É editora da revista *Livro*, do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE) e autora, dentre outros títulos, de *O Império dos Livros* (Edusp/Fapesp, 2011 e 2019), agraciado com os prêmios Jabuti da CBL (1º lugar em Comunicação) e Sérgio Buarque de Holanda, outorgado pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na categoria Melhor Ensaio Social.

Berlim, Viena, Lisboa, Nova York, Rio de Janeiro... 48 edições impressas desde o lançamento simultâneo em Londres e Paris, sem contar as contrafações, reimpressões e reedições.

Como explicar um tal sucesso?

A partir dessa pergunta, Marisa Midori Deaecto nos convida a uma viagem pela velha Europa, nos tempos da Primavera dos Povos, com o fim de desvelar os bastidores da construção de um livro destinado a corroer as bases das lutas democráticas.

Ao recompor a fortuna editorial de *De la Démocratie en France*, de François Guizot, a autora faz emergir a figura de um grande historiador, jurista e político, que marcou a primeira geração de estudiosos da Revolução Francesa, propôs as linhas mestras do direito constitucional e se tornou o todo poderoso ministro de Luís Filipe, o rei burguês destronado pelo povo na tonitruante Paris de Fevereiro de 1848.



HISTÓRIA DE UM LIVRO



Marisa Midori Deaecto

Æ

MARISA MIDORI DEAECTO

História de um Livro

A Democracia na França
de François Guizot
1848-1849

Æ
Ateliê Editorial



História de um Livro é um trabalho admirável. Neste volume, Marisa Midori Deaecto realiza um estudo largo e profundo sobre a recepção de *A Democracia na França*, na Europa e no Brasil, no qual se observa, em uma análise sutil, os paralelos entre a perspectiva antidemocrática de François Guizot e o quadro político atual.

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.
Professor de Literatura e Eclética
da Universidade de São Paulo

Em *História de um Livro* a autora transpassa as muitas temporalidades que envolvem seu tema de estudo: aborda o objeto livro na longa duração de sua história; conduz nossa leitura por uma conjuntura revolucionária desde 1789; por fim, nos mergulha no próprio evento que foi a publicação da obra de François Guizot em plena Primavera dos Povos.

LINCOLN SECCO
Professor de História Contemporânea
da Universidade de São Paulo



História de um Livro



CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira
João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr.
Lincoln Secco – Luís Bueno – Luiz Tatit
Marcelino Freire – Marco Lucchesi
Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto
Miguel Sanches Neto – Paulo Franchetti
Solange Fiúza – Vagner Camilo – Wander Melo Miranda





MARISA MIDORI DE AECTO

História de um Livro



A Democracia na França,
de François Guizot
(1848-1849)


Ateliê Editorial





Copyright © 2021 by Marisa Midori Deaecto

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Deaecto, Marisa Midori

*História de um Livro: A Democracia na França, de
François Guizot (1848-1849)* / Marisa Midori Deaecto.

– 1. ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

ISBN 978-65-5580-032-6

1. Democracia 2. Direito Constitucional 3. Guizot,
François, 1787-1874 4. Paris (França) – Civilização
I. Título.

21-59624

CDD-944.04

Índice para catálogo sistemático:

1. Revoluções do Século xx e Romantismo: História 944.04

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos reservados à

ATELIÊ EDITORIAL

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897

06709-300 – Cotia – SP

Tel.: (11) 4702-5915

www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br

facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br

Printed in Brazil 2021

Foi feito o depósito legal





*Para István Monok,
Elsa e Frédéric Barbier,
pelas viagens, bibliotecas e livros.*

*Para meu pai, Kenji Deaecto,
por tudo.*





Na escrita também existem muitos segredos. Nada nunca se perde, independentemente do que possa aparecer no momento, e o que é deixado de fora sempre será visto e fortalecerá o que permaneceu no interior.

ERNEST HEMINGWAY, 1961.







[...]

Sol

A culpa deve ser do sol que bate na moleira

O sol que estoura as veias

O suor que embaça os olhos e a razão

E essa zoeira dentro da prisão

Crioulos empilhados no porão

De caravelas no alto-mar

Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria

Filha do medo, a raiva é mãe da covardia

Ou doido sou eu que escuto vozes

Não há gente tão insana

Nem caravana

Nem caravana

Nem caravana do Arará

CHICO BUARQUE, *Caravanas*, 2017.





Sumário

PREFÁCIO – <i>Carlos Guilherme Mota</i>	13
INTRODUÇÃO	19
<i>O Livro. Temporalidades. Geografias</i>	24
<i>Breve Exploração Topográfica</i>	30
Capítulo 1. ESCREVER A <i>DEMOCRACIA NA FRANÇA</i>	37
<i>Algumas Mudanças Indispensáveis</i>	44
<i>O Espaço do Texto</i>	51
<i>Ligando os Pontos</i>	66
Capítulo 2. A CONSTRUÇÃO DO LIVRO	75
<i>François Guizot: “Burguês, Protestante”</i>	83
<i>Victor Masson: Paris, Place de L’École de Médecine</i>	91
<i>A Escritura: De Brompton a Paris</i>	97
A PRIMAVERA DOS POVOS, 1848: UMA HISTÓRIA EM IMAGENS	105
Capítulo 3. O LIVRO GANHA O MUNDO	123
<i>Paris; Londres; Nova York</i>	131
<i>Intermezzo Belga</i>	137
<i>Prússia; Saxônia: Traduções e Transferências</i>	141
<i>Uma Marcha para Viena</i>	154
<i>Brevíssimo Sobrevoô</i>	157
<i>As Edições no Mundo Ibérico</i>	158





CARTOGRAFIA DAS EDIÇÕES DE <i>DE LA DÉMOCRATIE EN FRANCE</i> (1849)	169
LISTA DAS EDIÇÕES POR PAÍS	173
BIBLIOGRAFIA ILUSTRADA	179
Capítulo 4. RECEPÇÃO	197
<i>Os Primeiros Leitores</i>	206
<i>A Opinião Pública</i>	212
<i>A Voz da Ordem</i>	222
Capítulo 5. UM CHOQUE DE REALIDADE	233
<i>Vozes Dissonantes, ou Quase!</i>	238
<i>O Embate Direto</i>	245
<i>“O que o Sr. Guizot não Compreendeu”</i>	249
<i>O Silêncio</i>	256
Capítulo 6. A TRAVESSIA ATLÂNTICA	261
<i>A Democracia: Do Espaço da Crítica ao Folhetim</i>	269
<i>Do Folhetim ao Livro: Um Longo Recomeço</i>	282
<i>“Remedio Poderoso para Combater as Paixões Deletereadas”</i>	289
CAUDA LONGA, CAUDA CURTA: À GUIA DE CONCLUSÃO	299
Posfácio: GUIZOT NO BRASIL ATUAL – <i>Lincoln Secco</i>	307
AGRADECIMENTOS	315
FONTES E BIBLIOGRAFIA	319
LISTA DE IMAGENS	341
LISTA DE TABELAS	345
ÍNDICE DE NOMES E LUGARES	347
CRÉDITOS E FONTES DAS ILUSTRAÇÕES	361





Prefácio

*Carlos Guilherme Mota**

Um espectro ronda a Europa, o espectro do Comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se numa sagrada perseguição a esse espectro, o Papa, o Czar, Metternich, Guizot, radicais franceses e policiais alemães.

KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS,
Manifesto Comunista, 1848.

É muito raro, na Historiografia brasileira, defrontarmo-nos com autores que se disponham a se aventurar em águas internacionais profundas, talvez porque em certas culturas os critérios de excelência sejam altíssimos. E, descontadas as exceções, levados a sério.

Anteriormente, a historiadora Marisa Midori Deaecto já nos brindara com livros que se tornaram clássicos, em especial *O Império dos Livros. Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista* (São Paulo, Edusp, 2019), tendo com ele recebido o Prêmio Jabuti (2012) e o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Biblioteca Nacional (2011). Marisa comparece agora com estudo altamente desafiador, erudito, importante. Trata-se de *História de um Livro: A Democracia na França, de François Guizot (1848-1849)*, obra/ensaio de autoria desse célebre político francês liberal, historiador e publicista que atuou na vida política francesa e

* Carlos Guilherme Mota, historiador, Professor Emérito da FFLCH-USP e Professor Titular de História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



européia na primeira metade do século XIX. Militante orleanista, tornou-se referência no campo do Direito Constitucional, consoante os princípios vitoriosos na Revolução de Julho (1830).

De confissão protestante, Guizot lutava pela reconciliação das igrejas cristãs.

François Pierre Guillaume Guizot nasceu em Nîmes, em 1787. Os avós eram pastores. Em 1794, o pai, jurista, foi guilhotinado após se lançar no movimento federalista, em meio às lutas entre *montagnards* e *girondins*. A família então se transferiu para Genebra, onde Guizot completou os estudos. Em 1805, ingressou na Faculdade de Direito da Sorbonne, chave de acesso para os salões parisienses, em particular, o círculo de Suard, diretor do jornal *Le Publiciste*. Em 1814, tornou-se o titular da cadeira de História Moderna. Iniciou a carreira política sob o regime da Restauração, no gabinete de Talleyrand, porém, após o assassinato do Duque de Berry, que marcou a ascensão dos *ultra* ao poder, tornou-se um opositor virulento ao rei Bourbon. Datam dessa época os escritos mais contundentes sobre o governo representativo, donde o interesse pelo modelo inglês, que se torna inspiração para a defesa do *juste milieu* francês. Nessa época, publicou *História da Revolução na Inglaterra* (1826-1827, 2 vols.) e *Curso de História Moderna* (1829-1832, 6 vols.), que compreendia os volumes sobre História da Civilização Europeia e Francesa, com várias reedições revistas e ampliadas pelo autor.

Em sua carreira política, Guizot foi Ministro da Instrução Pública, tendo criado, em 1834, na Faculdade de Direito de Paris, a Cátedra de Direito Constitucional. Para sucedê-lo indicou o constitucionalista italiano Pellegrino Rossi, que publicou o curso de Direito Constitucional em vários volumes (Paris, 1866).

Guizot foi ainda, por breve período, Primeiro-Ministro da França, de 19 de setembro de 1847 a 23 de fevereiro de 1848. Ele faleceu em Val-Richer, na Normandia, muito distante das agitações parisienses, em 1874.

Se, em *O Império dos Livros*, a abordagem é abrangente e diacrônica, agora, do ponto de vista metodológico, a Historiografia se enriquece com a abordagem concentrada no tempo e em um único objeto: a edição de *De la Démocratie en France*, gestada no final de 1848 e publicada em janeiro de 1849.

Com efeito, a autora desvenda, enquanto historiadora e crítica da cultura, novas perspectivas para o labor histórico e historiográfico. E o faz





em dois planos, em larga medida conjugados. No campo monográfico estritamente acadêmico-científico, ao focalizar como objeto, e com máximo rigor, um único *livro* em suas múltiplas dimensões: técnica, bibliográfica, historiográfico-ideológica, histórico-social, mercadológica, contextual, política. E, no plano metodológico, por aplicar abordagem inspirada, rigorosa e inovadora na percepção dos impactos dessa obra na crítica e na vida propriamente político-cultural europeia e americana, considerando seus contextos históricos nacional e internacional.

O leitor dessa tese universitária, apresentada para obtenção do título de Livre-Docente na USP, ao terminar o percurso analítico da autora, desde as razões da escolha do livro a ser examinado, passando pelo exame técnico minucioso de sua fatura, e o estudo detalhado que envolveu a vida, as ideias e a produção do autor-personagem, o ideólogo Guizot, seus editores, distribuidores, comerciantes, os críticos e finalmente os leitores, terá a dimensão correta, completa e complexa do que significa o objeto-livro, em especial um livro desse pequeno porte, escrito ao sabor das marés, correntes e contracorrentes do pensamento da época. Ou seja, um objeto sem dúvida diferenciado, entendido pela autora como síntese de múltiplas determinações.

A análise dos palcos dos acontecimentos e as repercussões do livro de Guizot é primorosa, acompanhando-o tanto na Europa como nos Estados Unidos e reverberações no Brasil.

A autora percorreu e pesquisou nos países abrangidos pela obra de Guizot, onde contra-atuaram pensadores e militantes do nível de Proudhon, por certo a mais destacada figura do socialismo francês. E lança a historiadora uma discreta e nada sutil nota de fim de capítulo, em que nos faz recordar que, “meses antes da Revolução de Fevereiro, o Ministro Guizot mandara perseguir e expulsar de Paris vários socialistas estrangeiros, dentre eles Karl Marx e sua família” (p. 74, nota 64).

Um dos pontos altos de sua análise é o manejo sofisticado dos autores, sobretudo de especialistas na História do Livro (Frédéric Barbier, Robert Darnton) e meu saudoso mestre Jacques Godechot, entre tantos outros. Mas também no plano conceitual, o rigor de Marisa é exemplar: tome-se como exemplo o conceito-chave de sociedade civil, pedra de toque do pensamento liberal, ou da aproximação de Guizot com Alexis de Tocqueville:





Ao denunciar a “idolatria democrática”, Guizot faz coro com o credo liberal, em cuja cartilha a representação democrática, sob a forma do sufrágio universal e a expansão dos meios de formação da opinião pública, constitui o principal elemento de desestabilização da política, da sociedade e da economia de uma nação. Noutros termos, da ordem burguesa.

E completa a historiadora:

O povo – escreve Guizot, em evidente inspiração toqueviliana – tem sozinho o direito ao império; e nenhum rival, antigo ou recente, nobre ou burguês, pode ser admitido a compartilhar com ele o poder.

Em nota, registra:

É interessante observar que Guizot desfere apenas a Proudhon uma crítica aberta e nominal... No que toca a crítica à propriedade, talvez o estudo mais importante tenha sido o de Proudhon, sendo por isso notável a hostilidade de nosso autor, Guizot...

Além do estudo dos autores-personagens, registre-se o cuidado da autora com os conceitos-chave, como o de *sociedade civil*. Ao discutir a inspiração toquevilliana na elaboração de *La Démocratie en France*, mostra a historiadora que “é na política francesa, em que o autor passou de protagonista a espectador, que ele faz seu mergulho mais radical”:

Não se trata pois, de um arrazoado histórico sobre os destinos do governo e a democracia no curso do século. Ao reafirmar sua posição como doutrinário, Guizot toma posse de “conceitos e categorias analíticas que estão na ordem do dia, tais como classe, sociedade, Estado, representação, poder”, com vistas na construção de uma plataforma política para seu partido. *La Démocratie en France*, como dirá mais tarde um jornalista, representa seu retorno e o de seus correligionários à cena política.

*
* *

Por fim, o estudo de Marisa Midori Deaecto permite-nos compreender não apenas os dilemas mas a ambiguidade essencial do liberalismo:





Vimos que François Guizot reconhece a vitória do Terceiro Estado e da burguesia como uma herança irrevogável da Revolução. Mas ele teme o povo. O inimigo comum, contra o qual ele exorta as classes proprietárias e os setores liberais, é o socialismo. Na França, a república, o sufrágio, a supremacia do operariado, o sentimento antirreligioso, o afrouxamento dos valores familiares num só termo, é o socialismo. Nele está a raiz de todo o mal. Nele está o assalto à propriedade, conquista sagrada do homem (pp. 73-74).

E, ao fornecer a chave para se compreender o livro e seu autor, a autora alerta, já na abertura inicial de sua análise:

Para levar adiante sua luta, Guizot não poupará energias. A construção do livro na arena editorial e política francesa mas, também, internacional, é a prova mais eloquente de todo o seu esforço para atingir nos flancos seus leitores (p. 74).

Em suma, ao restabelecer o elo entre os homens e os livros, a partir da trajetória política de François Guizot, em um momento particularmente crítico, em meio às Revoluções que balançaram a Europa em 1848, a autora lança luz sobre o retrato de uma grande figura do Oitocentos. Em poucas palavras: um liberal conservador, constitucionalista e presbiteriano.





Introdução



Ce que nous voulons, c'est, d'une part, mieux appréhender un titre d'autant plus méconnu qu'il est connu et, de l'autre, faire fonctionner l'appareil exploratoire. La monographie nous permet une approche aussi précise que possible, mais elle ne prend tout son sens que de son environnement plus large, dont le chercheur la construit le reflet.

Admirable nature morte, l'histoire du livre devient, par le biais du reflet, une porte ouverte sur le monde.

FRÉDÉRIC BARBIER*



- * “O que pretendemos é, de um lado, melhor apreender um título tão mal conhecido, quanto mais se torna conhecido e, de outro, fazer funcionar o aparelho exploratório. A monografia nos permite uma abordagem tão precisa quanto possível, mas ela não se investe de todo o seu sentido senão a partir de um ambiente mais amplo, cabendo ao pesquisador de o construir como se fosse um reflexo.
- “Admirável natureza morta, a história do livro se torna, pela via do reflexo, uma porta aberta para o mundo” (Frédéric Barbier, *Histoire d'un Livre. La Nef des Fous de Sébastien Brant*, Paris, Éditions des Cendres, 2018, p. 13).





“Cada livro tem sua história”, diz um grande amigo e editor. Mas as histórias que se podem contar sobre um livro são fruto de motivações diversas e guardam uma relação muito próxima com a natureza do “biografado”.

Frédéric Barbier se voltou para a história de um clássico da Renascença, *A Nave dos Loucos* (*Das Narrenschiff*), de Sebastian Brant (1458-1521). Publicado em alemão em 1494, na Basileia, a obra será vertida para o latim, em 1497 e, a partir daí, ela ganha o século, em diferentes traduções e versões, observando-se, inclusive, a conversão dos versos em prosa e a inserção de novas (e diferentes) ilustrações. Para Barbier, interessava compreender os processos de produção e de circulação da obra no contexto da revolução de Gutenberg. Por se tratar de um livro no qual texto e imagem se comunicam, parecia claro que o autor perdera o domínio sobre a obra já no primeiro ato de composição da página, afinal de contas, ao combinar as xilogravuras, portanto, o trabalho de dois artistas, ficava evidente a interferência sobre o manuscrito.

No plano da circulação, o estudo demonstra que por volta de 1500 o mercado livreiro já demonstra seus primeiros componentes de desregulação. O potencial de reprodutibilidade da imprensa torna o texto suscetível a cópias raramente reconhecidas pelo impressor do original e, muito menos, por seu autor. Para além do problema relativo à propriedade intelectual e, dir-se-ia, editorial *avant la lettre*, o que se evidencia nessa nova conjuntura da história das mídias é a sua capacidade de acelerar o tempo e encurtar as distâncias. “Em apenas algumas semanas”, observa o autor,



[...] o livro publicado na Basileia é reproduzido em Nuremberg, as edições, contrafações, e reedições se encadeiam em um ritmo certo e, mesmo diante da dificuldade de colocar em evidência certos fenômenos, é possível prever, no plano de fundo, a intervenção de um novo ator, o mercado, ou seja, aquele do público dos anônimos¹.

Deve-se, ainda, notar que, em 1550, a “*Nef* vai de Lübeck a Burgos e sua difusão se estenderá até a América espanhola”².

Também os circuitos do livro dizem muito sobre a sua recepção. Em um primeiro momento, o leitorado de Sebastian Brant parece corresponder bem ao horizonte de expectativa do autor e do editor, dentro do quadro geográfico de sua difusão, ou seja, o Sacro Império. O que está em jogo, nesse momento, é a leitura de uma obra de cunho moralista, que se apresenta, segundo a retórica do tempo, como o espelho do mundo. Um novo circuito, devotado mais ao livro do que ao texto, coincide com a emergência das grandes coleções principescas, o que faz da *Nef* um objeto cobiçado por bibliófilos. Mas a obra será reinventada como símbolo de identidade nacional, como monumento da literatura germânica, donde o papel de um artista do porte de Albert Dürer (1471-1528) nesse processo de consagração editorial.

Essas temporalidades estão longe de ser rigidamente demarcadas. Existem, é claro, alguns pontos de clivagem, sobre os quais o historiador pode se apoiar. Por exemplo, um primeiro tempo de difusão e recepção se coloca em consonância com esforços do autor e do editor no sentido de fazer acontecer o livro, enquanto um segundo tempo se insere, como assinalamos, no momento de organização das bibliotecas principescas e reais, ou seja, a partir do século XVI. Mas não é exatamente quando uma germanística ganha corpo, em pleno espírito da Renascença?³

De fato, a vida de um livro não está circunscrita a um marco cronológico, pois uma vez que ele ganha o mundo, diferentes temporalidades e sistemas de interesses conferem novos sentidos à sua existência. Tal aspecto se torna flagrante no século XX e, agora, no limiar do novo século. Da mes-

1. Frédéric Barbier, *Histoire d'un Livre*, p. 168.

2. *Idem, ibidem*.

3. Não se surpreenda o turista ao se deparar com exemplares, em diferentes edições, de *Das Narrenschiff* na loja de *souvenirs* de um castelo às margens do Reno.





ma maneira que *A Nave dos Loucos* (ou dos *Insensatos*, segundo a tradução brasileira) se fez conhecida entre os leitores de Michel Foucault, nos anos de 1960⁴, o interesse pela história do livro, na perspectiva de Frédéric Barbier, reveste-se de outro significado: não o de uma loucura tomada como patológica, mas a de uma insanidade coletiva, tomada como normal, em uma Europa à deriva.

Passemos a outro caso paradigmático. Ao escrever a biografia da célebre *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, o historiador Robert Darnton mergulha no universo tonitruante do Iluminismo francês, antessala dos cataclismos de um velho mundo que encontrou seu juízo final em 1789. Nesse caso, o autor se volta para uma empresa editorial sem paralelos naquele tempo – e, talvez, ainda nos dias atuais – em que editor e autor definiram seus papéis em um campo intelectual que apenas se afirmava em meio a práticas tradicionais da República das Letras. As negociações com o Estado, em um regime que previa e acirrava os instrumentos de censura, os tratos com papeleiros e impressores, considerando o caráter monumental do empreendimento, o uso efetivo de um sistema transnacional de subscrições, que devia contar não apenas com a adesão voluntária dos signatários a um sistema de pensamento, mas também com a força e a manipulação da opinião pública, pela propaganda, enfim, todas essas estratégias destinadas à construção da *Encyclopédie* fizeram escola no mercado editorial da época⁵.

E se esses estudos constituem balizas metodológicas importantes para a realização desta pesquisa, eles também deixaram claro que o libelo *De la Démocratie en France*, publicado por François Guizot (1787-1874), em janeiro de 1849, está muito longe de se equiparar a essas obras maiores da cultura europeia. As duas, aliás, premonitórias do fim do mundo, ou, pelo menos, de uma ordem do mundo, tal como se apresenta *Das Narrenschiff* às vésperas da Reforma (1517) e a *Encyclopédie*, como já dito, na antessala da Revolução (1789).

Sobre a fortuna de *Démocratie*, que prevaleça a ideia inicial: todo livro tem sua história. E todo livro possui uma trajetória própria, que se encerra

4. Michel Foucault, *Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l'Âge Classique*, Paris, Plon, 1961; *História da Loucura na Idade Clássica*, São Paulo, Perspectiva, 1964; Sebastian Brant, *A Nau dos Insensatos*, São Paulo, Octavo, 2010.
5. Robert Darnton, *L'Aventure de l'Encyclopédie (1775-1800). Un Best-seller au Siècle des Lumières*, Préface d'Emmanuel Le Roy Ladurie, Paris, Perrin, 1982.



nele mesmo, cujo testemunho se revela nas centenas de exemplares que subsistem à força do tempo e à ação dos homens, embora não se possa sempre perseverar sobre a possibilidade de construção de uma narrativa a partir de cada um desses registros. É bem verdade que alguns exemplares identificados durante a pesquisa abriram novas janelas de investigação, tanto no que diz respeito às cobiçadas marcas de proveniência, quanto aos não menos requeridos traços de leitura. Mas essa é uma outra história.

Afinal de contas, como temos insistido, a biografia de um livro se revela sob diferentes prismas.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a estatura intelectual do autor e sua posição de destaque no campo político de seu tempo. Tal perspectiva convida a uma reflexão sobre as múltiplas conjunturas de um livro, desde o momento da escrita até a sua construção no mercado editorial. Ocorre que essas conjunturas extrapolam, no tempo e no espaço, as fronteiras do próprio livro, o que torna o estudo monográfico, como o que ora se propõe, imagem refletida de uma totalidade muito mais complexa. *De la Démocratie en France* chama a atenção pelo contexto político de seu lançamento, a saber, a Revolução de 1848, na fase conservadora. Outrossim, sua história editorial interessa em virtude das múltiplas conjunturas e geografias em que se inscreve, nesses tempos concentrados e nervosos das revoluções europeias.

O LIVRO. TEMPORALIDADES. GEOGRAFIAS

Como assinala Pierre Rosanvallon, a obra de François Guizot se insere em um conjunto mais amplo de livros esquecidos, senão, pouco lidos e, seguramente, não reeditados na França atual. Todavia, esse grupo formado por historiadores, pensadores, ideólogos e homens de Estado teve uma presença notável na cena política francesa – e, sem dúvida, entre os intelectuais de outras partes do globo conectados com os eventos políticos daquele país – no período de 1789 a 1870. É o que se pode inferir da leitura das “obras de Guizot, Thiers, Cousin, Rémusat, Royer-Collard, Mignet, Augustin Thierry, Ballanche, Bonald, para enumerar somente alguns nomes entre os mais célebres”⁶. Um conjunto, enfim, que conforma duas gerações de es-

6. Pierre Rosanvallon, *Le Moment Guizot*, Paris, Éditions Gallimard, 1985, p.12.





critores, de intelectuais e de políticos que tiveram um papel importante no fenômeno então batizado por Madame de Staël como *rumeurs publiques*.

Uma primeira geração de escritores que se debruçaram sobre a Revolução de 1789 se consagrou em meio ao calor dos acontecimentos e alguns de seus escritos sobreviveram ou se inspiraram nos novos rumos tomados pela política francesa sob a Restauração. Nesse quadro cronológico devem-se incluir as contribuições de Madame de Staël (1766-1817), *Considérations sur la Révolution Française*, com três edições, 1818, 1826 e 1845⁷, e a obra de François Mignet (1796-1884), *L'Histoire de la Révolution Française*, publicada em 1824. Menção especial deve ser feita aos manuscritos de Antoine Barnave (1761-1793), cuja edição póstuma será publicada apenas em 1847⁸.

A esses nomes, soma-se uma nova geração de intelectuais que, *grosso modo*, apresenta-se como os filhos do Terror e do Consulado. Referimo-nos a François Guizot (1787-1874), Alphonse de Lamartine (1790-1869), Louis Adolphe Thiers (1797-1877), Augustin Thierry (1795-1856) e Jules Michelet (1798-1874), entre outros escritores que completaram suas formações sob a Restauração e se consagraram após a Revolução de 1830. Alexis de Tocqueville (1805-1859) é ligeiramente mais jovem do que Thiers e está há quase uma geração atrás de Guizot. Mas seu nome deve ser lembrado, posto ter saído de sua pena o modelo interpretativo que lançou luz sobre a questão da democracia, ou seja, aquela parte destinada à igualdade, em 1789, cuja bandeira será revivida durante as Jornadas de 1848⁹.

7. Madame de Staël, *Considérations sur la Révolution Française*, Oeuvre présentée et annotée par Jacques Godechot, Paris, Tallandier, 1983, p. 32. A primeira edição foi intitulada *Considérations sur les Principaux Événements de la Révolution Française* (Ouvrage posthume, publié en 1818 par M. le Duc de Broglie et M. le Baron de Staël). Uma segunda edição revista e aumentada será publicada em Paris, por Treuttel e Würtz, em 1826; a terceira edição saiu em Paris, pela Charpentier, em 1845. Em 1818, o escrito foi vertido do francês para o alemão por A. W. Schlegel e publicado na coleção de “obras póstumas” da autora, sob os cuidados do Duque de Broglie (1790-1827) e do Barão de Staël (Madame de Staël, *Betrachtungen über die vornehmsten Begebenheiten der französischen Revolutio*, ein nachgelassenes Werk. Herausgegeben dem Herzog von Broglie und von dem Freiherrn von Staël. Aus dem Französischen mit einer Worerinnerung von A. W. Schlegel, Heidelberg, Mohr und Winter, 1818).
8. Joseph Barnave, *Introduction à la Révolution Française*, texte établi sur le manuscrit original et présenté par Fernand Rude, Paris, A. Colin, 1960.
9. Parece exato dizer, como assumem os biógrafos de François Guizot, que *De la Démocratie en France* tem inspiração tocquevilliana, embora o livro *A Democracia na América*, de Alexis de Tocqueville, sirva de contraexemplo em solo francês. Outros livros seguirão o mesmo modelo, tais como *Democracia na Suíça*, *Democracia na Alemanha...* e assim por diante. Como observa Domenico Losurdo, democracia se torna uma palavra de ordem, na medida em que a participação





Dentre os nomes citados, Thiers e Guizot gozaram de notável prestígio e poder durante o reinado de Luís Filipe (1830-1848). As duas carreiras políticas, juntas, constituem por si uma síntese no mínimo ruidosa dos principais acontecimentos que marcaram a história francesa no século XIX. Porém, enquanto Thiers tem presença ativa no campo político até o fim da vida – lembremos que ele foi o carrasco da Comuna de Paris e se consagrou como presidente do primeiro governo provisório que daria início à III República – Guizot teve fôlego político mais curto.

Pode-se afirmar, em linhas gerais, que essa geração conformou a plêiade da historiografia romântica francesa, tendo alimentado seu espírito sob os influxos de 1789 e vivenciado outras duas revoluções, a de 1830 e de 1848. Segundo o historiador Sébastien Charléty:

Era o tempo em que Louis Blanc e Michelet publicaram um e outro, quase no mesmo dia (6 e 13 de fevereiro de 1847), o primeiro volume de suas *Histórias da Revolução*. Estes livros seguiram de perto os cinco primeiros volumes de *História do Consulado e do Império*, que Thiers fizera aparecer em 1845, no qual, como em sua *História da Revolução*, ele reabilitava os fundadores de uma nova França... No mesmo ano, Lamartine lança, golpe após golpe, em três meses, de 20 de março a 15 de junho, os oito volumes da *História dos Girondinos*... o livro produz nas almas a revolução que, elevadas ao cume onde o poeta as conduziu, elas a esperam, elas a desejam como conclusão legítima de sua exaltação¹⁰.

Eric Hobsbawm observaria, passados dois séculos da Revolução de 1789, que foi justamente esta “escola histórica da Restauração, a de Guizot, Thiers, Mignet” que definiu o “modelo burguês da Revolução”. Porém, “quando a ação se tornou novamente factível, alguns preferiram permanecer em seus estudos”¹¹. Ou no campo da reação, como a brochura em análise

da vida política é reivindicada pelas massas, na segunda metade do Oitocentos. Mas também uma abstração, cada vez mais distante da política praticada pelos liberais (Domenico Losurdo, *Democracia ou Bonapartismo*, trad. Luiz Sérgio Henriques, São Paulo/Rio de Janeiro, Ed. Unesp/Ed. UFRJ, 2004).

10. Apud *La Révolution de 1848*, Exposition Organisée par le Comité National du Centenaire, Paris, Bibliothèque Nationale, 1948, p. 65.

11. Eric Hobsbawm, *Ecos da Marselhesa. Dois Séculos Revivem a Revolução Francesa*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 43.



nos permite assinalar. Sabemos, todavia, que esta geração não resistiu à vaga revolucionária de 1870 e aos republicanos, vitoriosos, que a sucederam.

No caso de Guizot, esse esquecimento é flagrante. Seu nome não figura nos grandes dicionários biográficos e nos manuais escolares republicanos. A imagem do grande historiador da história da civilização é ofuscada pela do ministro derrotado em 1848. São recorrentes as menções ao episódico “Enrichissez-vous”, frase que teria proferido em um discurso contra o sufrágio universal, sob a alegação de que ao vincular o direito ao voto à propriedade, o Estado estimulava o trabalho e o enriquecimento¹². Além disso, o “À bas Guizot” proferido nas ruas, quando o povo pediu a cabeça do ministro austero, durante a Jornada de 23 de fevereiro de 1848, será repetido nos livros didáticos franceses à profusão, de 1870 a 1940¹³.

E se o esquecimento de François Guizot está francamente vinculado aos sucessos da República francesa¹⁴, pode-se dizer que a fortuna da brochura em análise se realizou de janeiro a junho de 1849, ou seja, na fase crepuscular dos impulsos revolucionários. Dir-se-ia que essa história se inscreve no intervalo temporal que demarca a ascensão e queda de um *best-seller*, se a colocação não soasse por demais dramática e piegas. Não vamos reproduzir a cronologia das revoluções que demarcaram a Primavera dos Povos, mas

12. “Enrichissez-vous par le travail, par l’épargne et la probité” [Enriquecei pelo trabalho, pela economia e a probidade], teriam completado seus partidários, diante da avalanche de críticas, caricaturas e panfletos que a menção a essa frase, associada à defesa do voto censitário, ou mesmo à corrupção dos hábitos burgueses, mereceu. No entanto, não se conhece bem o contexto dessa colocação, que teria sido pronunciada em Lisieux ou em Saint-Pierre-sur-Dives, seu reduto eleitoral, na Normandia, entre 1842 e 1846. Importa observar que “na realidade, é toda a política econômica do gabinete Guizot que se coloca em causa por meio dessa interpelação feita ao acaso, mas que se tornou célebre” (Gabriel de Broglie, *Guizot*, Paris, Perrin, 1990, pp. 335-336).
13. Françoise Dutour, “Guizot, entre Oubli et Notoriété dans les Manuels d’Histoire”, em *Guizot, un Parisien dans le Pays D’Auge*, Exposition, Lisieux, Musée d’Art et d’Histoire de Lisieux, 2006, pp. 39-41.
14. Não se deve atribuir esse esquecimento apenas aos fatores políticos. Todo um sistema de pensamento fundado por aquela geração nascida no final do século XVIII também encontrará seu termo durante a III República. No Brasil essa mudança de referencial é patente, como observa João Cruz Costa e José Murilo de Carvalho, dentre outros especialistas. A República brasileira nasce dentro do espírito do Positivismo, relegando ao passado as doutrinas liberais fundadas sob o influxo do racionalismo ilustrado (cf. Harald Höffding, *Histoire de la Philosophie Moderne*, tome 2, 3. éd., trad. de l’Allemand par P. Bordier, Paris, Félix Alcan, 1924; João Cruz Costa, *Contribuição à História das Ideias no Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956; José Murilo de Carvalho, *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990).





é preciso observar que a publicação do livro se dá entre a vitória de Luís Napoleão Bonaparte (1808-1873) para a presidência, anunciada em 20 de novembro de 1848 e a consagração do partido da ordem, ou seja, dos conservadores, que se tornam majoritários na Assembleia Legislativa, após a eleição de maio de 1849. A vitória conservadora e a derrota de François Guizot no pleito eleitoral encerram o destino de *Democratie* na França, mas não em outros países. Por outro lado, tratar-se-ia, a considerar apenas a conjuntura política, de mais um panfleto antirrevolucionário, antissocialista, anticomunista e antidemocrático, dentre milhares de outros panfletos que circularam na Europa, não fosse seu autor o ex-todo-poderoso-Ministro de Luís Filipe. Nessa circunstância, exilado em um subúrbio de Londres.

Além disso, a história de *Démocratie* se torna reveladora de uma conjuntura editorial verdadeiramente espetacular. Afinal, Paris se convertera, desde os tempos da *Encyclopédie*, ou antes, na grande capital do livro e da imprensa¹⁵. Causa impressão, ainda nos dias atuais, o grau de profissionalismo e comprometimento entre autor e editor nesse período de consolidação do mercado editorial francês. Não se trata apenas de abordar a qualidade do papel, o desenvolvimento técnico das gráficas, o apuro artístico das tipografias, a capacidade produtiva que se traduz em altas tiragens, a prática contratual, mas também as relações interpessoais e o papel do capital na construção simbólica do livro. E os jornais... sempre os jornais a promover autores, forjar debates, manipular a opinião, por meio de coalisões nem sempre claras nas quais o *parti pris* político não raro se articula com interesses materiais.

Ocorre que Paris atua, também, como a capital internacional do livro. A rede é ampla e vai de Lisboa a Leipzig; atinge o Império Austríaco, por meio de comissários bem relacionados com editores-livreiros germânicos e franceses; atravessa o oceano e estende seus tentáculos na América: Nova York, Cidade do México, Rio de Janeiro, Buenos Aires. As redes do livro se apoiam, veremos, no desenvolvimento dos meios de transporte e dos sistemas de comunicações, outrossim, no sistema de créditos. Tudo concorre, enfim, para o êxito internacional de uma edição bem planejada desde o seu ponto de partida. Ou seja, aos aspectos positivos de constru-

15. *Paris: Capitale des Livres. Le Monde des Livres et de La Presse à Paris, du Moyen Âge au xx^e Siècle*, sous la direction de Frédéric Barbier, Paris, PUF, 2007.





ção do livro, relacionados à figura de um político e autor consagrado no meio editorial de seu tempo, somam-se os dispositivos de um mercado forte e bem organizado.

A história de *Démocratie* se faz, nesse sentido, no tempo curto e nervoso das revoluções, da mesma maneira que ela percorre espaços geográficos diversos e estruturas mais resistentes às transformações. Ao analisar a difusão dessa brochura e, na medida do possível, sua recepção em sociedades tão distantes, quanto diferentes, como, por exemplo, o Rio de Janeiro e Breslau, devemos assumir que as inquietações e os horizontes de expectativas de seus agentes mudam conforme o solo histórico sobre o qual repousam¹⁶.

E se, como observa Espagne, “a recepção de uma teoria se mede, principalmente, pela cronologia das traduções”¹⁷, podemos inferir, por extensão, que em uma mesma conjuntura os espaços se tornam variáveis altamente relevantes para se medir os significados e as formas de apropriação de um livro. Pois não se trata apenas de observar as diferenças linguísticas – mesmo porque, não se procedeu a um exame detalhado das versões do texto em outras línguas – mas de captar as estratégias de construção do livro em um dado ambiente ou conjuntura histórica¹⁸. Afinal de contas,

16. Os autores que se voltaram para a problemática da recepção da Revolução Francesa no Brasil perceberam bem essas assimetrias no tempo e no espaço. Elas podem ser apreendidas em manifestações várias, desde questões relacionadas às práticas de leituras, até a produção de livros e panfletos que expressavam uma consciência anticolonial, embebida nos princípios Ilustrados. “Há que distinguir, finalmente, a história das áreas coloniais daquela das áreas metropolitanas. Na base de qualquer processo desencadeado em áreas coloniais, a Revolução trouxe, no transcorrer de todo o processo, a marca insuperável da situação colonial. O homem, o ser *colonial*, participou das transformações já contaminado pela determinação mencionada. Nessa medida, a Revolução nessas áreas obedece a estímulos e busca metas que não têm modelos correspondentes claros em áreas da Metrópole. Até pelo contrário, certos movimentos revolucionários liberais coetâneos guardavam em seu bojo características que se opunham rigorosamente ao sentido da Revolução para as áreas coloniais. No caso do sistema colonial português, sabe-se, por exemplo, que a Revolução de 1820, além de liberal, era também recolonizadora” (Carlos Guilherme Mota, *A Ideia de Revolução no Brasil e Outras Histórias*, São Paulo, Editora Globo, 2008, p. 53; Katia M. de Queirós Mattoso, *Presença Francesa no Movimento Democrático de 1798*, Salvador, Editora Itapuã, 1969; *A Revolução Francesa e Seu Impacto na América Latina*, organizado por Osvaldo Coggiola, São Paulo, Nova Stella/Edusp/CNPq, 1990).

17. Michel Espagne, *Les Transferts Culturels Franco-Allemands*, 2. éd., Paris, PUF, 2010, p. 251.

18. Michel Espagne observa, por exemplo, que a recepção de Fichte (1762-1814), na França, ocorre em chaves diferentes, conforme os intelectuais ou as *coteries* que se apropriam de seus escritos. Para Edgard Quinet, o filósofo alemão se apresenta como o próprio espírito da Convenção, enquanto nos anos da Monarquia de Julho, “a referência a Fichte consistia, precisamente, em refutar





todo o esforço destinado à tradução e edição de *Démocratie* foi compreendido, neste estudo, como uma estratégia não isenta de apropriação e publicização de uma ideologia.

BREVE EXPLORAÇÃO TOPOGRÁFICA

O primeiro capítulo se volta para as questões relacionadas à escrita do livro. O manuscrito de *Démocratie en France* estava perdido no mar de papéis que compõem o fundo patrimonial de François Guizot, no Arquivo Nacional da França. Trata-se, portanto, de documento inédito. É difícil descrever esse momento único de epifania quando, após meses de buscas e de dúvidas, pude, enfim, tê-lo em minhas mãos, diante de meus olhos. Mas, então: “O que fazer com um manuscrito?”, passei a perguntar, como quem repete seu mantra pessoal. “Um manuscrito se publica”, respondiam meus amigos. Essa perspectiva não foi de todo descartada. É claro que uma edição crítica e traduzida não escapa ao meu horizonte de expectativas. Todavia, este corresponde a um novo projeto.

O que se buscou recuperar, nesse capítulo inicial, foi o tempo e o espaço da escrita de um livro. A empresa estava longe de corresponder às minhas leituras e ao terreno já bastante pisado da história das ideias e dos livros. Mas a análise que ora se apresenta foi escrita em Paris, entre as consultas ao arquivo, as leituras na biblioteca da École Normale Supérieure e as caminhadas que conduzem o transeunte da emblemática rue d’Ulm aos desvãos do velho Quartier Latin. Em um desses passeios, folhee uma revista relativamente antiga, que repousava sobre uma bancada de livraria, disposta na calçada e, para minha surpresa, havia um artigo de Julia Kristeva que parecia querer dialogar comigo¹⁹. A análise se voltava justamente para os significados do texto, da intertextualidade e de sua relação com o livro. O mantra – “O que fazer com um manuscrito?” – naquele momento, adquiriu novo sentido, pois o primeiro sinal acabara de se revelar! É por esse motivo que a análise do manuscrito, ainda que não tenha perdido de

a herança revolucionária em proveito do espiritualismo”. Victor Cousin e seus discípulos devem ler e difundir o filósofo alemão, por meio de suas traduções, nessa mesma chave espiritualista (*Les Transferts Culturels Franco-Allemands*, pp. 250-254; “Transferências Culturais e História do Livro”, *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, n. 2, pp. 21-34, 2012).

19. Julia Kristeva, “Le Texte Clos”, *Langages*, Paris, vol. 3, n. 12, pp. 103-125, 1968.





vista a questão inicial, ou seja, lê-lo em função de uma cadeia produtiva que busca recuperar a história do livro do autor ao leitor – ou, da escrita à leitura – ganha contornos singulares ao se dedicar à tessitura do escrito no tempo do texto e no espaço do livro. Tais aspectos serão retomados no capítulo seguinte, quando se coloca lado a lado o manuscrito, a prova tipográfica e o contrato de edição. Nesse ponto, a questão sofre um deslocamento, pois interessa observar em que medida autor, editor e tipógrafo se relacionam no processo de construção do livro e concorrem, dadas as suas intervenções, para a construção dos sentidos.

Destarte, as questões levantadas no segundo capítulo se destinam a identificar e a confrontar os profissionais do livro. A figura do autor será analisada a partir de aspectos biográficos de François Guizot, que nos permitam compreender seu lugar no campo editorial parisiense. Afinal de contas, a biografia de um livro também se constrói em função do lugar do autor e do editor no mercado livreiro. Pois, como observa Robert Estivals, se não basta apreender o circuito do livro de forma diacrônica, a partir de uma visão idealista do autor (como o criador, o deus *ex machina*)²⁰, não se deve de todo modo duvidar de seu capital simbólico e de sua importância para a formação do público leitor.

Além disso, a documentação compulsada – basicamente, correspondências pessoais, que dão conta do processo de redação do livro, o contrato editorial, a já referida prova tipográfica, o catálogo do editor e um exemplar da edição *princeps* francesa, que nos permitiu uma primeira abordagem, apoiada nos pressupostos da bibliografia material – demonstra que, pelo menos no caso da produção de *Démocratie*, autor e editor determinaram, cada qual em seu domínio, os caracteres essenciais da brochura. E, embora essas fontes levantem indícios sobre os leitores vislumbrados pelo autor e pelo editor, o problema da recepção se mantém, ainda, como uma incógnita.

No terceiro capítulo partimos de duas edições consolidadas, a saber, a parisiense, sob os cuidados do livreiro-editor Victor Masson, e a londrina, saída sob a chancela do editor John Murray, para testar seu potencial de difusão na Europa e na América – embora, nesse continente, os resultados da pesquisa não foram tão alvissareiros. Em “O Livro Ganha o Mundo”,

20. Cf. Robert Estivals, “Création, Consommation et Production Intellectuelles”, em Robert Escarpit, *Le Littéraire et le Social*, Paris, Champs/Flammarion, s.d., pp. 9-42.



a geografia das Revoluções de 1848 serve como plano de fundo para uma cartografia editorial de *Démocratie*. O que, no início, afigurou-se como um estudo sobre a extensão do debate político em torno da democracia e do sufrágio universal, nas diferentes conjunturas que se desenhavam durante a vaga revolucionária, converteu-se em um estudo sobre as redes do livro no espaço europeu. Pudemos, então, constatar que o mercado editorial perpassa as fronteiras nacionais e funciona dentro de uma rede bastante ativa de livreiros, editores, comissários, contrabandistas, contrafactores e financistas, de tal maneira que a biografia do livro se vê “abalada” diante da composição de um quadro muito mais abrangente de traduções e cópias²¹.

Do conjunto de 46 edições impressas em países estrangeiros – excetuando-se, evidentemente, a edição de John Murray, contratada diretamente com o autor – participam em maior número as contrafações belgas (em francês) e as traduções alemãs, o que pode ser interpretado a partir de diferentes chaves: do ponto de vista do capital simbólico do autor, constatamos que François Guizot participa daquele mesmo circuito forte da literatura francesa, consolidado no mercado editorial europeu. Tal aspecto evidencia a força de uma produção intelectual que alçara seu primeiro voo no Século das Luzes, o que fez do francês um idioma internacional, dominado nos círculos letrados e no meio diplomático; por outro lado, as traduções alemãs apontam para uma outra tendência do mercado editorial, organizado em função das nacionalidades, ou das identidades locais e regionais, o que faz das traduções uma estratégia de valorização dessas identidades e, ao mesmo tempo, de acesso a um público mais amplo. Deve-se, também, considerar o papel que a língua alemã desempenha entre as elites cultas situadas nessa outra Europa além-Reno, onde a brochura de Guizot teve notável penetração²².

21. Todo o capítulo foi tecido a partir do levantamento das edições estrangeiras, em francês e em traduções, publicadas apenas no ano de 1849 – portanto, logo após o lançamento do livro em Paris e em Londres.

22. O estudo de Daniel Baric se apresenta de modo exemplar nesse debate que coloca a questão das línguas nacionais em uma perspectiva a um só tempo política, cultural e intercultural. Ele demonstra, por exemplo, que entre setores da elite croata, da segunda metade do século XIX – lembremos que a Croácia integra o Império Austríaco e se rebelará, durante as Primaveras dos Povos, na luta por sua independência – há uma evidente distinção entre a língua falada, o croata, e a língua culta, o alemão (Daniel Baric, *Langue Allemande, Identité Croate. Au Fondement d'un Particularisme Culturel*, Paris, Armand Colin, 2013).





O levantamento das edições colocou em evidência a relação do pesquisador frente às novas tecnologias de informação. De fato, seria inimaginável o acesso a tantos catálogos de bibliotecas internacionais sem o recurso da internet. Mas, ao mesmo tempo, essa experiência demonstrou que, como toda navegação, também nesse caso o uso de uma bússola é imprescindível. Em primeiro lugar, devemos assumir, ao contrário do que reza o senso comum: nem tudo está *online*! Pois, na medida em que as referências apareciam, aumentavam os por quês. Além disso, o historiador do livro não pode prescindir da posse do objeto. Durante muito tempo a história do livro foi tomada como uma vertente da história cultural, de tal modo que, enquanto o livro se apresentava como um objeto de investigação, as fontes de pesquisa se mantinham restritas a um *corpus* relativamente conhecido, de manuscritos e textos impressos que davam conta da presença do objeto em diferentes esferas da sociedade. Porém, não se interrogava diretamente o livro e seus caracteres materiais. Veremos, mais adiante, que o esforço de conhecer e descrever algumas das edições levantadas foi recompensador, pois, no limite, através desse procedimento pudemos identificar e comparar os caracteres distintivos das brochuras estrangeiras, em relação à parisiense. No fim das contas é possível afirmar, com clareza: sim, o livro é uma forma expressiva!²³

Os três últimos capítulos se destinam à problemática da recepção de *Démocratie*. Por se tratar de um título que se situa no momento derradeiro da carreira política de François Guizot, também ele passou pelo processo de esquecimento. Sua obra maior se situa no plano da história da civilização francesa, europeia e, principalmente, da história inglesa. Os escritos políticos foram relegados ao segundo plano. Logo, os estudiosos de Guizot apenas mencionam muito ligeiramente *De la Démocratie en France* e, com frequência, a associação entre o autor e o escrito se dá em uma época ruim. É praticamente unânime a avaliação de que o livro decepciona, pois suas premissas se prendem ao passado. Talvez um único autor, como veremos no primeiro capítulo, tenha ensaiado uma leitura original e positiva, mas suas hipóteses restam difusas, tanto quanto seus argumentos²⁴.

23. D. F. McKenzie, *Bibliografia e Sociologia dos Textos*, trad. Fernanda Veríssimo, São Paulo, Edusp, 2018 [1. ed. fr. 1999], pp. 21-48.

24. A análise se valeu, basicamente, da obra já citada de Pierre Rosanvallon, a qual se apresenta como o melhor estudo do pensamento político de François Guizot. Alain Encrevé propõe, como



Primeiramente, a análise se detém sobre a correspondência passiva de Guizot, na perspectiva de identificar seus primeiros leitores, entre aqueles que se ocuparam do manuscrito, mas, também, os receptores dos primeiros exemplares impressos. O fundo patrimonial da família é imenso e a coleção de cartas endereçadas ao nosso autor, infindável. Também seu acesso é dificultado por procedimentos burocráticos que demandam tempo, pois além da permissão dos herdeiros, deve-se contar com a celeridade dos funcionários responsáveis por sua guarda no Arquivo Nacional. Há, ainda, a questão do suporte: algumas cartas podem ser lidas diretamente sobre o papel; outras, apenas em microfilme; algumas podem ser fotografadas ou reproduzidas; outras, apenas copiadas. No final dessa batalha, é bem provável que muitas cartas tenham sido relegadas ao esquecimento. Porém, a amostragem não deixa de ser bastante significativa, como o leitor poderá conferir no quarto capítulo.

A imprensa se situa em um outro nível de análise da recepção do livro. Ela será abordada na segunda parte do capítulo 4 e no capítulo 5. Nesse ponto, foi preciso resgatar a história do periodismo francês, sua relação com a política e com os partidos políticos, pois interessava conhecer o grau de capilaridade desses jornais em toda a França. Tal procedimento se fez necessário porque, desde o início, a questão não repousava apenas sobre o que disseram os jornalistas, mas, quem (e quantos) eram os leitores dos jornais. Portanto, pareceu-nos fundamental averiguar o potencial de persuasão dos articulistas, pelo menos em termos quantitativos. Devido ao número de artigos levantados e de brochuras que igualmente comentaram o texto de Guizot, nossa exposição foi dividida em duas seções: na primeira, evidenciam-se as opiniões dos partidários do autor; na segunda, coloca-se em tela os artigos que provocaram, no mínimo, alguma polêmica em relação ao texto.

“A Travessia Atlântica” da brochura será objeto do sexto e último capítulo. Na primeira parte, há um esboço dos aspectos da presença de

dissemos, uma primeira incursão à brochura *De la Démocratie en France*, buscando, inclusive, articular este escrito com outros textos e discursos do autor. Gabriel de Broglie é o autor da biografia contemporânea mais bem documentada, o que se justifica, muito provavelmente, pelo fato desse ilustre descendente do Duque de Broglie, amigo e correligionário de Guizot, ter tido acesso a documentos de família e a todos os papéis pertencentes ao fundo Guizot, hoje depositados no Arquivo Nacional. Laurent Theis é responsável pelos conteúdos do *site* François Guizot e por uma bela biografia, escrita em tom ensaístico, que muito nos inspirou. Considerando a quantidade de referências aqui citadas e, também, porque elas serão referenciadas no curso dos capítulos, não vamos reproduzir a referência completa de todos os títulos nesta nota.





François Guizot no meio literário brasileiro, a partir de notícias veiculadas nos jornais, de citações em livros, cartas, memórias, enfim, das fontes e livros consultados. Em seguida, a questão se desloca para as condições de produção e de difusão da edição traduzida e endereçada ao público brasileiro. A exemplo dos capítulos anteriores, há um diálogo estreito entre a imprensa e o livro. O que faz todo sentido no caso brasileiro, considerando que o texto de *Democracia* será apresentado ao leitor sob a forma de folhetim, antes de sua publicação em livro.

Finda a jornada, talvez se torne oportuno recuperar, nessas linhas, aquela percepção herdada de Lucien Febvre, segundo a qual toda a história é a história do presente. A história do livro e, particularmente, o estudo monográfico, ao tentar iluminar o espaço ao seu redor, busca igualmente projetar alguma esperança sobre questões que se mostram por demais obscuras aos olhos dos contemporâneos. No quadro político atual, diante de uma reação conservadora aparentemente orquestrada em todo o mundo e que nos atinge, de forma direta e impiedosa, a democracia se tornou uma palavra de ordem. Ela expressa tanto o elo perdido com um passado que ainda não pôde ser precisamente situado – afinal de contas, quando fomos democráticos? – quanto uma utopia, em um tempo de tantas distopias. O debate se torna mais espinhoso quanto se misturam duas noções: democracia e sufrágio universal²⁵. Nesse aspecto, Guizot tinha toda razão. Naquele distante 1848, à Revolução dos Povos, seguiu-se, na França, a vitória esmagadora, por sufrágio universal, de Luís Napoleão Bonaparte à presidência da República. Sem dúvida, um longo retrocesso, coroado por um golpe. *Malgré tout*, o historiador sabe que há sempre o tempo das Revoluções.

25. De acordo com o decreto de 5 de março de 1848, o sufrágio universal se referia aos homens de nacionalidade francesa, maiores de 21 anos, de posse de seus direitos civis e políticos. O direito ao voto excluía, portanto, as mulheres, mas também os militares, os detentos, os clérigos e os argelinos. A eleição legislativa marcada para 23 de abril de 1848, sob o novo sistema, revelou uma nova paisagem, tanto em Paris, quanto na província, a crer na descrição de Alexis de Tocqueville, eleitor e candidato a uma cadeira na Assembleia, por sua cidade natal: “na manhã da eleição, todos os eleitores, ou seja, toda a população masculina maior de 21 anos, reuniu-se diante da igreja. Os homens puseram-se em fila, dois a dois, seguindo a ordem alfabética; eu quis me colocar no lugar correspondente ao meu nome, porque sabia que nos países e nos tempos democráticos é preciso ser posto no comando do povo e não se pôr a si mesmo. Ao fim da longa fila vinham em cavalos de albardas ou em charretes os achacados ou doentes que quiseram seguir-nos; só permaneceram em suas casas as crianças e as mulheres; éramos ao todo 170” (Alexis de Tocqueville, *Lembranças de 1848. As Jornadas Revolucionárias em Paris*, trad. Modesto Florenzano; notas Renato Janine Ribeiro, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 112-113).









CARTOGRAFIA DAS EDIÇÕES DE
DE LA DÉMOCRATIE EN FRANCE (1849)





Mapa: Ederson M. R. Maros





Os números no mapa referem-se à quantidade de edições em cada cidade.





Lista das siglas

AA – Arquivo da Autora
AB – Athenaeum Bibliothek (Holanda)
Arch – Archive.org
BDK – Bibliotek Denmark (Dinamarca)
BK – Stadtbibliothek Köln (Alemanha)
BL – British Library (Inglaterra)
BNCR – Biblioteca Nazionale Centrale di Roma (Itália)
BNE – Biblioteca Nacional de España
BNF – Bibliothèque Nationale de France
BNN – Biblioteca Nazionale di Napoli (Itália)
BPO – Bibliothèque Polonaise de Paris (França)
BSB – Berliner Stadtbibliothek (Alemanha)
BUL – Bibliothèque de l'Université Libre de Bruxelles (Bélgica)
BUR – Biblioteca del'Università di Roma (Istituto di Filosofia) (Itália)
BVT – Bibliotheek Van de Tweede Kamer der Staten-Generaal (Holanda)
BYB – Bayerische Staatsbibliothek (Alemanha)
FD – Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Brasil)
FUB – Freie Universität Berlin Bibliothek (Alemanha)
HESP – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional de España
UCM – Universidad Complutense de Madrid (Espanha)
WCAT – World Cat





LISTA DE EDIÇÕES POR PAÍS

(SALVO INDICAÇÃO PRECISA, TODOS OS VOLUMES
SÃO EM FORMATO IN-8^a)*

ALEMANHA (CONFEDERAÇÃO DOS ESTADOS GERMÂNICOS)

1. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot. Aus dem Franzosischen ubersetzt.* Zweite Auflage. Berlin und Frankfurt a/O., Druck und Verlag von Trowitzsch und Sohn, 1849, 96 p. [AA] [32-33]
2. *Die Demokratie in Frankreich von Guizot.* Grimma, Verlag-Comptoirs, 1849, 105 p. [FUB]
3. *De la Démocratie en France par M. Guizot.* Leipzig, Brockhaus & Avenarius, 1849, 76 p. [BYB] [34-35]
4. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot.* Leipzig, Breitkopf und Härtel, 1849, 64 p. [AA] [36-37]
5. *Ueber die Demokratie in Frankreich.* Von Guizot. Aus d. Franz. übers. von A. Reclam. Leipzig, H. Matthes, 1849, 62 p. [BK]
6. *Ueber die Demokratie in Frankreich (Januar 1849).* Von Franz Guizot. Leipzig, Dyk, 1849, 47 p. [BSB] [38]
7. *Die Demokratie. Von F. Guizot. Fur das deutsche Volk im Auszuge bearbeit.* Von Ludwig Hahn. Breslau, Verlag von A. Gosohorsky's Buchhandlung (L.F. Maske), 1849, 20 p. [BSB] [39]
8. *O Demokracji przez F. Gizota.* [Traduzido por Eugeniusz Breza]. Leszno, nakładem i czcionkami Ernesta Günthera, 1849, 38 p. [BPO] [40-41]

* Formato in-8^a francês é uma designação genérica para qualificar os livros cuja altura varia entre 18 e 21 cm. Portanto, a notação não tem relação com a dobra da folha de impressão e a imposição da página.



ÁUSTRIA

9. *Die Demokratie in Frankreich*. Von M. Guizot. Deuscht von Georg Moritzer. Wien, Druckt und Verlag von Leop. Sommer (vorm. Strauss), 1849, 84 p. [AA] [42]
10. *Die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Wien, Verlag von Carl Gerold, 1849, 80 p., in-12. [AA] [43]

BÉLGICA

11. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. 2^e. édition. Par M. Guizot. Bruxelles, J.-B. de Mortier, 1849, 79 p. [BUL]
12. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles/Livorno/Leipzig, Meline, Cans et Compagnie, 1849, 92 p. [2 edições/reimpressões] [BVT] [44]
13. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Rozez, 1849, 76 p. [BUL]
14. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Kiessling & Cie. Librairies, 1849, 76 p. [BUL]
15. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Wouters Frères, 1849, 76 p. [2 reimpressões] in-12 [2 réimpressions] [BUL]
16. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Société Typographique Belge, 1849, 141 p. in-12 [BUL]
17. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, J. Petit, 1849, 95 p. [BUL]
18. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. 3^e édition. Bruxelles, Librairie de F. Michel, 1849, 76 p. [BUL]
19. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles/Leipzig, Mayer et Flatau, 1849, 92 p. [BUL]
20. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Wahlen et Compie, 1849, 92 p. [BUL]
21. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, Librairie du Panthéon, 1849, in-12 [BUL]



22. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles/Leipzig, C. Muquardt, 1849, 92 p. [BUL]
23. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles, J. B. Tarride, 1849, 76 p. [BUL]
24. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Liège, F. Renard & Frères, Libraires, 1849, 53 p. [BUL]

BRASIL

25. *A Democracia em França*. Por F. Guizot. Rio de Janeiro, Livraria D'Agostinho Freitas Guimaraes & Cia., 1849, 139 p. / Rio de Janeiro, Livraria de Serafim José Alves, 1849, 139 p., 20 cm [falso endereço] [67-68]
- 25'. *A Democracia em França. Por Mr. Guizot. Rio de Janeiro 1849*. In: *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, de 18/05/1849 a 14/06/1849, Folhetim. [65]

DINAMARCA

26. *Demokratiet i Frankrig*. Efter det Franske ved I.C. Magnus. [Kopenhagen], Kbh., 1849, 75 p. [BDK]

ESPANHA

27. *De la Democracia en Francia*. Por M. Guizot. Palma, Imprenta Balear, 1849, 54 p. [folha de jornal] [HESP] [45]
28. *De la Democracia en Francia*. Por M. Guizot. Madrid, Imprenta de la Biblioteca del Siglo, 1849, 102 p. [UCM] [46-47]
29. *De la Democracia en Francia: Enero de 1849*. Por M. Guizot. Traducida y refutada por un Publicista Liberal. Madrid, Imprenta de los Señores Andrés y Díaz, 1849, 96 p. + 15 p. ["Refutacion"] [UCM]

ESTADOS UNIDOS

30. *Democracy in France*. By Monsieur Guizot, Late Prime Minister; Author of the *History of Civilization* etc., etc. New York, D. Appleton & Co., 1849, 86 p. + 10 p. [catálogo editorial] [ARCH] [48]



FRANÇA

31. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Paris, Victor Masson, 1849, 159 + 16 p., 20,5 cm [catálogo editorial]. [AA] [9]

HOLANDA

32. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. La Haye, Imprimerie du Journal de la Haye Van der Meer, 1849, 124 p. [AB]
33. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Maestricht, Bury-Lefebvre, 1849, 70 p. [WCAT]
34. *Over de Volksheerschappij in Frankrijk. (Januarij 1849)*. [Tradução de W. R. Boer]. Utrech, L. E. Bosch en Zoon, 1849, 124 p. [AB]

INGLATERRA

35. *Democracy in France*. By Monsieur Guizot. London, John Murray, 1849, 86 p. [ARCH] [49]
36. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. London, F. Horncastle, 1849, 48 p. [BL]

ITÁLIA (ESTADOS ITALIANOS)

37. *La Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*, Di Guizot. Versione di L. M. Colla Biografia Dell’Autore. Italia, [s. ed.], 1849, 120 p. [BUR] [50]
38. *La Democrazia in Francia: (Gennaio 1849)*. Del sig. Guizot. Libera versione dal francese di Carlo Formichi. Roma, Libreria Bonifazj, 1849, 67 p. [BNCR]
39. *Della Democrazia in Francia: (Gennaio 1849)*. Per Francesco Guizot. Versione dal francese. Torino, Gianini e Fiore, 1849, 168, in-16 p. [BNCR]
40. *Della Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*. Versone italiana del Professore Francesco Longhena. Milani, Coi Torchi di Francesco Manini, 1849, 95 p. + 9 p. [“Ai Lettore”; “L’Autore”]. [BNN]
41. *Della Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*. Napoli, Stamperia del Fibreno, 1849, 79 p. [Edição fac-similar com introdução de Maurizio Griffo: Firenze, Centro editoriale toscano, 2000]. [BNN]





42. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Deuxième édition. Naples, Chez G. Nobile, 1849, 67 p., in-16 [a firma imprime a mesma obra em Bruxelas]. [BNCR]
43. *La Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*. Del sig. Guizot. Libera versione dal francese di Carlo Formichi. Napoli, Presso Gaetano Nobile, 1849, 67 p. [BNN]

MÉXICO

44. *De la Democracia en Francia*. Por M. Guizot. México, Tip. de R. Rafael [Rafael Rafael y Vilá], 1849, 82 p. [BNE]

NORUEGA

45. *Om Demokratiet i Frankrig*. Christiania (Oslo), P.T. Mallings, 1849, 62 p. [BDK]

PORTUGAL

46. *A Democracia em França*, por Mr Guizot. Janeiro de 1849. Traduzida do francez M. J. Gonçalves. Lisboa, Typ. do Popular, 1849, 60 p. + 1 p. [errata] [AA] [51-52]
47. *Da Democracia em França*, por Mr. Guizot. Tradução de Mariano José Cabral. Nova Edição. Lisboa, Typographia de Silva, 1849, 58 p. [AA] [53]

SUÉCIA

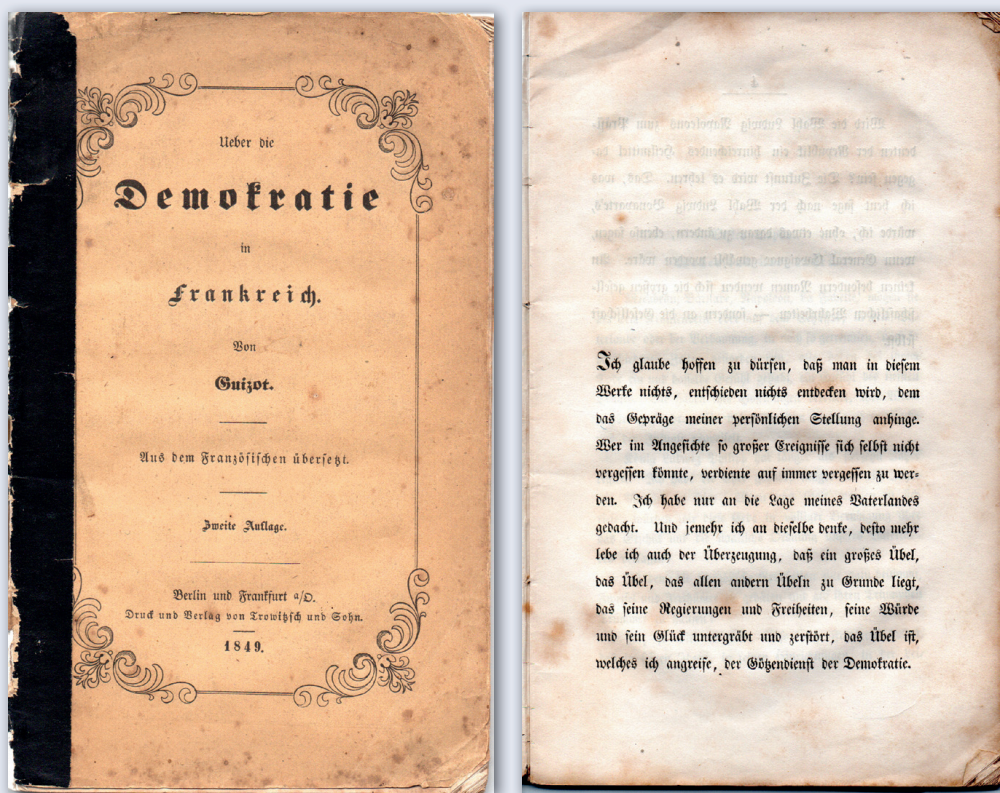
48. *De la Démocratie en France par M. Guizot*. Stockholm, Chez P. A. Norstedt & fils, 1849, 108 p. [WCAT]





BIBLIOGRAFIA ILUSTRADA



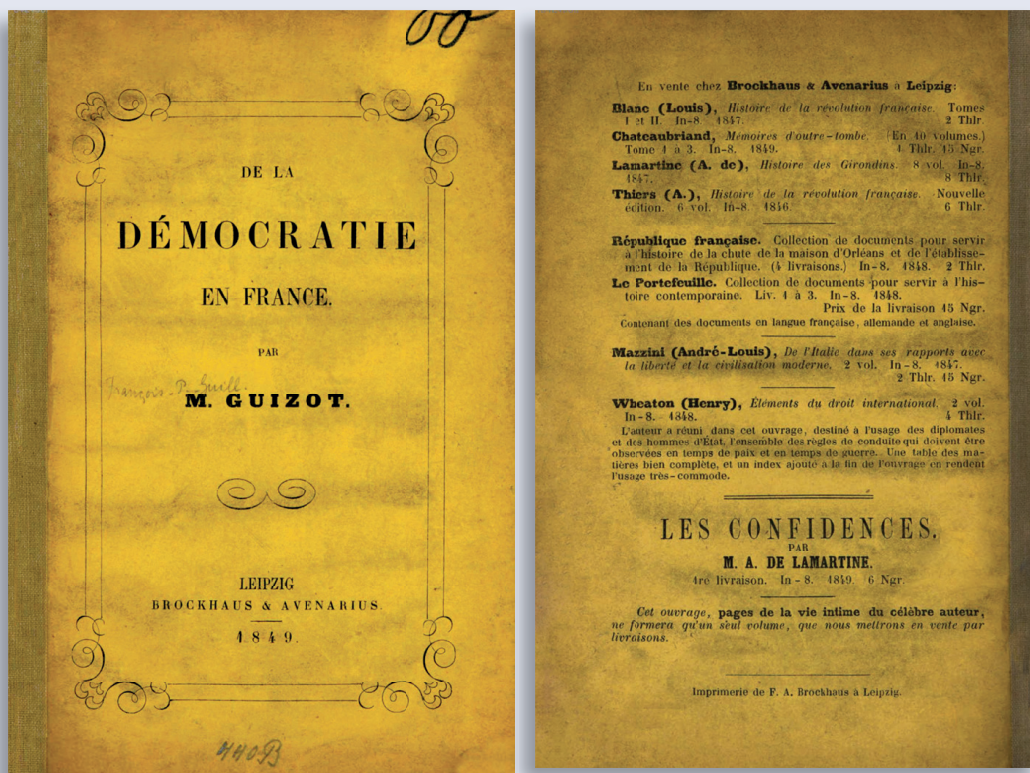


32-33. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot. Aus dem Französischen übersetzt. Zweite Auflage. Berlin und Frankfurt a/O., Druck und Verlag von Trowitzsch und Sohn, 1849, 95 p., 20,5 cm.*

Impresso com caracteres góticos (Fraktur). Apresenta uma tipografia ligeiramente cerrada e irregular, pois alguns cadernos possuem uma cor mais intensa, resultante do uso de tipos novos, em contraste com outros, cujos tipos estão mais desgastados. O papel é de baixa qualidade, nos moldes dos panfletos políticos e dos romances populares. Como não foi encadernado, constitui um exemplar raro no qual a capa original se conservou, ainda que em mal estado, como se pode verificar nesta reprodução. O uso de cercaduras e a elegância da tipografia confere certa nobreza à composição da capa. Trata-se de uma segunda edição conforme anunciado na capa e na folha de rosto. Não há o nome do tradutor, apenas a informação de que a obra foi traduzida do francês.

O editor mantém a estrutura original do livro pois, ao contrário do que se observou em outras traduções, o prólogo redigido pelo autor não foi intitulado. Porém, houve a omissão do subtítulo "(Janvier 1849)".

Exemplar da autora.



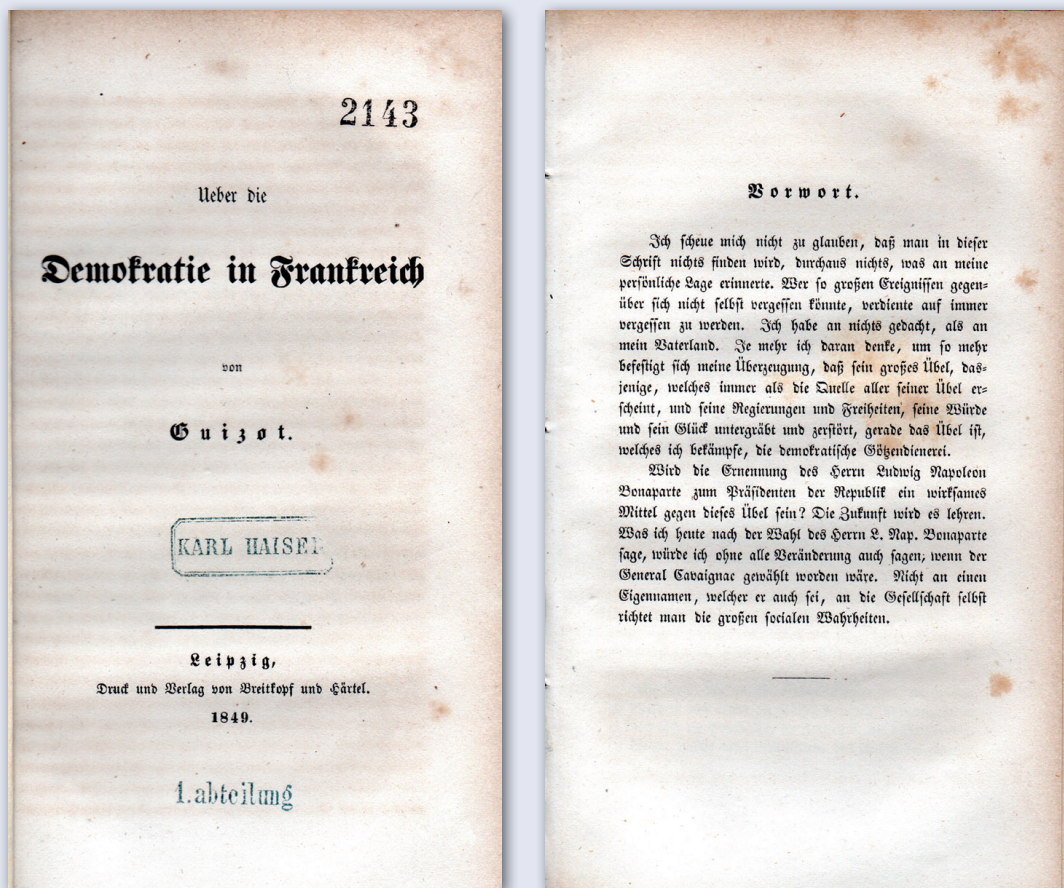
34-35. *De la Démocratie en France* par M. Guizot. Leipzig, Brockhaus & Avenarius, 1849, 76 p., 18 cm.

Edição impressa com tipos novos, em caracteres latinos. Como observado em diferentes exemplares estrangeiros, houve a omissão do subtítulo “(Janvier 1849)”, cuja menção aparece no final do prólogo, impresso sem título, como no original. A casa de Leipzig estabeleceu uma grande rede de negócios por toda a Europa, o que permitiu a difusão ampla desta edição. Serafino Rossetti, um dos tradutores italianos do texto de Guizot, anota no volume manuscrito “ter seguido a edição de Leipzig, Brockhaus et Avenarius” (o documento foi vendido em leilão, em 2019, e sua reprodução foi consultada em Barnebys.se). Na quarta capa, o anúncio de outros títulos franceses publicados pela editora não deixa dúvidas sobre o interesse pelo repertório produzido em 1848 por suas principais lideranças políticas, entre Blanqui, Lamartine e Thiers.

© Bayerische Staatsbibliothek.

O LIVRO GANHA O MUNDO 181

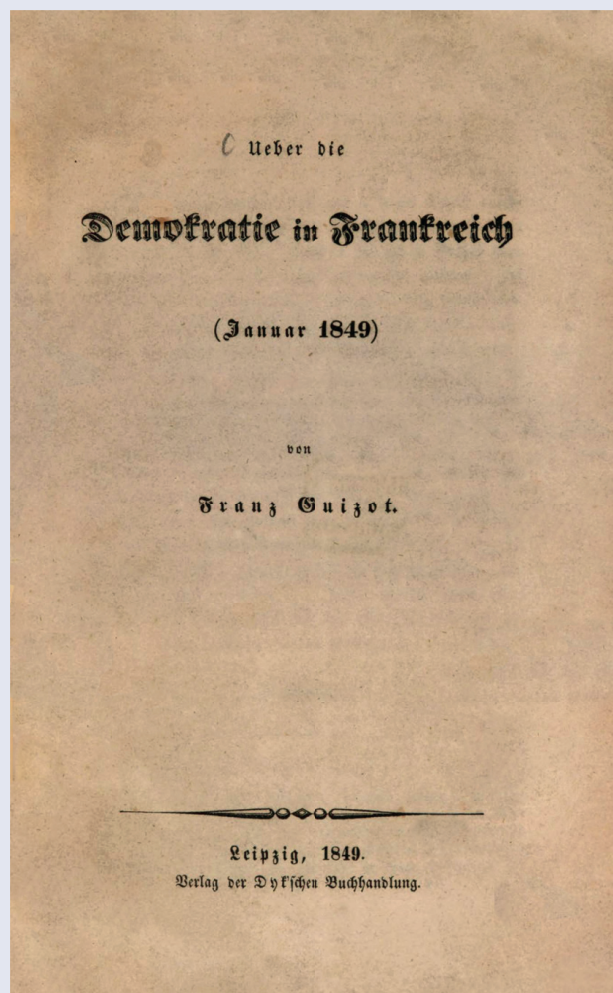




36-37. *Demokratie in Frankreich von Guizot.* Leipzig, Breitkopf und Härtel, 1849, 63 p., 21,6 cm.

Edição impressa em caracteres góticos (Fraktur), sobre papel de boa qualidade, embora com tipografia bastante cerrada, o que explica a economia nos cadernos e no cômputo das páginas. A capa original da brochura é em papel azul, na qual o título aparece envolto por uma graciosa moldura ornada com motivos florais nas ponteiros. Os recursos gráficos que compõem a capa conferem nobreza à brochura, impressa por esta prestigiosa e tradicional editora que se notabilizou, desde o início do século XVIII, no ramo da edição de partituras musicais. O editor altera a estrutura do texto original ao intitular o prólogo do autor como “Vorwort” (Prefácio), seguindo, aliás, uma tendência bastante comum nas traduções. Como na maior parte das brochuras consultadas, não há indicação do tradutor e o subtítulo foi suprimido “(Janvier 1849)”.

Exemplar da autora.



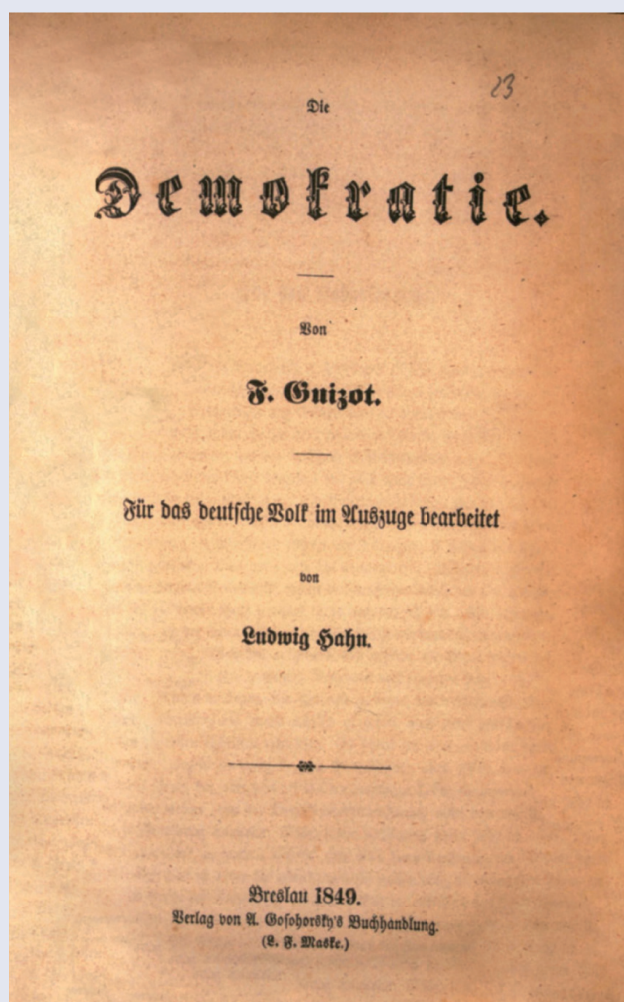
38. *Ueber die Demokratie in Frankreich (Jannuar 1849)*. Von Franz Guizot.
Leipzig, Dyk, 1849, 47 p., 18 cm.

Edição impressa em Fraktur, com tipografia bastante cerrada e regular, sugerindo o emprego de caracteres desgastados. Não há sumário e, por suas dimensões, o texto se insere em um autêntico volante político (*flugschriften* segundo critério de classificação biblioteconômica). A brochura apresenta algumas peculiaridades: não houve a omissão do subtítulo “(Jannuar 1849)” como temos observado frequentemente nas edições estrangeiras; o nome do autor aparece germanizado “Franz”.

© Berliner Stadtbibliothek.

O LIVRO GANHA O MUNDO 183



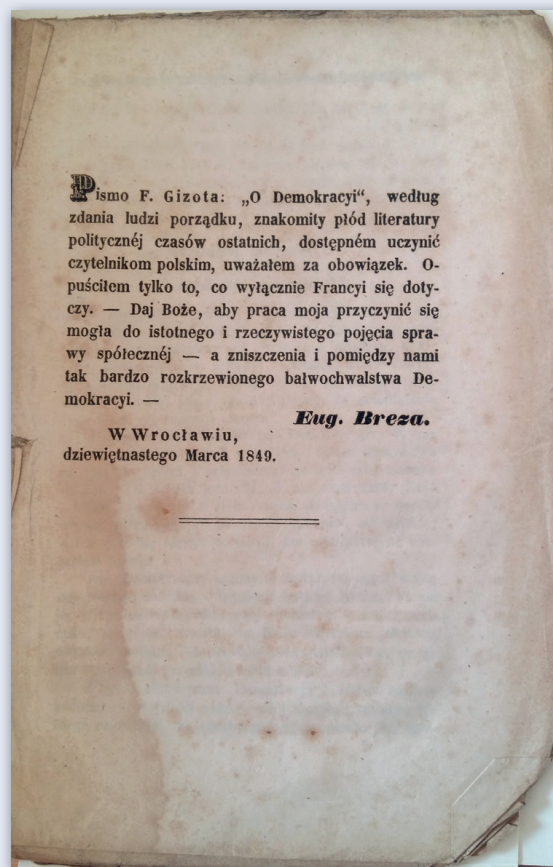
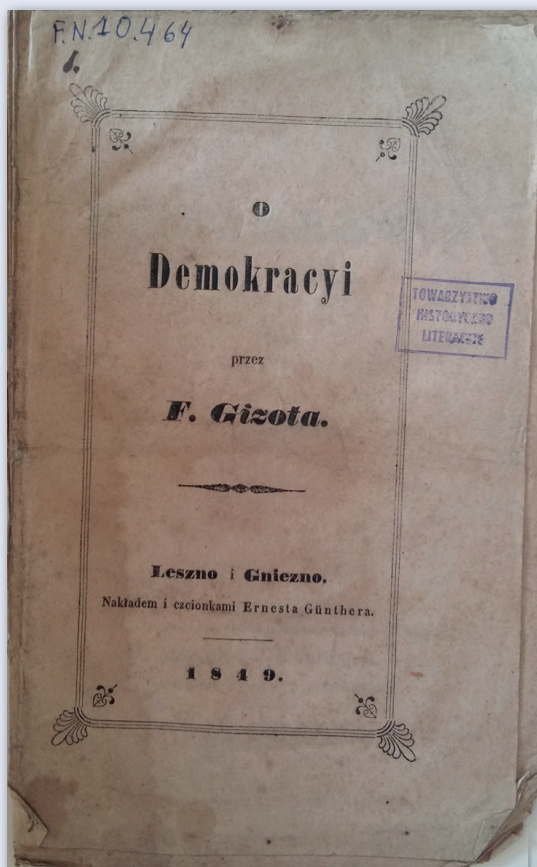


39. *Die Demokratie. Von F. Guizot. Für das deutsche Volk im Auszuge bearbeitet.*
Von Ludwig Hahn. Breslau, Verlag von A. Goschorsky's Buchhandlung (L.F. Maske), 1849, 20 p., 22 cm.

Impresso em Fraktur. Trata-se de um folheto muito curioso, no qual o autor propõe um resumo dos capítulos do livro. Ou, como enuncia no subtítulo: “Für das deutsche Volk im Auszuge bearbeitet” [Editado para o povo alemão em trechos]. Embora se trate de um resumo, o tradutor mantém a mesma estrutura dos capítulos.

© Berliner Stadtbibliothek.



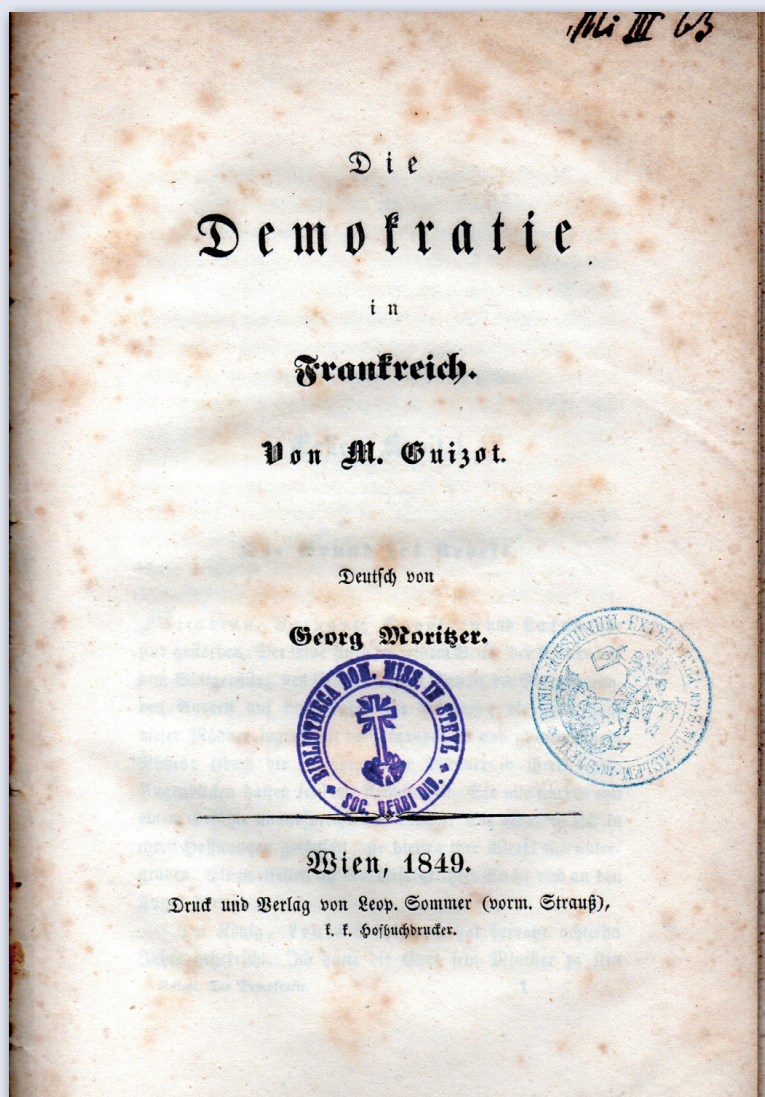


40-41. *O Demokracyi przez F. Gizota.* [Traduzido por Eugeniusz Breza]. Leszno, Nakładem i czcionkami Ernesta Günthera, 1849, 38 p., 17 cm.

Do ponto de vista material, esta brochura se assemelha muito ao panfleto político, em pequeno formato. Notemos que Breza propõe uma versão resumida do texto, para o qual foram suprimidas as considerações relativas à história da França, como se lê na nota editorial. O tradutor parece, com sua leitura, apresentar um tratado geral sobre a Democracia a partir da doutrina política de François Guizot. A transcrição fonética do nome do autor (Gizota) em polonês pode ser compreendida como uma tentativa de atrair o leitor menos familiarizado com a literatura francesa.

© Bibliothèque Polonaise de Paris.

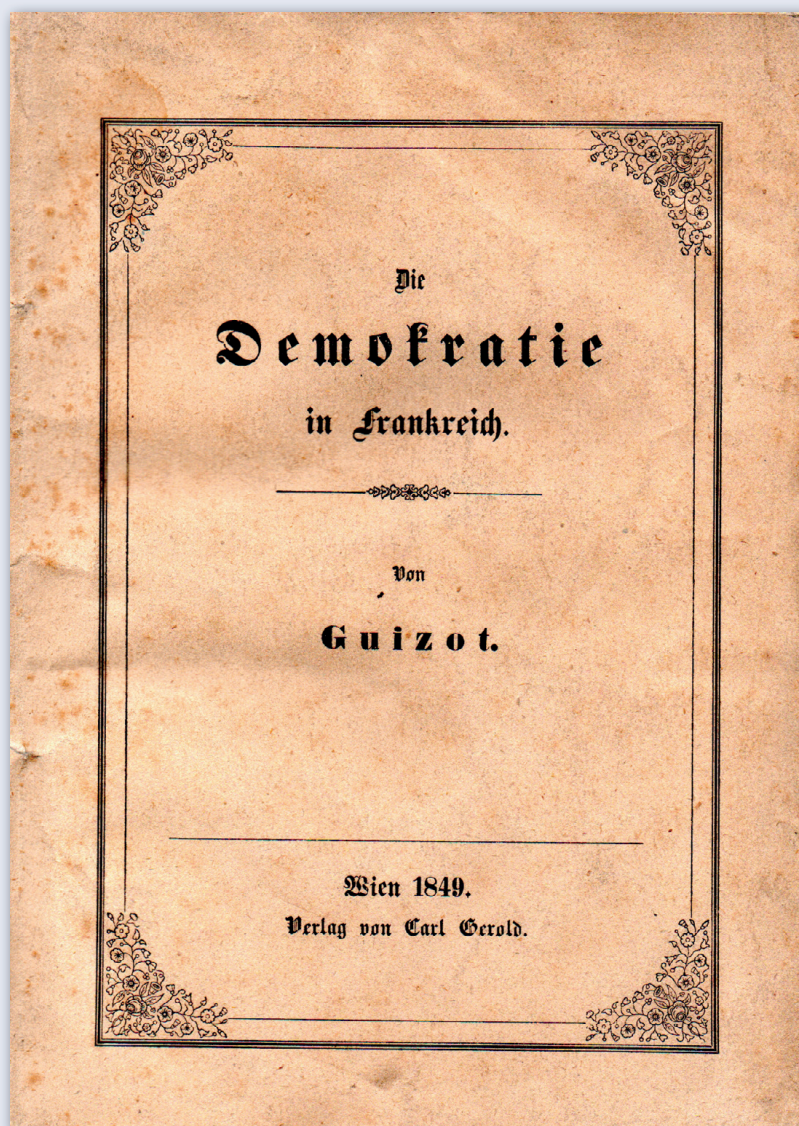
O LIVRO GANHA O MUNDO 185



42. *Die Demokratie in Frankreich*. Von M. Guizot. Deutsch von Georg Moritzer. Wien, Druckt und Verlag von Leop. Sommer (vorm. Strauss), 1849, 84 p., 21 cm.

Impressa em Fraktur, com tipografia muito bem cuidada: foram empregados tipos novos e papel de boa qualidade. Nesta edição, o tradutor suprime não apenas o subtítulo da obra, mas também o prólogo. Acredita-se que o tradutor faça uso de um pseudônimo, pois as extensas biografias da literatura alemã apenas noticiam se tratar do autor de *Gedichte* (Wien, Gerold, 1847, 228 p.).

Exemplar da autora.

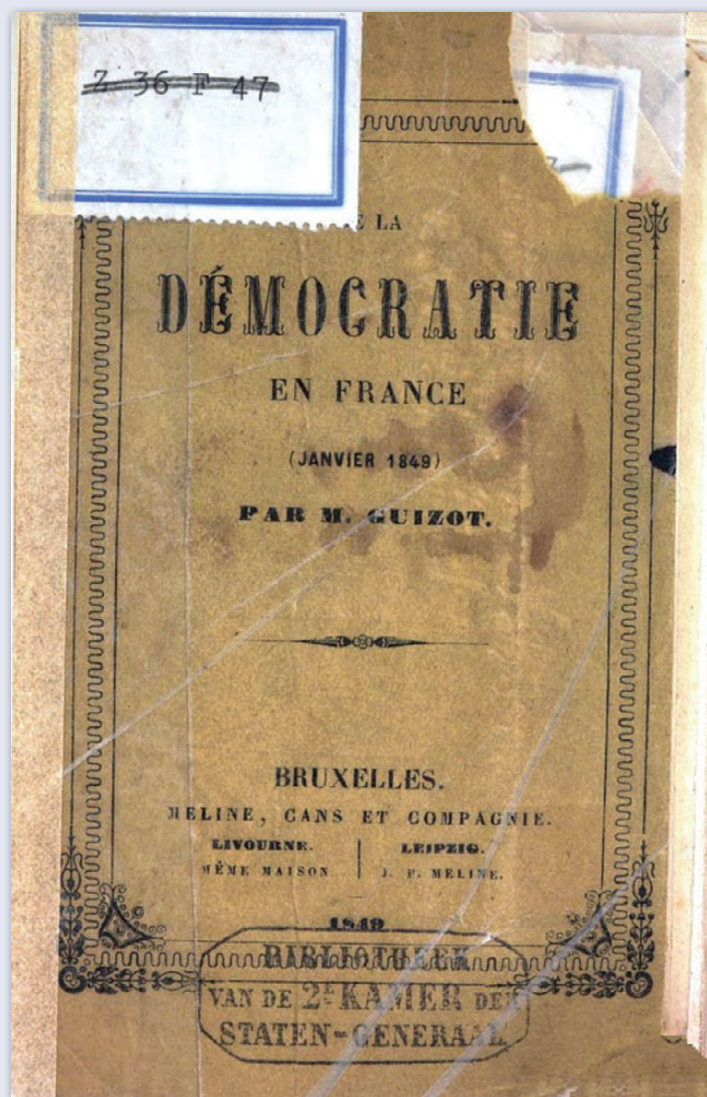


43. *Die Demokratie in Frankreich*. Von Guizot. Wien, Verlag von Carl Gerold, 1849, 80 p., 16,5 cm.

O presente volume exemplifica com clareza o quanto texto e materialidade comunicam e produzem sentido. A versão corresponde ao original francês, embora não seja totalmente fiel à sua estrutura. O prólogo aparece sob o título de “Vorwort”. Não há qualquer tipo de informação adicional, além das intenções do editor-impressor de criar um livro de bolso barato.

Exemplar da autora.

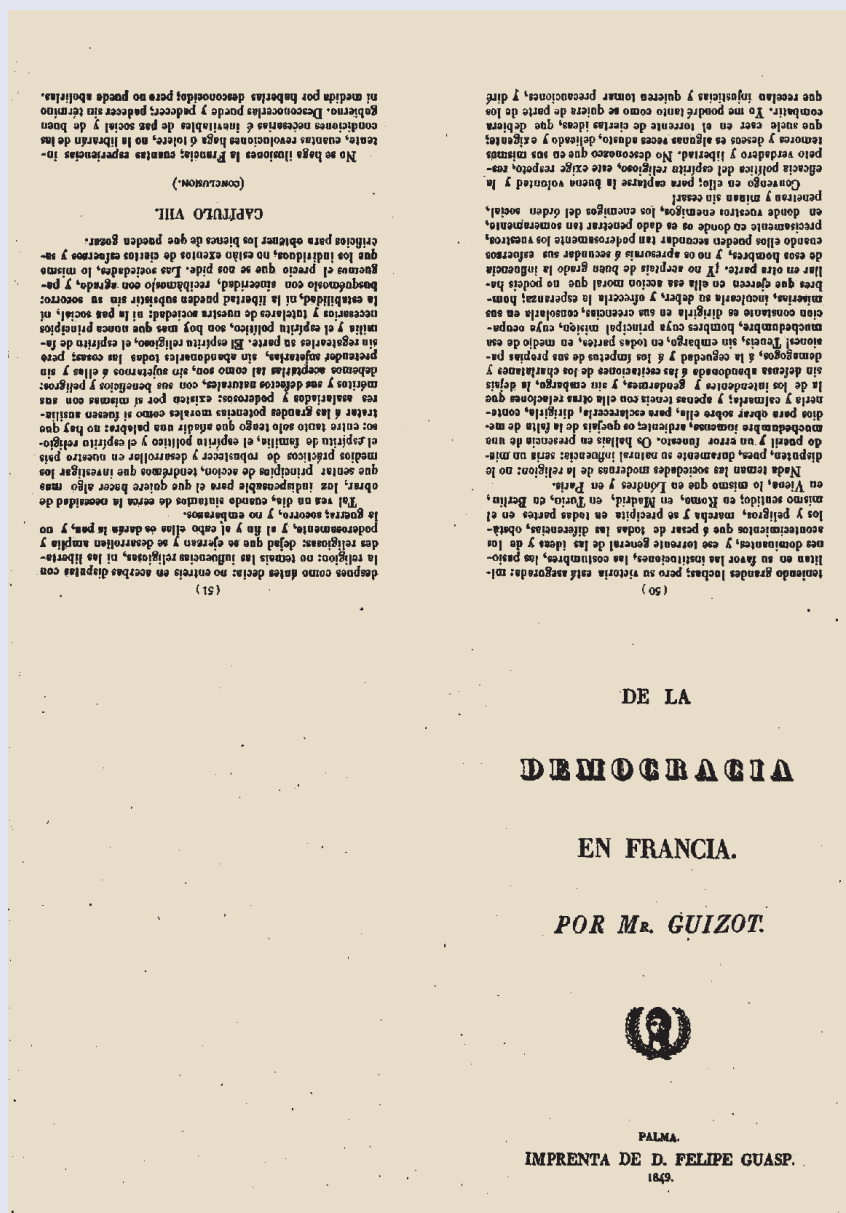




44. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles/
Livorno/Leipzig, Meline, Cans et Compagnie, 1849, 92 p., 15 cm.
Neste raro volume, a primeira e a quarta capas foram preservadas. No que toca à
materialidade livro, não restam dúvidas de que o seu mau estado diz muito sobre
a fragilidade do papel. Contrariamente ao que temos observado em várias edições
estrangeiras, as edições belgas não omitem o subtítulo “(Janvier 1849)”.

© Bibliotheek Van de Tweede Kamer der Staten-Generaal.

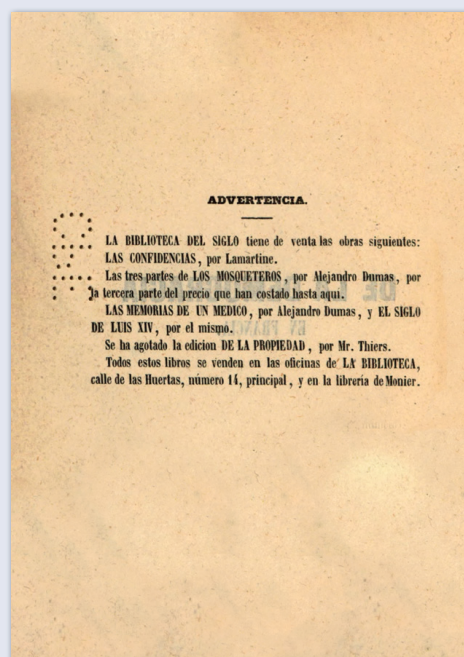
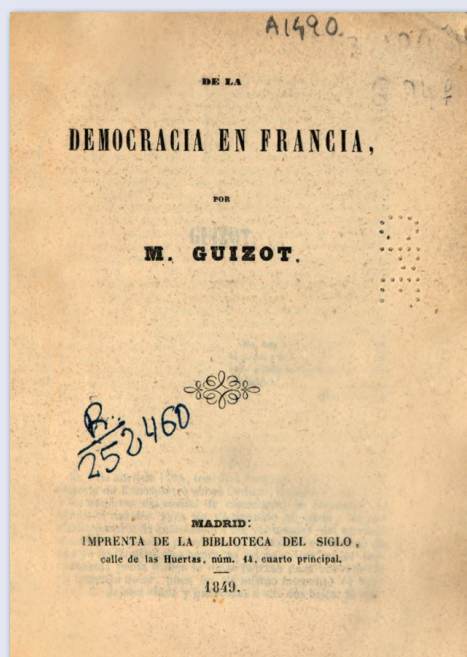




45. Folha do jornal onde se imprimiu a brochura *De la Democracia en Francia* por Mr. Guizot, Palma, Imprenta de D. Felipe Guasp, 1849, 54 p.
Realizou-se a imposição das páginas para que o colecionador pudesse reunir e dobrar os cadernos, resultando em pequeno volume.

© Biblioteca Nacional de España (Hemeroteca Digital)

O LIVRO GANHA O MUNDO 189

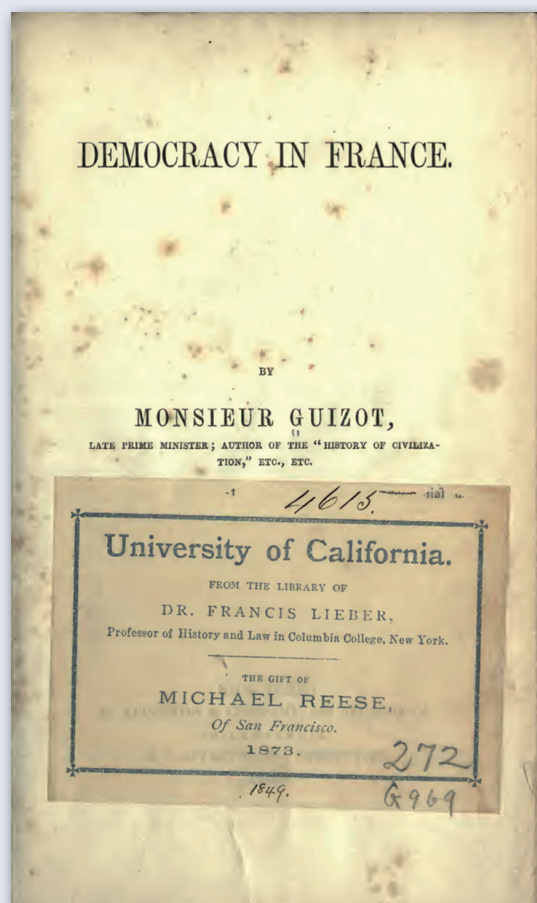


46-47. *De la Democracia en Francia*. Por M. Guizot. Madrid, Imprenta de la Biblioteca del Siglo, 1849, 102 p., 17 cm.

A edição é aberta por uma longa biografia do autor [pp. III-XVI], sob o título “Guizot”. O primeiro capítulo se inicia em página ímpar, seguido da reprodução do título do livro em caixa-alta. Não há sumário, porém, como se trata de uma edição encadernada, é possível que o mesmo tenha se perdido. Notemos que a editora apresenta em “Advertência” uma pequena lista de outros autores franceses contemporâneos, traduzidos para o espanhol e impressos pela casa.

© Biblioteca da Universidad Complutense de Madrid.





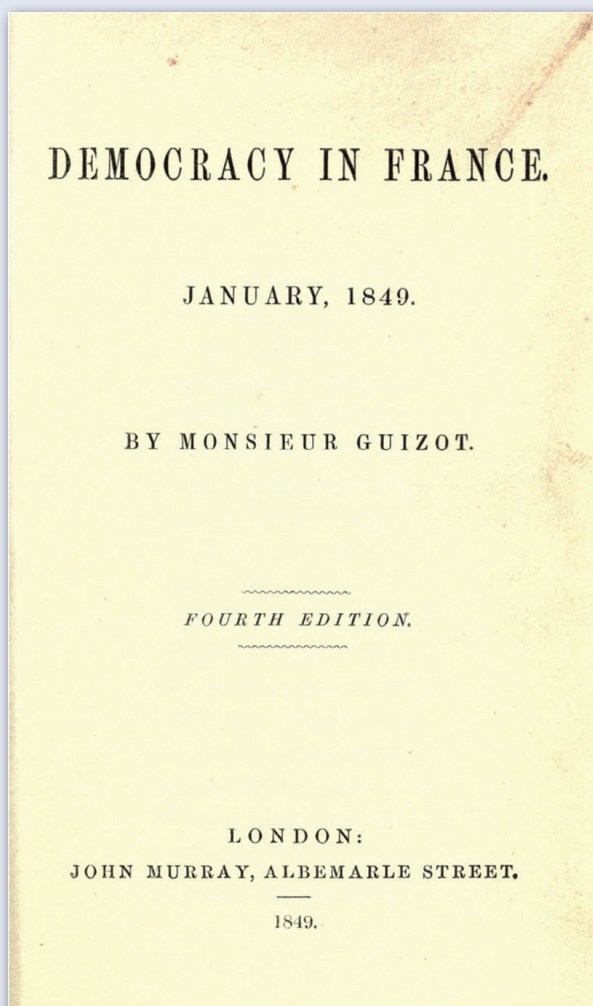
48. *Democracy in France*, by Monsieur Guizot. New York, D. Appleton & Co., 1849, 83 p. + 10 p. [catálogo editorial], 19,5 cm.

O exemplar apresenta algumas peculiaridades. Uma etiqueta inoportunamente colada sobre a impressão registra que a obra foi doada à biblioteca da Universidade da Califórnia por Michael Reese (1817-1878), filantropo de origem bávara, que fez fortuna na América e adquiriu, pela soma de dois mil dólares, a coleção de Francis Lieber (1798-1872). Deve-se, portanto, atribuir ao eminente filósofo, jurista e professor nascido em Berlim, mas que fez sua carreira nos Estados Unidos, as notas marginais, as colagens de notícias de jornais relativas a Guizot, inclusive, uma resenha de *Monk*, na brochura em tela. Tais elementos testemunham a recepção que teve a obra do pensador francês no meio político e intelectual estadunidense.

© University of California.

O LIVRO GANHA O MUNDO 191



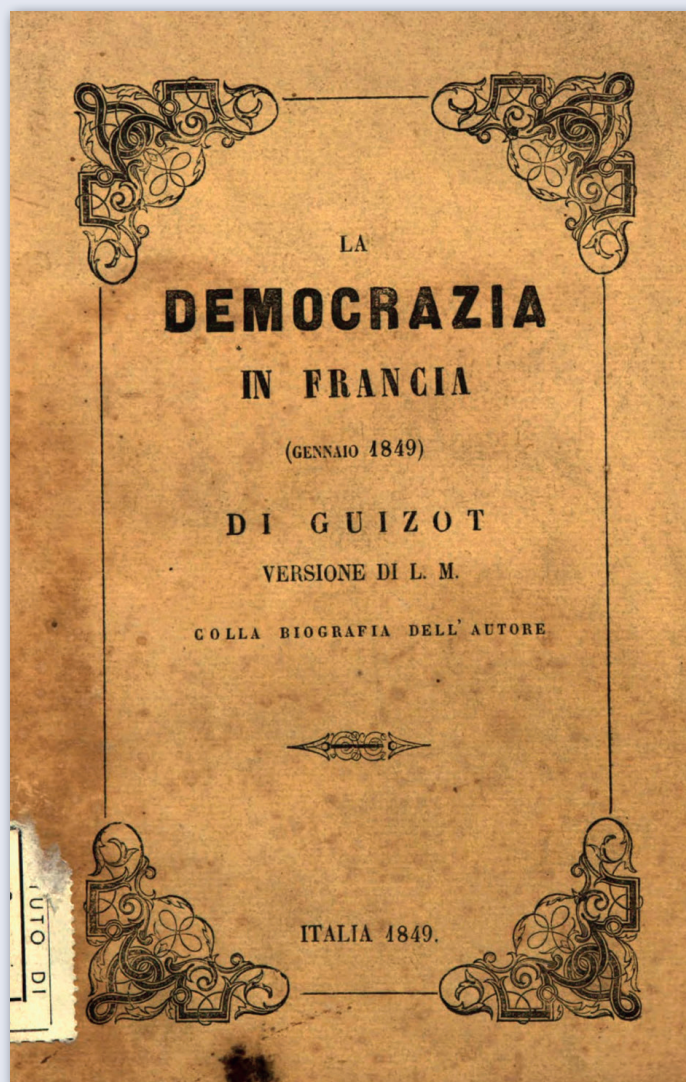


49. *Democracy in France*. By Monsieur Guizot. London, John Murray, 1849, 86 p., 22 cm.

A edição londrina saiu no mesmo dia da francesa, em 10 de janeiro de 1849. Porém, se o editor parisiense não deixou pistas sobre possíveis reedições e reimpressões após os primeiros meses do lançamento, John Murray fez das diferentes tiragens um recurso de publicidade do livro, como vemos neste exemplar (4ª. edição). A 5ª. edição foi anunciada pela imprensa em 1º de abril do mesmo ano. A estrutura do texto foi mantida, afinal de contas, Guizot acompanhou de perto a versão para o inglês. Curiosamente, o nome da tradutora, Sarah Austin, não figura nas edições inglesas.

© University of California-Southern Regional Library Facility.



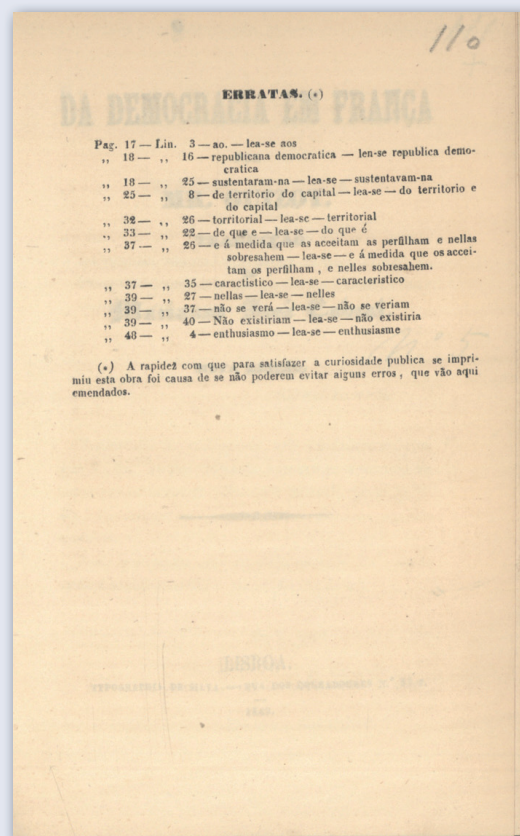
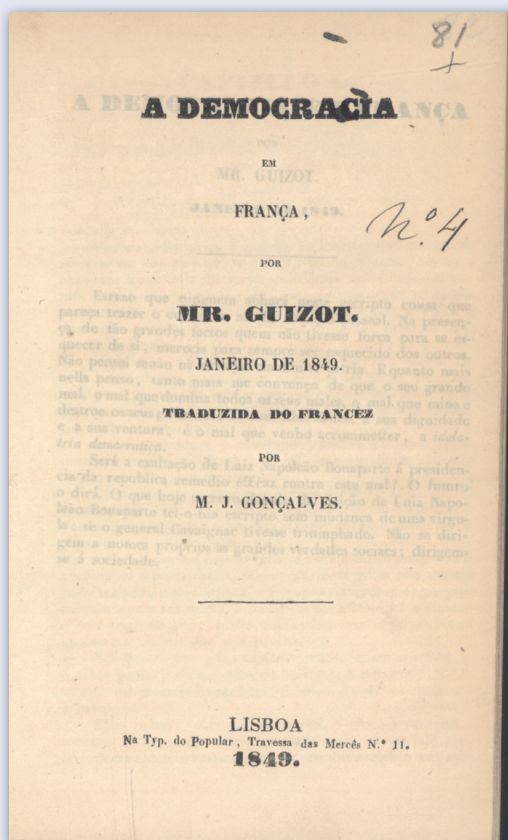


50. *La Democrazia in Francia (Gennaio 1849), Di Guizot*. Versione di L. M. Colla Biografia Dell'Autore. Italia, [s. ed.], 1849, 120 p., 17,3 cm.

A versão é assinada por L. M. “Un Solitario, Del Castello di Pagazzano, 18 febbraio 1849”. Um esboço biográfico de Guizot é escrito em tom bastante laudatório e, a exemplo da biografia inserta no exemplar espanhol, nosso autor insiste nos efeitos trágicos da época do Terror, durante a Revolução Francesa, sobre sua família (pp. 1-xv). O Prólogo foi suprimido, de modo que o texto entra diretamente no primeiro capítulo, “Da che Derivi il Male”. Outro aspecto curioso da brochura está no lugar de impressão: Itália.

© Biblioteca del'Università di Roma.

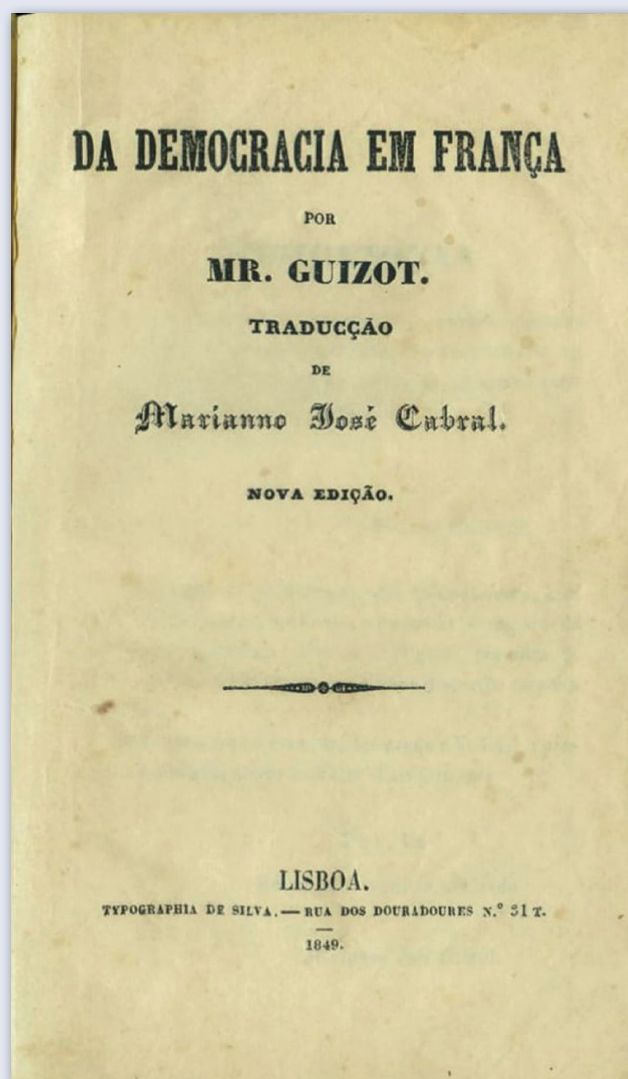




51-52. *A Democracia em França*, por Mr Guizot. Janeiro de 1849. Traduzida do francez por M. J. Gonçalves. Lisboa, Typ. do Popular, 1849, 60 p. + 1 p. [errata], 20 cm.

A tradução publicada pela Typographia do Popular apresenta o texto completo, respeitando, inclusive sua estrutura original. No fim do volume o editor apresenta uma errata, com a seguinte justificativa: “A rapidez com que para satisfazer a curiosidade publica se imprimiu esta obra foi causa de se não poderem evitar alguns erros, que vão aqui emendados”.

Exemplar da autora.



53. *Da Democracia em França*, por Mr. Guizot. Traducção de Mariano José Cabral. Nova Edição. Lisboa, Typographia de Silva, 1849, 58 p., 22 cm.

A edição impressa na Typographia de Silva se apresenta como “nova”. Trata-se, com efeito, de nova tradução, dedicada ao “Commendador Antonio Borges da Camara Medeiros, Fidalgo da Caza de S.M.F., ex-governador do Districto de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel”. Do ponto de vista material, o exemplar apresenta aspectos modestos, a exemplo do que temos visto na maior parte das traduções. A tipografia é bastante compactada e o texto foi publicado na íntegra. Falta-lhe apenas o sumário, cuja folha pode ter desaparecido quando da encadernação.

Exemplar da autora.







CAPÍTULO 6

A Travessia Atlântica



*Quanto a mim quero lhe fazer 2 encomendas tambem
– um exemplar da Démocratie en France de Guizot – e do
Raphael de Lamartine q abi nos jornais se annunciarão um
a 200 rs. e o outro 800.*

ÁLVARES DE AZEVEDO, 7 de julho de 1849*

*Tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de
que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma,
e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio.
Estas técnicas podem ser imateriais – como o estribilho das
canções, destinadas a ferir a atenção e a gravar-se na memó-
ria; ou podem associar-se a objetos materiais, como o livro,
um instrumento musical, uma tela.*

ANTONIO CANDIDO, 1958**





- * Carta do poeta à mãe, 7 de julho de 1849 (*Cartas de Álvares de Azevedo*, Comentários de Vicente de Azevedo, São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1976, p. 114).
- ** Antonio Candido, *Literatura e Sociedade, Estudos de Teoria e História Literária*, 8. ed., São Paulo, T. A. Queiroz, 2000, p. 32.





François Guizot era conhecido entre os leitores brasileiros? As “francesias” pautavam as sensibilidades e os debates políticos nacionais, sendo frequentes entre nossos oradores e escritores as glosas ou, mesmo, as citações literais de um amplo repertório que remonta à história literária desde o Século das Luzes até a historiografia romântica, para ficarmos circunscritos apenas ao recorte temporal do presente estudo¹. Como escreve Eduardo Frieiro, desde o século XVIII

[...] as ideias francesas contagiavam alguns brasileiros seletos daquele tempo. Constituíam, é claro, uma reduzida minoria, mas pode-se admitir, como se tem admitido, que tais ideias influíram no pensamento autonomista dos conjurados mineiros, junto com razões mais fortes, de ordem econômica e afetiva, como o grande receio da *derrama*, o sentimento nativista e a hostilidade ao português².

1. Cf. Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros, Instituições e Práticas de Leituras na São Paulo Oitocentista*, 2. ed., São Paulo, Edusp/Fapesp, 2019.
2. Eduardo Frieiro, *O Diabo na Livraria do Cônego*, 2. ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1981 [1. ed. 1957], p. 51. Não temos a intenção de propor um retrospecto historiográfico da produção sobre o livro e a leitura no Brasil, porém, mostrar como estas questões relativas às matrizes intelectuais da Revolução e do ideário iluminista estão presentes nas pesquisas locais (cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, “História da Leitura Luso-Brasileira: Balanços e Perspectivas”, em Márcia Abreu (org.), *Leitura, História e História da Leitura*, Campinas/São Paulo, Mercado das Letras/Fapesp, 1999, pp. 147-163; Luiz Carlos Villalta, *Reformismo, Censura e Práticas de Leitura. Usos do Livro na América Portuguesa*, São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP, 1999 (Tese de Doutorado); Marianne Reizewitz, “O Impacto do Ideário Iluminista no Brasil: Razão e Livros Sediciosos”, *Entre Passado e Futuro – Revista de História Contemporânea*, n. 1, ano 1, pp. 41-57, 2002).





Nesse sentido, a presença de François Guizot entre os leitores de nossa cepa não poderia ser objeto de exceção. Pois, como temos notado ao longo desse volume, estamos a tratar de um jurista, político e historiador que fez escola para os de sua geração, e logrou alcançar notável reconhecimento na Europa, desde os tempos da Restauração.

Os eventos políticos mais cotidianos, como a nomeação de Guizot para um posto do Estado, tornavam-se, no mínimo, uma nota de jornal, demonstrando que o leitor brasileiro estava acostumado a se orientar pelo meridiano francês. É o que veicula a *Gazeta do Rio Janeiro*, em abril de 1819:

O Monitor [jornal *Le Moniteur*] de Quinta-Feira passada contém duas Ordenanças Reaes. A primeira decreta que se forme, debaixo da autoridade imediata da Administração Communal e Departamental, e nomeia o Sieur Guizot, Director Geral da dita Administração [...]³.

Não se trata, apenas, de lançar luz sobre a nomeação de Guizot, a primeira, aliás, para uma pasta administrativa no gabinete de Talleyrand. Na verdade, quase todo o jornal se dedica a transcrever informações sobre a política e a administração francesas, cujo interesse, a bem da verdade, desafia nossa compreensão. Pois é preciso assinalar que esses textos são estampados em um momento particularmente crucial do destino da nação brasileira, tomada como estava por campanhas emancipacionistas e, em sentido mais radical, federalistas e republicanas, como a que houvera em 1817 no Nordeste⁴.

Não se pode, é fato, perder de vista o tom oficialismo que se imprimia a esta que foi, por razões geográficas, a primeira folha brasileira, rodada na Impressão Régia, desde 1808⁵. O jornal dirigido por Frei Tibúrcio se destinava, portanto, a informar o público nacional das cousas que se passavam na Corte de D. João – com uma ótima seção de anúncios, inclusive – e

3. *Gazeta do Rio de Janeiro*, 14 de abril de 1819, p. 3.

4. Notemos que em 1824, “a proclamação da Confederação do Equador demonstrava que as aspirações e os projetos republicanos e federalistas dos revolucionários de 1817 estavam vivos” (Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez, *História do Brasil. Uma Interpretação*, 5. ed., Prefácio de Alberto da Costa e Silva, São Paulo, Ed. 34, 2016, p. 364).

5. Por razões geográficas, porque o *Correio Brasiliense*, de Hipólito José da Costa (1774-1823), impresso em Londres, se antecipa à *Gazeta* em apenas três meses.





no mundo. Embora, como temos insistido, a seção internacional tenha se convertido em uma extensão do cotidiano parisiense⁶.

À crônica política é preciso somar outra sorte de notícia, destinada à difusão das ideias e das obras históricas de François Guizot. Nesse sentido, os exemplos da França ganham substância na medida em que são tomados em paralelo aos sucessos da política brasileira. Enquanto o regime da Restauração sofria uma guinada absolutista, após o atentado contra o Duque de Berry e a queda de Decazes, em 1820, também sobre D. Pedro I (1798-1834), particularmente após a outorga da Constituição, em 1824, sobejavam os ímpetos autoritários. As campanhas pelo regime monárquico constitucional começaram, então, a ganhar corpo nas ruas, na mesma medida em que diminuía a popularidade do jovem e intrépido Imperador.

Vimos, noutro estudo, que a primeira crise monárquica, em 7 de abril de 1831, que cobrara a D. Pedro I sua abdicação e fuga para... a França, antes mesmo que tomasse as armas para salvar o trono português à filha, teve na queda dos Bourbons e na Monarquia de Julho uma inspiração. Tudo isso reacendia o interesse pelas francesias e lançava luz sobre os doutrinários que, vitoriosos, conduziram o país ao regime da conciliação burguesa, ou, como ficou conhecido, o *juste milieu*. Lembremos que os jovens acadêmicos e os lentes da Faculdade de Direito festejaram em coro a Revolução de Julho nas ruas de São Paulo, o que lhes custou, aliás, forte reprimenda por parte das autoridades locais, fiéis ao trono⁷.

6. “A característica principal da fase proto-histórica da imprensa brasileira, válida apenas do ponto de vista cronológico, foi a iniciativa oficial, de que o aparecimento da *Gazeta do Rio de Janeiro* constituiu o primeiro fato. A iniciativa correspondia a determinadas causas – não era gratuita. Era agora necessário informar, e isso prova que o absolutismo estava em declínio. Já precisava dos louvores, de ver proclamadas as suas virtudes, de difundir os seus benefícios, de, principalmente, combater as ideias que lhe eram contrárias. Ao mesmo passo que, com a abertura dos portos, crescia o número de impressos entrados clandestinamente, inclusive jornais, e não apenas o *Correio Brasiliense*, apareciam as folhas que tinham bafejo oficial e que pretendiam neutralizar os efeitos da leitura do material de contrabando. O absolutismo luso precisava, agora, defender-se. E realizou a sua defesa em tentativas sucessivas de periódicos, senão numerosas, pelo menos variadas” (Nelson Werneck Sodré, *A História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 34. Retratos do Brasil, 51).
7. “Em São Paulo, louvava-se a França de julho de 1830, sobretudo para criticar possíveis intentos absolutistas de D. Pedro I. A manifestação fez com que o ouvidor Candido Japyassu ordenasse uma devassa. O *Observador Constitucional* aumentou as críticas que já endereçava ao ouvidor. Também a Câmara Municipal protestou contra Japyassu, enviando um ofício ao vice-presiden-





Portanto, não é necessário um mergulho profundo nos jornais brasileiros desse período para se concluir que a imprensa estava impregnada pelos eventos políticos d'*outre mer*. De 1830 a 1848 é possível acompanhar, com notável exatidão dos fatos, os sobressaltos para a consolidação da casa de Orléans no poder, os debates em torno das reformas políticas e da censura, implementadas em 1835, a alternância dos ministérios, até a ascensão de Guizot, em 1840, ao gabinete das Relações Exteriores, o que lhe facultava o posto de liderança no Conselho de Estado. Reproduzi-las seria redundante, pois esse terreno já foi bastante repisado durante todo o nosso escrito.

Diferente foi a abordagem que se lhe reservou a imprensa paulista. Em que pese o interesse acadêmico e político de lentes e alunos da Faculdade de Direito por seus escritos, nesses tempos de campanha constitucional, em oposição aberta, não raro, acintosa, contra o poder central. Tal particularidade justifica o uso dos discursos e dos escritos de Guizot sob a forma de “pensamentos” ou de paráfrases, para se discutir ou mesmo ilustrar qualquer tema que se considerasse relevante na agenda política. Nesse ponto, parece bastante instrutiva a leitura de *O Farol Paulistano*. Em seção dedicada ao federalismo⁸, anota o redator:

De todos os systemas de governo e de garantia política, o mais difícil de estabelecer é seguramente o systema federativo; systema que consiste em deixar cada localidade, a cada sociedade particular, toda a porção de governo que lhe pode tocar, e em não lhe tirar senão a porção indispensável para manter-se a sociedade geral, para a levar ao centro d'essa mesma sociedade, e constitui-la sob a forma de governo central [...] Guizot⁹.

A folha volta a lhe dar voz sob a forma de uma paráfrase:

te de São Paulo, no qual dizia que a devassa geral poderia causar uma sublevação contra este ouvidor” (Lincoln Secco e Marisa Midori Deaecto, “A São Paulo de Líbero Badaró”, *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, n. 189, abril-junho de 2003, p. 157).

8. Sobre a capacidade dos federalistas de se adequarem à realidade monárquica, mas sobretudo por terem avançado em proposições que, ao fim e ao cabo, introduziram mudanças importantes no arranjo político-institucional após a abdicação de D. Pedro I, em 1831 (cf. Miriam Dohnikoff, *O Pacto Imperial. Origens do Federalismo no Brasil do Século XIX*, São Paulo, Globo, 2005).
9. *O Farol Paulistano*, 22 de fevereiro, de 1831, p. 1.





– Cuidado meus Senhores (diz Guizot no seu curso d’historia moderna) não nos entreguemos muito ao sentimento da nossa ventura; do nosso melhoramento; arriscamo-nos a cair em dois graves perigos, o orgulho e a moleza; poderemos confiar excessivamente no poder, e no sucesso do espírito humano, das nossas luzes actuaes, e ao mesmo tempo deixar-nos enervar pela doçura da nossa condição [...]¹⁰.

O *Farol Paulistano* foi o primeiro jornal impresso na cidade de São Paulo, fundado por José da Costa Carvalho (1796-1860), em 1827. Esse aguerrido publicista do liberalismo e da monarquia constitucional nasceu em Salvador, formou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, e se instalou na capital paulista como comerciante de fazendas secas, na rua do Ouvidor, 34. Fez parte da Regência Trina Permanente (17.6.1831 a 18.7.1833), foi nomeado diretor da Faculdade de Direito (1835-1836), ocupou a presidência da Província de São Paulo, no curto período de 20 de janeiro a 24 de agosto de 1842, quando eclodiu a revolta liberal¹¹. Deve-se a ele a promulgação da lei de 4 de setembro de 1850, que extinguiu o tráfico de escravos. Em 1854, recebeu as ordens de Marquês de Monte Alegre, conforme figura em suas biografias¹².

Na capital planaltina casou-se com Dona Genebra de Barros Leite (-1836), viúva do Brigadeiro Luís Antônio de Souza (?-1818), de tradicional família paulista, oriundo do patriarcado rural aristocrático e dono da maior fortuna que São Paulo conheceu nas primeiras décadas do século. A informação é importante, pois do inventário *post-mortem* de sua esposa foi possível arrolar os títulos de uma excelente biblioteca, repleta de francesias que se conformavam bem ao perfil intelectual e às manifestações públicas de Costa Carvalho. Esse provável leitor de Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Voltaire e Thiers, guardava, igualmente, um volume de *Des Moyens de Gouvernement et d’Opposition dans l’État Actuel de la*

10. O *Farol Paulistano*, 1ª de março de 1831, p. 1.

11. Sobre sua participação na revolta, cf. Aloísio Azevedo, *A Revolução Liberal de 1842*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

12. Cf. Luis Correia de Melo, *Dicionário de Autores Paulistas*, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954 [Verbete José da Costa Carvalho].



France, de François Guizot¹³ – cumpre assinalar, obra de onde se extraía o trecho da primeira citação¹⁴.

Noutro momento, o redador imprime na folha o que poderíamos chamar de seu triunvirato liberal, composto por Lord Mansfield (1705-1793), George Washington (1732-1799) e, como não poderia deixar de ser, Guizot¹⁵. Era como se os artigos da *Edinburgh Review*, essa proeminente revista inglesa, fundada em 1802 e orquestrada por uma plêiade de liberais conservadores, fossem incorporados ao jornal de Costa Carvalho. E a alusão ao periódico que tanto contribuiu para a difusão da obra de nosso autor na comunidade anglófona não é fortuita, pois a referência consta entre os poucos títulos adquiridos pela Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, nos primeiros anos de sua fundação (1827)¹⁶.

13. A primeira edição é de Paris, *Ladvocat*, outubro 1821, in-8°.

14. Cf. Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros*, p. 160. É possível que essa obra tenha feito escola entre os juristas e políticos formados na primeira metade do Oitocentos, pois no escrutínio das bibliotecas arroladas nos inventários *post-mortem* não são incomuns as referências a Guizot. Sabemos, por exemplo, que João Theodoro (1828-1878), o célebre Presidente de Província responsável pela primeira modernização urbana da cidade de São Paulo, no período de 1872 a 1875, guardava os volumes de *Gouvernement Representatif*, como ficou anotado no documento (cf. Vivian Nani Ayres, *Da Sala de Leitura à Tribuna. Livros e Cultura Jurídica em São Paulo no Século XIX*, São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP, 2018, Tese de Doutorado).

15. As referências se apresentam sob a forma de citações, na seção “Variedades”. A passagem do liberal francês é a mais longa, ocupando duas colunas, contra apenas algumas linhas dos outros dois. Não vamos reproduzi-la, pois seu interesse é muito secundário. No fundo, o que se coloca em tela é a relação entre a teoria e a prática no mundo da política (*O Novo Farol Paulistano*, sábado, 31 de março de 1832).

16. Segundo o quadro estatístico publicado por Daniel Pedro Müller, em 1837: “Possue esta Academia uma Biblioteca com seis mil e quarenta e cinco volumes; entrando n’estes volumes algumas obras antigas de valor, e que estão ainda em bom estado; faltam porém todas as obras modernas, mesmo pertencentes á classe de Jurisprudência. Sobre Bellas Lettras quasi nada possui. A *Encyclopaedia* existe truncada [a coleção incompleta pertencera aos franciscanos]. No tempo do Director Carneiro de Campos vieram – *The Edinburgh Review or Critical Journal* n. 1 Outubro de 1802 até n. 125 Outubro de 1835. – *The Quarterly Review* n. 1 Janeiro de 1824 a n. 49 Outubro de 1835 – *Encyclopédie Populaire*, vols. 10 a 125 – *Jornal do Instituto Histórico* de Outubro de 1834 até Agosto de 1835 – *Jornal dos Conhecimentos Úteis* do n. 1 Outubro de 1831 até Dezembro de 1835 – *Encyclopédia dos Conhecimentos Úteis* n. 1 Outubro de 1822 até n. 48 Setembro de 1834 desde a letra – A – até – C A. – *Revue Botanique* de Janeiro de 1833 até Dezembro de 1835 – *Revue Encyclopédique* de Janeiro de 1833 a 1834 – *Revue des Deux Mondes*. Outubro de 1834 a Janeiro de 1835. Secretaria da Academia Jurídica de S. Paulo, 16 de Dezembro de 1836. – Ildefonso Xavier Ferreira, O official Guarda Livros servindo de Secretario o fez” (*apud* Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros*, p. 191).





Aliás, a instituição será alvo de nova matéria publicada pelo *Farol*. Dessa vez, não é sem interesse que o articulista observa, ali, a ausência de obras históricas modernas:

A aula de Historia e Geographia devia achar-se na vizinhança da Bibliotheca, por motivos tão claros que seria ocioso apontar-os, e esta Bibliotheca mormente pela tendencia do século actual, e pelos enormes desvarios que tem produzido na legislação e administração de muitos paizes a falta de conhecimentos das relações politicas, da posição diplomática, de documentos historicos – devia conter mais obras modernas. Ha revistas em abundancia; pergunte-se por Herder, Heeren, Wardens, Guizot, Thiers & C. – não existem na livreria¹⁷.

O artigo foi assinado por Julius Frank (1808-1841), lente de História e Geografia do curso preparatório para admissão na Faculdade. Nascido em Gotha, na Alemanha, essa personalidade singular e lendária no meio acadêmico paulistano iniciou a docência em 1828, na mesma época em que outra figura, não menos lendária, o italiano Libero Badaró, vinha tirar o velho burgo de seu marasmo costumeiro¹⁸. Em 1831, fundou a Burschenschaft – ou, simplesmente, Bucha – sociedade filantrópica que acolheu e deu voz ao liberalismo, ao republicanismo e ao abolicionismo, cujo papel será determinante, como observam os estudiosos do tema, na formação ideológica do corpo acadêmico e político paulista. O túmulo de Julius Frank repousa no pátio da Faculdade de Direito, pois na ocasião de sua morte não havia um cemitério protestante na cidade¹⁹.

A DEMOCRACIA: DO ESPAÇO DA CRÍTICA AO FOLHETIM

O interesse pela vida política de Guizot e por sua produção intelectual teve outros desdobramentos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,

17. *O Novo Farol Paulistano*, 31 de dezembro de 1836, p. 2.

18. Giovanni Baptista Libero Badaró (1798-1830), professor substituto de Aritmética e Geometria do curso preparatório para admissão na Faculdade de Direito, teve trajetória meteórica e trágica no meio intelectual planaltino. Instalou-se em São Paulo em 1828, a convite de José da Costa Carvalho. Foi assassinado, a tiros, por um opositor político, na noite de 20 de novembro de 1830, na rua de São José – a mesma que, no período republicano, seria batizada com seu nome (Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros*, p. 165).

19. *Idem*, p. 169.



“fundado sob os auspícios da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional debaixo da imediata proteção de s.m.i. e Senhor D. Pedro II”, outorgou ao historiador francês o Diploma de Sócio Honorário, em sessão solene ocorrida em 22 de fevereiro de 1840²⁰.

A rotina se quebra e o leitor será pego de surpresa quando começam a circular as primeiras notícias de que Paris se tornara palco de mais uma Revolução. Voltemos para a Corte, onde as informações estrangeiras eram anunciadas em primeira mão. Notemos, todavia, que a novidade de fevereiro alcançou a Corte somente em abril:

Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. Chegou hontem de Falmouth, com 36 dias de viagem, o paquete inglês Crane inesperadas e da mais transcendente importancia são as noticias que nos traz. Acabou a monarchia em França, fugio para Inglaterra toda a família real, proclamou-se a republica! O governo de Luiz Philippe, que se julgava tão enraizado, cahio sem que uma só voz se levantasse em seu favor sem que em todo o reino um só braço se erguesse para defendê-lo! Nos dias 22 e 23 de fevereiro, alguns grupos que percorrêrão as ruas da capital gritando: – Abaixo Guizot! Viva a reforma! – forão atacados pela guarda municipal, e correu o sangue: mas no dia 24 a população de Paris, em massa, sahio a campo, a guarda nacional fraternizou com o povo, e a tropa de linha recusou bater de contra seus concidadãos. Restava só em attitude hostile a pequena força que guarnecia o palácio das Tulherias, onde se achava toda a família real. O povo marchava para atacar esse ultimo bastião da realeza. O resultado do conflito não podia ser duvidoso. A familia real fugio, evitando assim um derramamento de sangue inutil, e a dynastia de Luiz Philippe cessou de reinar em França.

O governo republicano foi proclamado imediatamente em todo o reino [...]²¹.

Esse é apenas o resumo de um longo relato que ocupa toda a primeira página do jornal, em cinco colunas cheias. Sabemos que o *Jornal do Commercio*

20. O documento é assinado pelo Secretário Perpétuo Januário da Cunha Barbosa (1780-1846). Em 17 de junho de 1872, François Guizot será condecorado com a Grande Cruz da Ordem da Rosa, cujo diploma, assinado pelo Imperador D. Pedro II, consta no mesmo dossiê (Dossier 11 – Societés Savantes du Brésil et des États-Unis, AN, MS, 42ap318).

21. *Jornal do Commercio*, 12 de abril de 1848, p. 2.





foi a maior folha circulante no Rio de Janeiro daquela época e, também, a mais longeva²². O *Correio Mercantil*, segundo título em tiragem e alcance na Corte e nas províncias, antecipou-se ao concorrente em um dia. Porém, divulgou a novidade com muito mais parcimônia, ao substituir a crônica pela opinião:

Hoje é a conversão de todas as classes, de todos os círculos, de cada um cidadão, o passo que acaba de dar a França, repelindo ousada a monarquia constitucional representativa para adoptar a forma republicana, em seu viver de nação: e em verdade, se houvéssemos de emitir o nosso pensar de jornalista consciencioso; se houvéssemos de tomar à peito, esta questão gravíssima, importante, e mais que muito vital para a sorte futura de um povo, agora e sempre pronunciaríamos contra a actual revolução franceza²³.

O Brasil não será menos direto ao defender seu *parti pris*:

Política Geral. A Republica franceza. Um immenso acontecimento acaba de realizar-se em França: a republica está proclamada, Luiz Philippe e sua família acham-se na Inglaterra; o rei das tranqueiras, depois de haver completamente esquecido a sua origem e abusado da paciência dos povos, teve de succumbir á immensa manifestação popular, quasi sem defensores!!

Logo:

Era mister uma concessão, era mister alargar a base eleitoral, admitir ao menos a inteligência a par do dinheiro no corpo eleitoral. Luiz Philippe não reco-

22. A Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C. foi adquirida de Pierre Plancher, fundador do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. O título “Imperial e Constitucional” apareceu em 1824, em homenagem à constituição outorgada por D. Pedro I. Segundo Hallewell, coube a ele “o mérito de ter possuído a primeira impressora mecânica do hemisfério sul e, mais tarde, a primeira rotativa e a primeira linotipo. Em 1848, quando sua firma contava três impressoras mecânicas, quatro manuais e oitenta empregados, ele era, de longe, o maior impressor da cidade. Seus principais concorrentes foram a Typographia Nacional (com uma impressora mecânica, uma manual e 62 empregados), Paula Brito (uma impressora mecânica e seis manuais); Laemmert (uma mecânica e seis manuais) e as impressoras do *Correio Mercantil* e do *Correio da Tarde* (cada qual com uma mecânica e duas manuais)”. Por esta descrição não é difícil imaginar a razão pela qual o Rio de Janeiro despontou no mercado editorial oitocentista (Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil. Sua História*, São Paulo, Edusp, 2012, p. 160).

23. *O Correio Mercantil*, 11 de abril de 1848, p. 2.





nheceu essa necessidade; entendeu que uma massa de perto de 35 milhões de homens podia ficar ainda sob a tutela de uns 300.000 eleitores, em grande parte empregados públicos. Indícios lhe não faltaram de que cumpria ceder: a guarda nacional de Paris de cuja força tinha sido o seu principal apoio nos dias da revolta o havia abandonado; Paris elegera 12 deputados oposicionistas! ... Luiz Philippe e Guizot não cederam e fizeram pela sua maioria condenar os banquetes reformistas, quizeram oppor-se-lhes pela força... e hoje a França é republica!! A direção do movimento popular e da opinião publica escapou aos chefes menos moderados do partido dynastico, ao proprio Odilon Barrot e lá foi parar ás mãos da mais extrema esquerda, Ledru-Rollin e Duport de l'Eure!²⁴

Na perspectiva do redator, era necessário ceder, o que significava compor uma política de conciliação. A palavra de ordem se direcionava, certa, ao cenário brasileiro: à oposição entre as províncias e a Coroa somavam-se as intrigas, na Corte, entre exaltados e conservadores, que buscavam, em lugar da negociação, a alternância do poder²⁵. Esse quadro se tornara ainda mais ameaçador diante das revoltas provinciais que, nascidas na Regência, estavam longe de esmorecer os ânimos, a tomar pelo exemplo do Partido da Praia, no Recife. Justiniano José da Rocha (1812-1862), esse “conservador convicto”, nos termos de Sérgio Buarque de Holanda, faz dos eventos de Paris e da Europa uma fonte de aprendizado, não exatamente da República, mas de um regime monárquico fundado no princípio do equilíbrio das forças²⁶. Escusado dizer que durante todo o ano de 1848 a imprensa se divide entre os sucessos da política francesa – ou melhor, europeia – e uma nova revolução que toma de assalto o Recife, em novembro do mesmo ano.

Portanto, a travessia atlântica da brochura de François Guizot guarda uma relação estreita com eventos de natureza universal, ou seja, as revoluções europeias, mas também com as questões internas, para as quais suas palavras surgiam como um remédio, para usar uma expressão da época. Pelo menos, essa era a perspectiva dos setores mais conservadores da so-

24. *O Brasil*, 12 de abril de 1848.

25. O gabinete conservador tomará posse em 29 de setembro de 1848, o que terá significado profundo para as agitações em Pernambuco, durante a administração do Partido da Praia, como veremos mais adiante.

26. Sérgio Buarque de Holanda, *Capítulos de História do Império*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 43.





cidade. Nesse sentido, interessa compreender as estratégias de difusão do livro nos jornais, tanto quanto os perfis do tradutor e de outros agentes que concorreram para a sua difusão.

Embora não constitua novidade a venda de edições francesas nas livrarias da Corte e sua distribuição nas províncias²⁷ – e, nesse caso, a encomenda de Álvares de Azevedo em carta endereçada à mãe, reproduzida sob a forma de epígrafe nesse capítulo, constitui exemplo eloquente –, seria interessante descobrir se as edições espanholas atingiram o leitorado latino-americano²⁸ (brasileiro, inclusive) e, de forma análoga, se as edições portuguesas (duas simultâneas!) circularam no comércio carioca. Embora não tenhamos poupado esforços para identificar essas brochuras em nossas bibliotecas, ou mesmo em inventários, nenhum vestígio foi identificado.

Do levantamento das citações e referências indiretas à edição europeia, observa-se que a imprensa brasileira concorreu, ligeira, para a sua publicidade. As primeiras notícias identificadas nos jornais datam do mês de março de 1849 – lembremos que a primeira edição parisiense saiu em janeiro do mesmo ano, e que a notícia da Revolução de Fevereiro foi anunciada no mês de abril nos jornais brasileiros.

É o que se lê em 6 de março de 1849:

A Obra de Mr. Guizot

O profundo estadista da França, Mr. Guizot, publicou há pouco em Paris o seu opúsculo – *De la Démocratie en France* – que tanta sensação tem causado no mundo literário. O seguinte extrato dos primeiros dous capítulos d'esta obra, póde dar alguma idéa do seu merecimento²⁹.

Segue, então, a reprodução de um excerto do livro. Publicou-se, justamente, pequeno trecho no qual o autor discute os múltiplos significados da

27. Cf. Ubiratan Machado, *História das Livrarias Cariocas*, São Paulo, Edusp, 2012.

28. Registramos apenas a menção a um estudo de Ortega y Gasset sobre a pertinência de se investigar a recepção do autor no mundo hispânico (cf. José Ortega y Gasset, “Guizot y la Historia de la Civilización en Europa” [Prólogo], em François Guizot, *Historia de la Civilización en Europa*, 3. ed., Madrid, Alianza Editorial, 1990). Além da tradução de *Democracia* para o público mexicano, conforme anotado no capítulo 3, chamamos a atenção para uma edição temporã de *Discurso sobre Tolerancia Religiosa*, de Mr. Guizot, traducido del francés, Rionegro, Imprenta de Manuel Antonio Balcazar, 1828. A Juan David Murillo Sandoval, professor do Instituto Caro y Cuervo, de Bogotá, meus sinceros agradecimentos pelo envio dessa brochura.

29. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1849, p. 2.





palavra “democracia”, à luz da visão monarquista, republicana, ou socialista (incluindo, no grupo, os comunistas e os *montagnards*³⁰). Nas palavras do ex-Ministro francês, reproduzidas no jornal:

O chaos occulta-se hoje sob uma palavra: *democracia*³¹.

He a palavra soberana, universal. Todos os partidos a invocam e querem apropriar-se d’ella como de um tallisman [...]³².

O *Brasil* adianta a possibilidade de o público ter, em breve, a brochura vertida para o português, por “preço diminutíssimo”, o que não deixa dúvida sobre a intenção de tornar o escrito mais acessível ao leitor brasileiro. Estaria o jornalista empenhado diretamente nesse projeto? Por enquanto, contentemo-nos com o primeiro anúncio lançado ao público:

Sabe-se que o insigne Guizot acaba de publicar na Inglaterra um opúsculo do mais súbito interesse sobre a república em França. O fim principal dele é preparar a eleição do ex-ministro de Luiz Philippe á assembleia legislativa franceza. Hoje dá notícia o *Diario* de estar um especulador em França vertendo para portuguez e imprimindo esse opúsculo, que pretende mandar para o Brasil com profusão, para ser vendido por preço diminutíssimo³³.

Passados dois meses, nova referência ao livro, agora, na seção internacional do *Correio da Tarde*:

Notícias de França

No dia 10 devia publicar-se simultaneamente em Londres e Pariz a primeira obra que Guizot escreve depois de fevereiro – Da democracia na França.

30. Os *montagnards*, numa referência direta aos adeptos do partido da montanha de 1789, compunham a ala social-democrata e republicana. Nas eleições legislativas de 1849, sob o comando de Ledru-Rolland, foram derrotados pelo partido da ordem.

31. A variante da tradução publicada pouco depois em livro nos parece menos dramática: “O chaos anda envolvido hoje n’esta palavra: democracia”. As variações verificadas entre um texto e outro, ou seja, do jornal (folhetim) e do livro indicam que se trata de duas traduções distintas.

32. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1849, p. 2.

33. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de março de 1849, p. 4.





A Assembleia Nacional [jornal *l'Assemblée Nationale*] traz antecipadamente extractos della³⁴.

De fato, há vários “extratos” do texto esparramados pelos jornais. Na maior parte, traduções daqueles mesmos excertos veiculados na imprensa parisiense, como vimos no capítulo 4.

A leitura dos anúncios e dos artigos levanta questões tanto sobre a recepção do libelo, quanto do contexto político que o tornara tão atrativo. Do conjunto de textos publicados à época, foi observada a polarização de duas correntes políticas atuantes na imprensa, embora nem sempre se possa definir com clareza a linha divisória que separa conservadores e exaltados, quando o problema a ser enfrentado é o de uma Revolução.

Passemos em revista a batalha que se trava, na Corte, entre os jornais *Correio Mercantil* e *O Brasil*, em torno do escrito de Guizot.

O *Correio Mercantil* apresenta na seção de notícias estrangeiras breve menção ao livro – de modo totalmente marginal, é verdade – ao publicar longa entrevista de Richard Cobden³⁵, após reunião sobre uma reforma financeira inglesa que parecia inquietar a classe dos capitalistas em todo o mundo. O que ele diz na entrevista?

Por isto estou convencido de que Luiz Napoleão, e Cavaignac, e Guizot (que publicou hontem um livro) e todos os homens públicos da França, e até M. Thiers, hão de concordar comigo que se há em França uma paixão dominante, é a da paz (artigo reproduzido de *Revolução de Setembro*)³⁶.

Alguns dias mais tarde, no artigo “O Livro de Guizot Julgado pela Imprensa Inglesa”, o assunto volta à tona. O redator – seria o diretor do jornal? – vale-se de uma recensão publicada em Londres, no *Daily News*, mas logo traduzida e veiculada pelo *Journal du Havre*, para criticar o opúsculo:

34. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1849, p. 2.

35. Richard Cobden (1804-1865) foi um industrial, economista e político britânico, membro radical do Partido Liberal e negociador do Tratado Cobden-Chevalier, do qual trata a notícia citada (Anthony Howe e Simon Morga, *Rethinking Nineteenth-Century Liberalism: Richard Cobden Bicentenary Essays*, [s.l.], [s. ed.], 2006).

36. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1849, p. 2.



A imensa aceitação do livro do Sr. Guizot sobre a democracia é devida mais à curiosidade que tão naturalmente devia excitar a posição particular do autor do que ao mérito intrínseco da obra. Na verdade em uma questão deste gênero não se deve esperar do Sr. Guizot aquella imparcialidade que se deveria legitimamente desejar: por mais que se queira mostrar imparcial não deixa elle de estar sempre no caso de um condemnado incumbido do processo de seus juizes [...] ³⁷.

Vimos, no capítulo anterior, que os jornais parisienses de opposição ao partido da ordem não lhe pouparam críticas. Nesse ponto, interessa registrar que o redator do *Correio* se obstina a estampá-las em sua folha. Passados alguns dias, ele volta à carga, dessa vez em texto mais alentado e focado na brochura. Na verdade, o alvo da crítica é o redator de *O Brasil*, como podemos verificar nas passagens abaixo transcritas:

[...] Queria alguém decifrar esta charada, e, guiado pelo *Brasil* [referência ao jornal], ir estudar no livro de Guizot em que é fatal o princípio democrático na confusão em que se acha, e em confusão se achará esta pobre cabeça: o em que é fatal, nunca o decifrará; não é disso que cura Guizot: o *Brasil* quiz chingar a democracia; chamou-a fatal.

[...]

Desejaríamos que nos dissesse o *Brasil* em que capítulo, abandonando Guizot a especialidade da França, descrevem os elementos de que se compõem as nações? Em qual delles se acha o trabalho completo sobre a sciencia do governo? Onde, e quaes são as descobertas de novos princípios e relações novas que levarão a sciencia alem dos limites actuaes? Pura phantasia do *Brasil*, que tinha necessidade de materia para encher uma pagina! [...] ³⁸.

Em “Um Juízo Imparcial”, o redator de *O Brasil* responde ao chamado do jornalista, a quem dedica um longo arrazoado, digno de duas longas colunas, impressas na segunda página de sua folha. Vejamos:

37. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1849, p. 1.

38. *Idem*, 14 de maio de 1849, p. 2.



CORREIO DA TARDE

O "CORREIO DA TARDE" — he jornal politico, litterario e commercial — apparece todos os dias que não forem de guarda, depois das 5 horas da tarde, na Typ. AMERICANA DE I. P. da Costa, Rua da Assembleia N.º 27, onde se recebem annuncios e artigos, que não estiverem offensas á moral publica e vida privada, para serem publicados no mesmo dia, sendo em regua os pague, os primeiros até as 3 horas, a razão de 80 reis por linha ordinaria, os segundos até ao meio dia e pelo que se convencionar, vindo legalizados, quando esta circumstancia se fizer necessaria. As noticias recebem-se gratuitamente. O preço da assinatura he 6\$000 por semestre e 3\$200 por trimestre. O escriptorio do jornal he na mesma Typographia.

N.º 39

RIO DE JANEIRO, SEXTA FEIRA 18 DE MAIO DE 1849.

Rs. 120.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DO IMPERIO.

Rio de Janeiro — em 15 de maio de 1849.

Sua Magestade o Imperador ha por bem, que V. S. exija do Administrador do Correio da Corte, e transmita sem demora á esta Secretaria de Estado, as seguintes informações:

1.º Se já estão promptos os livros em que, na forma das instrucções de 24 do mez passado, devem ser transcriptos os nomes dos assignantes do Correio e dos moradores dos districtos, em cujos domicilios os carteiros têm de entregar as cartas e mais papeis; advertindo-lhe V. S., que a não estarem, trate immediatamente de apressar-lhes, empregando na escripturação d'elles cinco dos escripturarios, praticantes ou addidos mais expeditos, os quaes escreverão ao mesmo tempo, cada um em seu livro, os nomes que um outro escriptuario lôr lendo.

2.º Se depois das providencias dadas nas citadas instrucções, e nas de 8 do corrente, continuam a sair carteiros com duas e tres cartas para pessoas que moram em diversas e distantes logares; ficando, na intelligencia de que a dar-se, não mais deverá reproduzir-se semelhante facto; pois que os carteiros não podem de modo algum ser desviados da sua a que muito mal poderão satisfazer, se deixarem de ser exclusivamente empregados no serviço que lhes compete, na forma do regulamento e das citadas instrucções.

3.º Se continuam a entrar nas salas dos trabalhos do Correio pessoas estranhas que ali se demoram; fazendo V. S. sentir ao Administrador, que o Governo Imperial, de nenhum modo tolerará a menor relaxação no cumprimento das ordens dadas a este respeito.

Além do exposto, ha outro sim o mesmo Augusto Senhor por bem, que desde já se observe na administração do referido Correio, as seguintes providencias:

1.º O Administrador mandará publicar todos os dias no "Diario do Rio", em quanto se não ordenar o contrario, uma nota em que se declare quantos

carteiros chegam diariamente á casa da Administração, a que horas, em quanto foram conferidos os officios, cartas e mais papeis, e em que tempo os entregaram aos carteiros, aos quaes também se marcará o tempo dentro do qual devem fazer a entrega.

2.º As malhas que tiverem de expedir-se serão divididas por gavetões, de maneira que se não possam já mais confundir, as que pertencem a uma linha de correio, com as que pertencerem a outra, ainda que ambas as linhas sejam da mesma Provincia.

3.º Para cada administração ou agencia de Correio haverá tantas malhas quantas forem precisas, nas quaes será fixo, de modo que nunca se destaque, o rotulo da administração ou agencia a que pertencerem, poupando-se por este modo todo o tempo que demanda o arranjo dos massos ou embrulhos fechados, lacrados e com sobrescripto na forma prescripta pelo art. 98 do regulamento que n'esta parte fica alterado.

4.º Enquanto não estiverem em effectiva execução todas as providencias que ultimamente se tem dado para melhorar o serviço do Correio, e abreviar a entrega da correspondencia, deverá o Administrador occupar n'esse trabalho todos os empregados que forem necessarios, incluidos mesmo os que tem a seu cargo o registro, inventario das cartas do que trata o art. 138 do Regulamento, e qualquer outra coisa até que se complete a reforma ordenada pelas indicadas providencias.

O que tudo communico a V. S., para seu conhecimento e prompta execução.

Deos guarde a V. S. — VISCONDE DE MONT'ALB. GOR. — Sr. Director Geral dos Correios.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

Rio de Janeiro — em 10 de maio de 1849.

Ilm. e Exm. Sr. — Respondendo ao seu officio N.º 48 de 15 de novembro de 1848, submettendo á decisão do Governo Imperial a duvida proposta pelo Juiz de Direito da comarca de Bragança d'essa Provincia sobre a intelligencia dos artigos 150, 154 e 157 do Codice do Processo Criminal, na hypothese

O Rei Luiz Philippe reinou mais de dezasseis annos. Tive a honra de ser por mais de onze os ministros. Se amanhã Deos nos chamar a si, poderemos nos deixar este mundo com tranquillidade a respeito da sorte e do regimen constitucional da nossa patria?

Estara por ventura a Revolução Francesa destinada a não produzir se não duvidas e enganos, e a amontoar somente ruinas sobre os seus triumphos?

Certamente, em quanto a França considero confindida e misturada nas idéas, nas instituições e no governo, o verdadeiro e o falso, o honesto e o perverso, o possível e o chymico, o útil e o pernicioso.

O Povo que faz uma revolução não supera os perigos nem recebe os fructos d'ella, senão quando applica elle mesmo aos principios, aos interesses, ás paixões, as palavras que presidiram a essa revolução, a sentença do juizo final "sempre prolongado no meio de uma Pava he a morte."

Em quanto este juizo se não verifica, existe o caos. E o caos prolongado no meio de uma Pava he a morte.

O caos esconde-se hoje debaixo de uma só palavra: — Democracia.

He a palavra soberana, universal. Todos os partidos a invocam, e se querem appropriar d'ella como do seu talis man.

Os monarchicos dizem: "a nossa Monarchia he uma monarchia democratica. N'isto differe ella essencialmente da antiga monarchia, e por isso contém á nova sociedade."

Os republicanos dizem: "a Republica he a Democracia a governar-se a si mesma. Este governo he o unico em harmonia com uma sociedade democratica, com os seus principios, seus sentimentos, e interesses."

Os socialistas, os communistas, os da montanha querem a Republica seja uma democracia pura, absoluta. He no seu conceito a emulação da sua legitimidade.

Tão grande he o imperio da palavra Democracia que n'ão ha partido, sem governo que se atreva a viver, sem mesmo

de se apresentar uma denuncia, de crime de responsabilidade com documentos valiosos depois de tres annos, e antes do oito; cumpre-me declarar a V. Ex. para o fazer constar ao dito Juiz, que se a acção particular prescreve no fim de tres annos he evidente, que a denuncia não pode ser aceita como acção criminal; mas se o procedimento official só prescreve em oito annos, e os juizes são obrigados a tel-o sempre que lhe sejam apresentados papeis em que se encontre crime de responsabilidade, he tambem claro que o juiz, rejeitando a interferencia do accusador particular, pode e deve proceder ex-officio. Deos guarde a V. Ex. — EUGENIO DE QUEIROZ COUTINHO MATOSO DA CAMARA. — Sr. Presidente da Provincia do Pará.

Idem — 14 de maio de 1849.

Sua Magestade o Imperador conformando-se com o parecer da Secção do Conselho de Estado a que pertencem os Negocios da Justiça, houve por bem declarar, por sua immediata resolução de 12 do corrente mez e anno, que o artigo 40 do Codice do Processo Criminal não creou novos logares de Escrivães de Appellações, sendo o seu fim unicamente respeitar os direitos adquiridos pelos proprietarios dos officios extinctos, mandando-os promiscuamente serem communicar a V. S. para seu conhecimento. Deos guarde a V. S. — EUGENIO DE QUEIROZ COUTINHO MATOSO DA CAMARA. — Sr. Conselheiro Manuel Ignacio Cavalcanti de Lacerda.

MARANHAO.

PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

Circular aos Commandantes Superiores da Guarda Nacional da Provincia.

Estando designado o dia 5 de agosto do corrente anno para proceder-se em cada uma das Parochias d'esta Provincia á nova eleição de Eleitores, em consequencia da dissolução da Camara dos Deputados, e sendo expressamente prohibido pelo art. 108 da lei

acreditar poder fazer-o sem escrever esta moto na sua bandeira, e somente se julgam mais fortes aquelles que a levantam mais alta, ou a levam mais longe. Ideia fatal, que accende o fermento incessantemente no nome ao a guerra social.

He preciso extirpar esta idea. — A paz social só por certo meio se poder obter. E a paz social traz consigo a liberdade, a segurança, a prosperidade, a dignidade, e todos os bens moraes e materiais, que só ella pode assegurar.

Citarei as fontes, d'onde a palavra Democracia extrahio o seu poder.

He a bandeira de todas as esperanças, de todas as ambições sociais da humanidade, para os imperios, nobres, vilões, senhores e insensatos, possiveis e chymericos.

A gloria do homem he ser ambicioso. Neste mundo só elle se não resigna ao mal, e aspira incessantemente ao bem. Para os seus similhantes deseja o mesmo que para si. Respeito, ama a humanidade. Quer curar as misérias que ella padecio, e reparar as injurias, que ella soffre.

Mas o homem he tão imperfeito quanto ambicioso. Na constante e ardente luta, que comprehende para destruir o mal, e alcançar o bem, ao lado de uma inclinação boa, caminha sempre uma inclinação má, que lhe disputa o passo — a necessidade da justiça e a necessidade da vingança; o espirito da liberdade, o espirito da licença e o espirito da tyrannia; o desejo de se elevar, e o desejo de abster quem lhe está sobranceiro; o ardente amor da verdade e a presumpta temeridade da intelligencia. Sonde-se toda a natureza humana, e por toda a parte se ha de achar a mesma luta, os mesmos perigos.

A palavra Democracia offerece a mais bella perspectiva, e as mais insuportaveis promessas para todos estes inclinos perigosos e contrarios, para todos sem distincção: bons e malos. Arrasta a todos os precipicios, falla a todas as paixões do coração humano: ás mais moraes e ás mais immoraes; ás mais sublimes e ás mais vergonhosas; ás mais suaves e ás mais austeras, ás mais productivas e ás mais destruidoras. A uma offerece em voz alta, a outras deixa-lhes antever somente a sua satisfação.

FOLHETIM.

A DEMOCRACIA EM FRANÇA.

Por Mr. Guizot.

Janeiro de 1849.

Espero que ninguém achará n'este escripto coisa que lhe pareça tratar o cunho da minha situação pessoal. Na presença de tão grandes factos quem não tivesse força para se esquecer de si, merecia para sempre ser esquecido dos outros. Não pensei se não na situação da minha patria. E quanto mais n'ella penso, tanto mais me convenceo de que o seu grande mal que domina todos os seus males, o mal que mina o dote de seu governo, as suas liberdades, a sua dignidade, e a sua ventura, he o mal que vejo accumular, a idolatria democratica.

Será a exaltação de Louis Napoleão Bonaparte á Presidencia da Republica remédio effectivo contra este mal? O futuro o dirá. O que hoje escrevo, depois da eleição de Louis Napoleão Bonaparte, tal-o-ia escripto sem mudança de uma virgula, se o General Cavaignac tivesse triumphado. Não se dirigem a nomes proprios as grandes verdades sociais; dirigem-se á sociedade.

CAPITULO I.

Causa do mal.

Mirabeau, Barnave, Napoleão, La Fayette, que morreram no leito ou no cadafalso, na patria ou no desterro, em épocas mais distintas e distinctas, exalaram todos o ultimo suspiro com o mesmo sentimento, um sentimento de profunda melancolia. Todos elles viram frustradas as suas esperanças e destruidas as suas obras. Davidaram do triumpho da sua causa e do futuro.

65. Edição de estreia de *Democracia* em folhetim, no Jornal Correio da Tarde, publicada entre maio e junho de 1849.



Quando no *Mercantil* de ante-hontem vimos um comunicado acerca desse opusculo, exultamos o jubilo, persuadimo-nos que era o esperado artigo do Snr. Sales, e já nos preparavamos para receber com religioso acatamento a explanação do pensamento dessa obra que admiramos sem comprehendel-a. Que decepção foi a nossa! O artigo não é do Snr. Sales, não é esse estylo fofo e campanudo que com a profusão de metaphoras encobre a deficiência dos pensamentos, não, é um artigo de polêmica de má fé, sem graça nem mérito, senão o de revelar que o Snr. Sales talvez tivesse razão quando asseverava que nem doze pessoas conhecia em estado de compreender Guizot; o comunicante do Snr. Sales, e não é dos doze felizes.

Entraremos em uma polemica para sustentar o que dicemos acerca desse importante livro? Não por certo; não é isso o que os nossos leitores podem querer de nós, nem é o que se diz pelo *Mercantil* que póde marear o crédito dessa obra, nem para manter-lh'o poderiam servir algumas observações de nossa folha.

E, enfim, sua resposta à crítica que lhe desferira o redator do *Mercantil*:

Não duvidamos que para o communicante do *Mercantil*, cujo espírito está falseado pelas idéas que Guizot combate, esse opúsculo seja inferior ao merecimento do seu autor, seja só applicável á França, e só para os Francezes deva ter merecimento: – quem tem icterícia vê tudo amarelo, e as disposições do nosso espírito preocupam-nos a ponto de tudo repelir quanto as ofende. Talvez a uma predisposição contraria do nosso espírito devemos o prazer que na sua leitura tivemos, e a applicação que íamos fazendo ás cousas da nossa terra do que diz o estadista em referencia aos elementos da sociedade franceza³⁹.

No confronto de palavras e de opiniões, em meio às notícias exageradas de *O Brasil* sobre os “sucessos” de Pernambuco (o autor se refere, evidentemente, à vitória das tropas do governo sobre os insurrectos) e a defesa acalorada dos princípios constitucionais pelo redator do *Mercantil*, as ideias de Guizot flutuavam. Como se lê no *Correio*:

Da impossibilidade de traçar um limite que separe a liberdade da licença deve nascer a inteira tolerância política.

39. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1849, p. 2.





Que se deixem todas as liberdades cavar seus leitos, como fazem os rios, é assim que à semelhança destes ellas respeitarão as suas margens⁴⁰.

A reflexão parte de um discurso proferido pelo Primeiro-Ministro de Luís Napoleão Bonaparte, Odilon Barrot, no qual o orador opõe dois princípios: a liberdade e a licença (leia-se, licenciosidade). Aproveitando-se da situação, argumenta o redator: “o que ha um anno o Sr. Guizot chamava licença”, leia-se, a república e a democracia, “o Sr. Odillon Barrot chamava liberdade”. E, continua: “o que o Sr. Ledru Rollin chamava liberdade”, a saber, o socialismo, “o senhor Barrot chamava licença”⁴¹. Mais à frente, o autor coloca em pauta o problema da liberdade de imprensa. Antes, liberdade, agora, licenciosidade, na medida em que a II República recuava em relação às vitórias alcançadas em fevereiro. Contra essas oscilações, o melhor remédio, afirmava o autor, era a tolerância política. *Nota bene*: estaria o redator apenas atento às questões francesas, ou também aos sinais do gabinete conservador, na Corte?

Diante de um debate aberto, no qual se opõem, como dissemos, duas folhas e dois perfis políticos, seria possível mapear a natureza dos jornais em tela?

O *Correio Mercantil* foi fundado em 1º de janeiro de 1848 e publicou sua última edição em 15 de dezembro de 1868. Nos primeiros números, figura no cabeçalho que a folha era impressa na tipografia de “Rodrigues & Cia.”, em verdade, na empresa de Francisco José dos Santos e Companhia, com sede na rua da Quitanda, 13. Em 1855 muda-se o proprietário, o cabeçalho do jornal anuncia agora o nome de J. F. Moniz Barreto⁴². Funcionava como arauto do Partido Liberal, que se opunha frontalmente não apenas a *O Brasil*, como se evidencia nas passagens citadas, mas também ao *Jornal do Commercio*, ambos declaradamente conservadores. Sobre o *Correio Mercantil*, escreve Werneck Sodré: “[...] era, por isso mesmo, muito mais vibrante, movimentado, atraente, e logo se tornou o órgão mais difundido”⁴³.

40. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1849, p. 1.

41. *Idem, ibidem*.

42. José Alcides Ribeiro, “*Correio Mercantil*: Gêneros Jornalísticos, Literários e Muito Mais...”, *Revista USP*, n. 65, pp. 131-147, março-maio de 2005.

43. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, p. 218.



Talvez por essa razão tenham desfilado nos pés de suas páginas, na seção folhetinesca, Manuel Antônio de Almeida, que publicou *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852-1853) e Joaquim Manuel de Macedo, *Dois Amores* (1848)⁴⁴. De 1854 a 1855, José de Alencar se tornou redator assíduo do jornal: “[...] além da seção forense, que fazia com muita segurança e método, passou a escrever crônicas, no rodapé domingueiro da primeira página, passando em revista os acontecimentos da semana”⁴⁵. Pelos elementos acima expostos, assevera-se que o jornal merece estudo mais acurado, o que infelizmente foge aos objetivos de nossa investigação.

Bem mais conhecida é a identidade do redator-chefe de *O Brasil*: Justiniano José da Rocha. Esse mestiço, nascido no Rio de Janeiro, cresceu sob a tutela de uma família abastada, que o matriculou no prestigioso liceu Henri IV, em Paris, durante a Restauração. Mas o diploma superior foi obtido no Brasil, em 1829, na segunda turma da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ainda jovem, integrou a Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional por influência de Evaristo da Veiga (1799-1837). Nessa época, atuou como redator do jornal liberal *O Atalante*⁴⁶.

Uma segunda fase de sua vida é marcada por mudanças radicais no campo ideológico, quando integra o grupo do Regresso (ou dos saquaremas). Torna-se professor de História do Colégio D. Pedro II, elege-se deputado por Minas e recebe recursos para a abertura do jornal *O Brasil*, onde se mantém como redator-chefe de 1840 a 1851. Vemo-lo, então, apadrinhado por Paulino Soares de Sousa, o Visconde de Uruguai (1807-1866), leitor de Guizot⁴⁷, que bem poderia ter colaborado para a sua publicização na imprensa brasileira⁴⁸.

44. José Alcides Ribeiro, “*Correio Mercantil*: Gêneros Jornalísticos...”, p. 137.

45. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, p. 219.

46. Cf. Justiniano José da Rocha, *Ação; Reação; Transação. Duas Palavras Acerca da Atualidade Política do Brasil* (1855), Estudo Introdutório, Notas e Estabelecimento do Texto por Tâmis Parron, São Paulo, Edusp, 2016.

47. Ricardo Vélez Rodríguez, “François Guizot e sua Influência no Brasil”, *Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Sousa*, mimeo.

48. Segundo Werneck Sodré, “a carta com que Justiniano José da Rocha responde ao convite de Paulino é documento eloquente das relações a que se submeteu o jornalista. ‘O que só queremos é não perdermos de todo o nosso futuro, é que as pessoas do ministério, a quem vamos servir, nos considerem dignos de sua aliança, e não instrumentos comprados com alguns mil-réis, e, no ministério, ou fora do ministério, nos deem a consideração e proteção correspondentes à





De tendência cada vez mais acentuadamente conservadora, Justiniano inicia, a partir de 1853-1854, uma terceira fase de sua trajetória política. É quando passa a dirigir a *Typographia Americana* e percorre diferentes redações de jornais, opondo-se, abertamente, aos grupos no poder.

Data desse momento a publicação de seu mais célebre escrito, *Ação; Reação; Transação – Discurso da Autoridade Política* (1855)⁴⁹. De forma resumida, o libelo se destaca pela análise arguta que faz da realidade brasileira, construída à luz da história, desde a Independência até meados do Oitocentos. O texto foi objeto de leitores e críticos do porte de Joaquim Nabuco, Sílvio Romero e Oliveira Lima, até merecer a atenção de expoentes da historiografia política brasileira. Não vamos reconstruir sua fortuna, pois a questão foi muito bem conduzida por Tâmis Parron, em pesquisa recentemente publicada.

Mas, afinal de contas, Justiniano leu Guizot?

Parece evidente que sim. Afinal:

O mais influente dos doutrinários foi François Guizot, escritor copioso, grande teórico político de posição. [...] Em que pesem os pontos de contato, o paralelo entre Guizot e Justiniano deve ser limitado, sob a pena de elidir diferenças relevantes. A obra do primeiro é extensa, teórica, complexa; a do segundo breve, meio teórica e meio prática, mais simples⁵⁰.

É preciso, todavia, considerar que entre o doutrinário e o historiador vão lá algumas distâncias. Provam-no, seus últimos escritos políticos: *Démocratie e Guizot à ses Amis*, publicados entre janeiro e março de 1849. E se as matrizes intelectuais de *Ação; Reação; Transação* se ajustam tão bem ao livro *L'Histoire de la Réforme, de la Ligue et du*

nossa dedicação; pois, para servir-me de uma expressão que as decepções que sofremos com o ministério de 19 de setembro puseram em moda entre nós, não queremos ser laranjas, de que se aproveita o caldo, e deita-se fora a casca” (Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, pp. 209-210).

49. Esse opúsculo de “55 páginas, sem grande apuro na edição e na revisão tipográfica, redigida aparentemente no curto intervalo de três semanas. [...] O texto tinha de tudo para ser só mais um dos milhares de impressos volantes do Segundo Reinado, mas, por qualidade intrínseca e causas incidentes, caiu no gosto médio dos leitores, pautando confidências em cartas privadas, discussões no Parlamento e até assuntos na prosa de ficção” (Tâmis Parron, “O Império num Panfleto?”, em Justiniano José da Rocha, *Ação; Reação; Transação*, p. 15).

50. *Idem, ibidem*.



Reigne de Henri IV (Paris, Duféy, 1835), de Jean-Baptiste Raymond Capéfigue (1798-1872), a partir do qual se observa admirável sobreposição do recorte histórico francês sobre os eventos políticos brasileiros, como demonstra Parron⁵¹, suas doutrinas não se apresentam menos ajustadas àquelas defendidas pelo ex-Ministro de Luís Filipe. Talvez porque a distância que separa Capéfigue, esse *chartista* ultrarrealista e católico, do orleanista e protestante Guizot, seja a mesma que distingue o vulgarizador da ciência de um *scholar*, para usar dois termos em voga na atualidade⁵².

Deve-se ainda acrescentar que Justiniano traduzia, amiúde, romances franceses para as seções de folhetim, tendo sido, muito provavelmente, o primeiro tradutor oficial contratado por Baptiste-Louis Garnier (1823-1893). Tal fato reforça a hipótese de que estivesse bastante empenhado na versão do texto de Guizot para o público brasileiro. Não é improvável que tenha contribuído para a publicação de *Démocratie* em outra folha carioca. Agora, em suporte bastante original e popular: o folhetim⁵³.

DO FOLHETIM AO LIVRO: UM LONGO RECOMEÇO

Paralelamente aos debates em torno da obra, empreendidos pelo redator de *O Brasil* e do *Correio Mercantil* – o que equivalia a uma difusão bem mais ampla, ou seja, para todas as províncias cujos jornais mantinham cor-

51. “Na releitura de Capéfigue, em síntese, Justiniano define ação como um período sociopolítico de quinze anos cujos protagonistas, acesos por um ímpeto renovador, expandem os limites da liberdade, ou de democracia, forcejando por abrir o Estado à influência social nos níveis da imprensa, da organização burocrática e das eleições, mas também correndo o risco de provocar a anarquia” (Tâmis Parron, “O Império num Panfleto?”, em Justiniano José da Rocha, *Ação; Reação; Transação*, pp. 43-44).
52. Justiniano José da Rocha publicará, ainda, *Monarchia-Democracia*, opúsculo de 55 páginas, nos moldes do anterior, porém, sem a mesma originalidade e, tampouco, igual projeção (Rio de Janeiro, Typographia de F. de Paula Brito, 1860).
53. O gênero folhetinesco, muito estudado no Brasil, ainda merece maior atenção no que toca à publicação de textos políticos. Sabe-se que na Argentina os discursos de Bartholomé Mitre (1821-1906) tomavam esse espaço na imprensa dominante, porém, não foram identificados paralelos nos jornais brasileiros (Paula Alonso (org.), *Construcciones Impresas. Panfletos, Diarios, Revistas en América Latina, 1820-1920*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003).





respondência com a capital – temos a publicação, no *Correio da Tarde*, do texto completo, em “versão brasileira”.

Na falta de dados mais precisos que nos permitam conhecer melhor a natureza dessa folha, reproduzimos as informações impressas no cabeçalho:

[...] he um jornal politico, litterario e commercial – apparece todos os dias que não forem de guarda, depois das 5 horas da tarde, na Typ. Americana de I. P. da Costa, Rua da Assembleia, nº 27, onde se recebe annuncios e artigos, que não contiverem offensas á moral pública e vida privada, para serem publicados no mesmo dia, sendo entregues e pagos, os primeiros até as 3 horas, a razão de 80 reis por linha ordinaria, os segundos ate ao meio dia e pelo que se convencionar, vindo legalizados, quando esta circumstancia se fizer necessaria. As noticias recebem-se gratuitamente. O preço da assignatura he 6\$000 por semestre e 3\$280 por trimestre. O escriptorio do jornal he na mesma Typographia⁵⁴.

O primeiro número do jornal saiu em 1848, tendo seguido o mesmo programa editorial até a última edição, em 1852. A citada Typographia de I. P. da Costa pertenceu a Ignacio Pereira da Costa, cujo registro data de 27 de junho de 1832, sob a razão comercial de Typographia Americana ou Imprensa Americana. A oficina conheceu vários endereços, sendo o último mencionado na citação acima. Em 1853, a tipografia será transferida para... Justiniano José da Rocha⁵⁵.

Perguntamos até que ponto os dois jornais não estiveram comprometidos com uma mesma plataforma política, o que justificaria a difusão do texto de Guizot na seção folhetinesca de um, enquanto o outro mantinha firme a polêmica com seu oponente político. Vale recordar: o oponente era o *Correio Mercantil*, uma das folhas de maior popularidade no Rio de Janeiro! Recordemos, outrossim, que Justiniano conhecia bem o funcionamento da imprensa parisiense, o que tornava *O Brasil* um arremedo da folha de opinião conservadora, tal como praticada na Cidade Luz. E se o folhetim político, como dissemos, fora explorado com êxito na Buenos Aires de

54. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1849, p. 1.

55. Cf. Paulo Berger, *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 84.



Bartholomé Mitre, como já o era em Paris, não haveria motivos para não ser testado na Corte⁵⁶.

As reproduções do texto em folhetim se iniciam em maio e cessam em junho. O programa contempla o calendário exposto na Tabela 5.

A edição dos últimos capítulos coincide com o período em que aparecem os primeiros anúncios de venda da brochura nas livrarias cariocas. É o que lemos na edição dominical de *O Correio Mercantil*:

Tabela 5. Programa da Edição de *Democracia* em folhetim, no jornal *Correio da Tarde*, maio-junho 1849.

A <i>Democracia em França</i> , por Mr. Guizot. Janeiro de 1849.			
N.	Data	Capítulos/Títulos	Páginas
397	Sexta-feira, 18/05	[Prólogo] Cap. 1 – Causa do Mal Cap. 2 – Do Governo na Democracia	1-3
398	Sábado, 19/05	Cap. 3 – Da República Democrática	1-2
403	Quarta-feira, 23/05	Cap. 4 – Da República Social	1
405	Terça-feira, 25/05	Cont. Cap. 4 – Quais são os elementos reais e essenciais da sociedade em França	1
408	Terça-feira, 29/05	Cont. Cap. 5 – Quais são os elementos reais e essenciais da sociedade em França	1-2
411	Terça-feira, 05/06	Cap. 6 – Condições políticas da paz social na França	1-2
413	Sexta-feira, 08/06	Continuação Cap. 6 – Condições políticas da paz social na França	1
417	Quinta-feira, 14/06	Cap. 7 – Condições morais da paz social na França Capítulo 8 – Conclusão – Fim	1-2

56. *La Presse* de Émile de Girardin usava desse expediente. Foi no rodapé do jornal que Eugène Pelletan publicara uma longa recensão de *Démocratie* (ver capítulo 2).





Agostinho de Freitas Guimarães e Cia. acabão de receber de Paris alguns exemplares desse livro, traduzido em portuguez, com a maior elegancia e pureza, que se achão a venda em sua loja, rua do Sabão, n° 26, ao preço de 2\$000 reis, cada um, encadernado à inglesa, bom typo, bom papel, e com o fac-Símile de Mr. Guizot⁵⁷.

O valor declarado da brochura equivale a um terço da assinatura semestral do *Correio da Tarde*, jornal que publicava os capítulos em folhetim. Considerando que a folha avulsa custava 120 réis, era evidentemente muito mais barato ler o texto no jornal. Mas, “livro é livro...”, diriam os bibliófilos. De fato, a edição brasileira não se distinguia muito dos padrões editoriais e materiais da francesa: mesmo formato, mesmo padrão tipográfico. Nos termos do anúncio: “bom typo, bom papel”⁵⁸. E, o que se apresenta como um diferencial pouco praticado no mercado francês desses anos de 1840-1850, mas ainda frequente no Brasil: o volume era encadernado. Ou, como reza o texto, “encadernado à inglesa”⁵⁹. Assim os caracteres materiais da edição pareciam definir sua clientela, sensivelmente diferente daquela que lia o jornal. Pelo menos, no gosto pela posse do livro, considerando que, diferente da França, a participação do leitor brasileiro na sociedade era muito mais rarefeita.

No prólogo à edição brasileira, o sentido da brochura endereçada “Aos Brasileiros” foi explicitado em termos tão cristalinos e diretos, que tornava obscuro o debate promovido, na véspera, pela imprensa. É o que passamos a citar:

57. *Correio Mercantil*, dirigido por Rodrigues e Cia., Rio de Janeiro, 3 de junho de 1849, fl.4.

58. A edição de Victor Masson foi impressa na gráfica das edições Plon, essa importante empresa que deixou suas marcas na conformação de um catálogo deliberadamente conservador, na França, enquanto que a impressão “brasileira”, foi realizada na oficina de Thunot, localizada na rue Racine, em Paris.

59. Na encadernação à inglesa, ou semi-inglesa, ou meia-inglesa, como é denominada hoje, apenas a lombada é revestida de couro. A pasta é em papel ou outro material. Ocorre, às vezes, das ponteiros das capas virem revestidas com couro. O exemplar da Biblioteca da Faculdade de Direito (USP) apresenta a encadernação original, sendo a lombada revestida de couro e as capas em papel, sem ponteiros. É possível que a mesma tenha sido feita no Rio de Janeiro, por encomenda do livreiro, para agregar valor à brochura e, portanto, atrair a clientela. O exemplar da BNF não tem encadernação original. A edição da autora foi encadernada à inglesa, mas como no exemplar da BNF, ela não possui capa original. O único exemplar em brochura identificado até o momento que apresenta todos componentes originais pertence, como já foi assinalado, à Bibliothèque Polonaise de Paris (Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão, *Dicionário do Livro*, pp. 285-286).



Je n'ai aucune objection,
Messieurs, à ce que vous fassiez traduire
et publier en Portugais mon dernier
ouvrage sur la démocratie en France. Je
serai fort aise au contraire de servir, même
hors de mon pays, la cause de la vérité
et de l'ordre social.

Je vous prie seulement de vouloir bien
m'envoyer un exemplaire de votre traduction
quand elle paraîtra.

Recevez, je vous prie, Messieurs, l'assurance
de ma considération très distinguée

Guizot

Brompton 21 Janvier 1849

66. Reprodução do fac-símile da carta de François Guizot autorizando a publicação da brochura em português para o público brasileiro. Notemos que o autor responde ao pedido em 21 de janeiro, ou seja, onze dias após o aparecimento do livro no mercado parisiense e londrino.





Aos Brasileiros

A noticia dos recentes e desastrosos acontecimentos de Pernambuco, não podia deixar de affligir-me e de excitar meu patriotismo.

Já que a minha obscuridade não dá peso aos meos conselhos, permitti-me que vos ofereça, vertido em portuguez, este notável escripto de um dos mais eminentes escriptores contemporaneos, cuja probidade severa, cujos sentimentos profundamente liberaes, são reconhecidos por amigos e inimigos.

A vulgarização deste livro será um remedio poderoso para combater as paixões deletereas que se conjugarão para attacar a sociedade no que ella tem de mais inviolavel e de mais santo.

As doutrinas delle estão sancionadas pela experiência da revolução franceza de 1848. Já não é permitido nutrir illusões: nenhum homem honesto e consciencioso, poderá deixar de reconhecer que o único governo capaz de garantir a liberdade, é o monarchico representativo, pelos elementos d'ordem que lhe dá o poder hereditario. E sem ordem não pode haver liberdade; a anarquia foi sempre precursora do despotismo.

Acceitai pois esta pequena lembrança como tributo de sincero patriotismo: possa a pureza da intenção, e a importância do motivo servir de sufficiente desculpa à ousadia da ação.

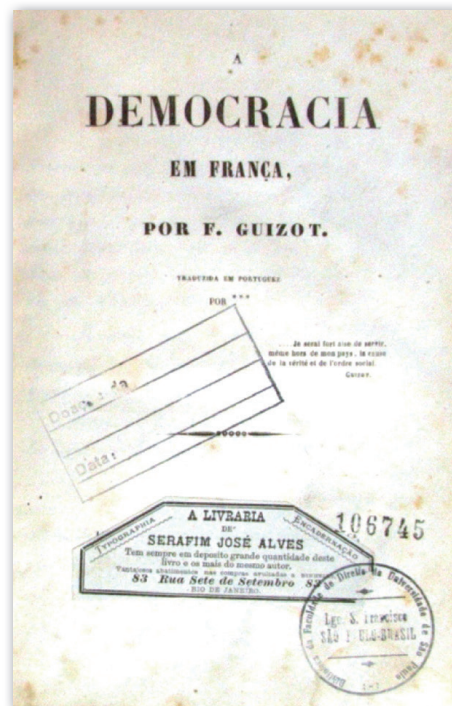
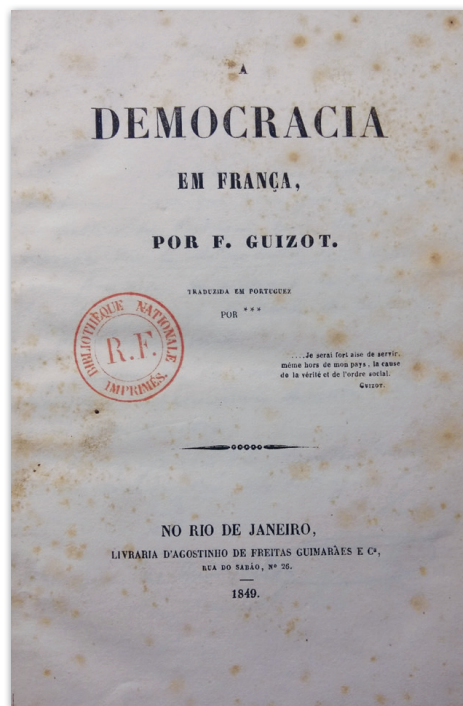
José Lúcio Correia

Pariz, 12 de fevereiro de 1849⁶⁰.

Notemos que aquelas campanhas realizadas em Paris, para a difusão da brochura, atingiram em cheio José Lúcio Correia, esse partidário declarado da monarchia parlamentar, bastante inquieto com as notícias de uma Revolução em Pernambuco. O prefácio é assinado em 12 de fevereiro, ou seja, um mês após o lançamento do original parisiense. Estima-se, portanto, que tenha sido este o tempo consumido entre a leitura e a tradução do texto. A empresa exigia, ou, pelo menos, sugeria o consentimento do autor, pois bem sabemos que as leis sobre a propriedade intelectual, sobretudo no que tange às traduções, estavam longe de ser consolidadas.

Dessa maneira, a reprodução do fac-símile da carta de Guizot, assinada em 21 de janeiro, apresenta-se como testemunho inquestionável do caráter

60. F. Guizot, *A Democracia em França*, tradução em portuguez por ***, Rio de Janeiro, Freitas, Guimaraes & Cia., 1849, pp. v-vii.



67-68. Os dois exemplares da edição brasileira consultados apresentam uma diferença bastante significativa na folha de rosto. O primeiro [67] pertence à Bibliothèqure Nationale de France e foi muito provavelmente incorporado à coleção pelo sistema do *dépôt legal*, pois, como assinalamos, a edição foi totalmente preparada em Paris para o público brasileiro. O livreiro responsável por sua distribuição figura na imprensa, tal como nos anúncios dos jornais cariocas: Agostinho de Freitas Guimarães. Na edição pertencente à Biblioteca da Faculdade de Direito da USP [68], raríssima, uma etiqueta foi colada sobre a imprensa, anunciando o nome de Serafim José Alves, outro livreiro da praça carioca. Teria ele adquirido os exemplares em estoque para a revenda? As bibliotecas brasileiras possuem apenas as edições em francês (geralmente, de Paris ou de Bruxelas), o que testemunha a ampla circulação do texto original no país.





idôneo da edição que se colocava à venda, além de agregar valor a um exemplar, como temos notado, de invulgar cuidado gráfico. Os termos do autor reforçam o teor político e programático da brochura, particularmente, no excerto que passamos a citar:

Não tenho nenhuma objeção, senhor, à vossa intenção de traduzir meu último livro sobre a democracia na França. Pelo contrário, muito me conforta poder servir, mesmo fora de meu país, à causa da verdade e da ordem social. Eu somente vos peço a gentileza de me enviar um exemplar de vossa tradução quando ela vir a lume [...].

Guizot

Brompton, 21 de janeiro de 1849⁶¹.

“REMÉDIO PODEROSO PARA COMBATER AS PAIXÕES DELETEREAS”

José Lúcio Correia se situa naquela fina camada de capitalistas e proprietários aflitos com mais uma revolução que tomara de assalto as ruas do Recife e se alastrou por toda a província e suas vizinhanças⁶². Na época da publicação de *Démocratie* ele morava em Paris, onde mantinha, na rue de Trévise, um escritório especializado nos serviços de comissão e representação. Seu nome figura entre os negociantes que tiveram presença ativa nos programas de modernização de Pernambuco, entre 1837 e 1844, durante a administração de Francisco do Rego Barros, Conde da Boa Vista (1802-1870), de quem era amigo. De acordo com Izabel Marson,

[...] uma política de coalisão tornou viável a reunião de “liberais e conservadores, cidadãos de diferentes posições na sociedade – bacharéis, senhores de engenho, produtores de algodão e comerciantes, encabeçados os primeiros por

61. O exemplar em português não figura no arrolamento da biblioteca de François Guizot, registrado no inventário *post-mortem*, nem no catálogo de edições postas à venda logo após seu falecimento e, tampouco, na lista atual, em que foram inventariados os livros remanescentes em sua última morada, no Val-Richer. Na verdade, nenhuma daquelas 47 edições identificadas de *Démocratie* constam nos arquivos do autor.

62. Também afligiu seu espírito, por essa mesma época, as notícias que na França circularam sobre o desenvolvimento de novas técnicas de produção do açúcar a partir da beterraba, o que representaria, como de fato representou, uma concorrência sem par para a produção brasileira. É o que lemos no artigo de sua autoria, publicado em Pernambuco e reproduzido em diferentes folhas do Norte, sob o título “Fabrico do Assucar” (*Publicador Maranhense*, 29 de maio de 1844).



Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti (1797-1863) e os segundos por Rego-Barros⁶³.

Os projetos de infraestrutura, remodelação urbana e transportes foram confiados a uma equipe de engenheiros oriundos da École de Ponts-et-Chaussées, de Paris, sob a chefia de Louis Léger Vauthier (1815-1801). Fora o “Sr. Correia” responsável por todas as negociações, que consistiram em arregimentar o corpo técnico francês e promover sua transferência para o Recife⁶⁴. Além disso, era ele o responsável pela expedição, da Europa, dos materiais e instrumentos necessários para as obras implementadas na capital e na província⁶⁵.

A estabilidade política alcançada nesse período e a recuperação da economia açucareira, com o consequente aumento das exportações, conformaram um ciclo virtuoso da sociedade pernambucana, do qual nosso personagem tirara grandes proventos. Porém, como o desenvolvimento material vai de par com o progresso mental, não demorava o tempo em que a chamada “política de reorganização e do futuro” esbarrasse com novas ideias e diferentes configurações partidárias⁶⁶. O Partido Nacional de Pernambuco, ou, como se popularizou, o Partido da Praia, nascido de

63. Izabel Andrade Marson, *Revolução Praieira, Resistência Liberal à Hegemonia Conservadora em Pernambuco e no Império (1842-1850)*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009, pp. 16-19.

64. O engenheiro francês anota em seu diário, enquanto esperava os carregamentos para o embarque no porto do Havre, em direção ao Recife: “[18 de julho de 1840] Novas discussões com os armadores e os representantes do Sr. Correia para conseguir colocar os caixotes de livros e instrumentos. Longos e insípidos debates, argumentação frívola. Acabaram cedendo diante de minha declaração de que estava resolvido a partir por um pacote inglês. Obtive enfim boas acomodações a bordo” (Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, Prefácio de Paul Arbousse-Bastide, Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, t.2, pp. 523-524).

65. “No fim do ano de 1843 chegava a parte mais importante da estrutura: o fio de arame chegado da Inglaterra para a ponte suspensa que em Caxangá [se deveria construir] e juntamente uma cópia da fatura respectiva mandada por José Lúcio Correia”. Esta e outras transações pesaram sobre ele e o governo provincial, acusados, como foram, de corrupção. Porém, tais fatos fogem ao escopo da pesquisa (Paulo M. Souto Maior, *Nos Caminhos do Ferro: Construções e Manufaturas no Recife (1830-1920)*, Recife, CEPE, 2015, p. 156).

66. A revista *O Progresso*, para a qual colaborou Vauthier, testemunha bem essa relação entre o avanço material e mental nas sociedades. Ela abraçou o socialismo francês, ou, pelo menos, um certo socialismo, como observa Gilberto Freyre. No periódico circulava um amálgama das ideias de Victor Cousin, Fourier e Saint-Simon. O principal arauto dessas ideias, amigo do engenheiro francês, foi Antonio Pedro de Figueiredo (1814-1859), que dirigiu a revista entre 1846 e 1848 (Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*, t.1, p. 343).





uma dissidência do Partido Liberal, em 1842, teve no jornal *Diário Novo* seu principal meio de luta, e era representado por diferentes setores da sociedade: negociantes, proprietários, engenhos, bacharéis oriundos da Faculdade de Direito de Olinda e caixeiros, que conformavam um amálgama singular entre lideranças dissidentes dos partidos tradicionais (conservador e liberal). Não vamos retomar todos os eventos que fizeram os partidários da Praia a converter um programa de caráter conservador e reformista, em uma revolução de caráter popular⁶⁷, como a que eclodiu no Recife, de novembro de 1848 a abril de 1849 – ou novembro, considerando a resistência armada de Pedro Ivo (1811-1852)⁶⁸.

Interessa assinalar os elementos locais e universais que tornavam as Revoluções de 1848 e, no campo oposto, o libelo de François Guizot, instrumentos de aprendizado para os leitores brasileiros⁶⁹. Nesse aspecto, devemos observar que no curso da “guerra civil” que se instalou em Pernambuco, dois projetos tomaram vulto: “‘a revolta’ pensada e organizada pelo Partido da Praia e a Sociedade Imperial, pugnando por uma reforma da monarquia constitucional”⁷⁰; e a revolução defendida por Borges da Fonseca, cujos princípios universalistas expressos no *Manifesto do Mundo*⁷¹, foram inspirados nas reivindicações parisienses, naquelas já distantes jornadas de fevereiro.

67. Abreu e Lima (1794-1869), “o general das massas”, foi uma personalidade singular do Brasil monárquico. Assistiu ao fuzilamento do pai, o Padre Roma, em 1817, quando foi preso e condenado por traição no momento em que tentava articular a Revolução na Bahia. Em 1818, fugiu da prisão, exilou-se nos Estados Unidos e retornou para a sua terra natal após uma longa viagem pela América do Sul: Porto Rico, Venezuela, Nova Granada e Peru. “Militar, incorporou-se com 24 anos às tropas de Bolívar (então com 23 anos) servindo durante 11 anos nas campanhas de suas forças militares”. Apoiou a Revolução Praieira, em 1848, mas, no Brasil, “optou pela monarquia e pela manutenção da família real”. É autor, dentre outras obras, de *O Socialismo* (1855) (Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez, *História do Brasil. Uma Interpretação*, p. 424).

68. Izabel Andrade Marson, *Revolução Praieira, Resistência Liberal à Hegemonia Conservadora em Pernambuco e no Império (1842-1850)*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.

69. Amaro Quintas sustentará, com notável vigor, que a Revolução Praieira foi a própria expressão do “espírito *quarente-huitard*!” Ele lembra que houve, no Recife, um jornal intitulado *Kossuth*, em homenagem ao líder da Revolução na Hungria. Poderíamos objetar, à luz de Izabel Marson, que esse espírito habitou parte dos praieiros, o que não diminui o interesse por sua análise (Amaro Quintas, *O Sentido Social da Revolução Praieira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967).

70. Izabel Andrade Marson, *Revolução Praieira...*, p. 74.

71. A interpretação que faz Caio Prado Júnior dos eventos pernambucanos é bastante reveladora de seu *parti pris* político. Para o autor, o movimento eclode em 1848, em meio ao clima de terror que as revoluções europeias e a onda socialista impingem entre as elites políticas nessa porção dos trópicos. Assim o Partido da Praia tomou as armas em 7 de novembro de 1848: “levanta-



Vencidos os revolucionários e abertos os autos de devassa, as primeiras interpretações dos acontecimentos não demoraram a vir a lume. Izabel Marson procede a uma análise fina da reconstrução dos fatos, segundo relatos impressos por suas principais testemunhas: o relatório minucioso do chefe de polícia Jeronimo Martiniano Figueira de Mello (1809-1878); o discurso condenatório do deputado conservador Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804-1868), proferido na Assembleia Provincial, em 26 de abril de 1849; e a resposta do chefe da deputação praieira Urbano Sabino Pessoa de Mello (1811-1870), que participara da última legislatura (1845-1848). Vencera, naquelas circunstâncias, o discurso da ordem, ou seja, do chefe de polícia.

A análise de Figueira de Mello é bastante instrutiva. Além de associar o evento de Pernambuco a um movimento de maior amplitude, nascido em 1842, nos jornais de oposição, quando “por motivos de simpatia com a rebelião de São Paulo e Minas [...] bem depressa [...] passaram a guerrear os cidadãos mais respeitáveis pelas suas relações, riqueza, cargos, saber e probidade [...]”, o autor propõe uma interessante análise sociológica sobre os principais agentes da revolução, a qual deitou marcas profundas na historiografia:

[...] como consequência necessária e infalível destes manejos, resultou que a Província se dividisse em dois partidos; que a um deles estivessem ligados, por mútua atração, todos os proprietários, negociantes e capitalistas; todas as classes ilustradas; todos os primeiros empregados da Província; e que ao outro, guardadas algumas exceções (quase sempre efeito da ambição, de inte-

ram-se em Olinda, Igarçu e outros pontos da província, e marcharam sobre a capital. Como programa apresentou a Praia os seguintes pontos: 1ª - Voto livre e universal do povo brasileiro; 2ª - plena liberdade de comunicar os pensamentos pela imprensa; 3ª - trabalho como garantia de vida para o cidadão brasileiro; 4ª comércio a retalho para os cidadãos brasileiros; 5ª - inteira e efetiva independência dos poderes constituídos; 6ª - extinção do poder moderador e do direito de agraciar; 7ª - elemento federal na nova organização; 8ª - completa reforma do poder judicial em ordem a assegurar as garantias individuais dos cidadãos; 9ª - extinção do juro convencional; 10ª - extinção do atual sistema de recrutamento”. Todavia, o programa foi proclamado apócrifo pelo órgão impresso do movimento e a própria luta perdeu seu fôlego. “A agitação praieira, incapaz de realizar seu ciclo completo, incapaz de propagar a centelha revolucionária através de todas as camadas rebeldes da sociedade, ficando apenas na superfície – escreve Caio Prado Júnior – é bem o estertor de agonia do intenso movimento popular que acompanha a independência” (Caio Prado Jr., *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*, 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1961, pp.79-80).





resse, ou da ilusão), aderissem as classes inferiores e ignorantes da população, que julgando-se deserdadas dos bens sociais, ou oprimidas por leis tirânicas e ofensivas dos seus supostos direitos nutriam no coração os sentimentos de ódio, de inveja e de vingança contra as classes superiores no mais elevado ponto de exaltação [...] ⁷².

Nessa pintura nada sutil de uma sociedade que se divide entre as “classes ilustradas” e as “classes inferiores”, perpetuavam-se as velhas estruturas de poder do Estado. Em última instância, seu discurso referendava aquele mesmo sistema que forjara as leis eleitorais do Brasil monárquico, fundado no princípio de representação exclusiva das classes proprietárias ⁷³. E, embora no alvo de Figueira de Mello se colocassem os ímpetus liberais que conduziām às revoluções, enquanto a acusação de François Guizot apontava para os socialistas, parece compreensível que seus ensinamentos sobre os males da república social tenham caído nas graças dos proprietários pernambucanos. A fatura final foi bem compreendida pelo senador Nabuco de Araújo (1813-1878) ⁷⁴, outra importante testemunha ocular da história: tanto quanto em Minas e em São Paulo em 1842, os maiores derrotados de Pernambuco foram os liberais. A derrota da Praieira selou a sorte dos Conservadores no poder. Apenas uma nova crise mudaria esse quadro político, mas, dessa vez, era a República, e não mais os concertos do regime monárquico, que entrariam em cena. Enfim, uma outra história.

72. *Apud* Izabel Andrade Marson, *O Império do Progresso. A Revolução Praieira em Pernambuco (1842-1855)*, São Paulo, Brasiliense, 1981, pp. 26-27.

73. Tal como na França, durante o regime de Luís Filipe, no Brasil “o voto, durante toda a fase imperial, foi censitário; exigiu a Constituição [de 1824] – e, conseqüentemente, as Instruções que aqui analisamos também a exigiram – a renda de 100\$000 para o Votante e de 200\$000 para o Eleitor”. Em 1846, a desvalorização da moeda fez duplicar a renda fixada: 200 para o Votante e 400 para o Eleitor. É importante observar a distinção entre o Votante, aquele que vota apenas em primeiro grau, e o Eleitor, dotado de maior posse, vota em segundo grau. “A lei Saraiva, fundindo Votante e Eleitor, conservou o censo estabelecido para o primeiro” (Walter da Costa Porto, *O Voto no Brasil. Da Colônia à Sexta República*, 2. ed. rev., Rio de Janeiro, Topbooks, 2002). As questões históricas, que se fundam ou derivam desse sistema foram bastante esmiuçadas pela historiografia (cf. Francisco Iglésias, J. A. Soares de Souza, Sérgio Buarque de Holanda *et al.*, *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Monárquico*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1987, vol. 6, tomo II).

74. O capítulo que Joaquim Nabuco dedica à participação de seu pai nesse episódio não deixa dúvidas sobre a importância da Revolução Praieira no aprendizado da política pelos de sua geração (cf. Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império. Sua Vida, Suas Opiniões, Sua Época*, São Paulo/Rio de Janeiro, CEA/Civilização Brasileira, 1936, 2 vols. [1ª. ed., 1897]).





Antes de darmos a conhecer o tradutor de *Democracia*, convém uma breve e, ainda, muito mal alinhavada reflexão. Vimos, no início do capítulo, que a imagem de François Guizot surgiu estampada na imprensa paulista em chave dupla: o grande historiador, referência obrigatória para os estudos modernos, na acepção de Julius Frank; ou o doutrinário da monarquia parlamentar, defensor do modelo inglês, muito discutido, aliás, durante a Regência, ou da monarquia constitucional vitoriosa na França, de 1830 a 1848. É possível que a Revolução tenha operado sobre o ex-Ministro uma guinada ultraconservadora, o que o fez abandonar uma postura moderada, própria do partido orleanista, para um radicalismo à direita, que não encontrou paralelo nem mesmo na agremiação da rue de Poitiers. A postura inflexível que ele adotada diante das reivindicações que enfeixaram a Revolução de Fevereiro sinalizam esse fenômeno. Mas a Revolução não teria provocado essa mesma guinada em Alexis de Tocqueville, ou mesmo em Thiers? O instinto de sobrevivência, ou mesmo o horror às revoluções, conduziram-nos ao regime de Luís Napoleão Bonaparte, enquanto François Guizot, já o assinalamos, abandonava a arena política⁷⁵.

Esses aspectos devem ser considerados no estudo sobre a recepção de François Guizot no Brasil. Eles demarcam uma linha tênue, porém, relevante, que distingue o historiador-doutrinário do *juste milieu* e o panfletário antidemocrático. Parece evidente que a ameaça da república social colocara em relevo a segunda figura, nesses anos conturbados de 1848 e 1849⁷⁶. Ora, o medo da Revolução atinge em cheio os leitores brasileiros. O prólogo de José Lúcio Correia não deixa dúvidas quanto a essa mudan-

75. É, de fato, significavo o modo como 1848 se coloca como ponto de clivagem de uma polarização política que distingue, claramente: “[...] o liberalismo clássico, proprietista e excludente e, quando lhe é proveitoso, racista e escravista. De outro, o radicalismo democrático, que tem como horizonte precisamente superar as barreiras de classe e de raça que os liberais conservadores ergueram para defender os seus privilégios” (cf. Alfredo Bosi, *Entre a Literatura e a História*, São Paulo, Ed. 34, 2013, pp. 272-273).

76. Ainda, não estamos a tratar da primeira tradução do autor no Brasil. Consta na Biblioteca Mário de Andrade, na seção de Obras Raras, um exemplar de *Theoria do Governo Representativo de M. Guisot* [sic]. Extractada de suas obras políticas por ***, Pernambuco [Recife], Typographia de Santos & Companhia, 1845, 168 p. O tradutor brasileiro não foi identificado, mas consta que o texto foi extraído da edição de Paris, 1831. Contém, ainda, uma lista de subscriptores para a publicação desta obra. O livro, sem dúvida, merece uma análise mais detida. Agradeço ao bibliotecário Rizio Bruno por esta indicação.



ça de perspectiva. Não parece, tampouco, outro o sentido da defesa que faz Justiniano José da Rocha – cumpre insistir, o teórico conservador da política de conciliação – quanto ao significado profundo de suas doutrinas para todos os sistemas de governo, como havia assinalado em *O Brasil*.

Completa esse quadro de revoluções e de reações, o perfil do tradutor da brochura. Sabemos hoje que não era ele um brasileiro. Mas um português, autor e tradutor de escritos de ocasião que marcaram data no cenário político da época, como se pode inferir na lista que se segue:

1. *O Federalista*. Publicado em Inglês por Hamilton, Madisson e Jay, Cidadãos de Nova York, e Traduzido Em Portuguez Por *** [José Da Gama e Castro – manuscrito a lápis]. Tomo Primeiro. Rio De Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840.
[nova edição] Ouro Preto, Imprensa Official do Estado de Minas, 1896, 3 vols. in-8, de 271 + III, 292, 250 + II p.
2. *O Novo Principe, ou O Espirito dos Governos Monarchicos*, por *** [José da Gama e Castro – *manuscrito a lápis*], segunda edição, revista e consideravelmente augmentada pelo autor. Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1841.
3. *O Novo Carapuceiro, Ou Typos da Nossa Época*, por *** [José da Gama Castro – *manuscrito a lápis*]. Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1842. in-8 de VIII + 166 p.⁷⁷

O tradutor de *O Federalista* e autor de panfletos políticos de denodado mau gosto, particularmente pelo abuso que faz de linguagem jocosa, destinada a detrair e a desmoralizar seus opositores políticos, cuja assinatura é amiúde grafada por um misterioso ***, responde pelo nome de José da Gama e Castro. Segundo Innocencio da Silva:

Doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra, onde ele nasceu, nos últimos anos do século XVIII. [...] Lançado por suas convicções políticas no partido de D. Miguel, ele lhe serviu com dedicação, tendo sido nomeado Físico Mestre do Exército português, juntamente a outras comissões importantes.

77. Tancredo de Barros Paiva, *Acchêgas a um Dictionario de Pseudonymos. Iniciaes, Abreviaturas e Obras Anonymas de Auctores Brasileiros Sobre o Brasil ou no Mesmo Impressas*, Rio de Janeiro, J. Leite e Cia., 1929.



Após a derrocada política de 1834, ele emigrou, em dezembro e após uma longa digressão através da Europa, decidiu partir para o Brasil. Aportou no Rio de Janeiro no final de 1837, sou da opinião de que tenha permanecido nesta cidade até 1842, onde se dedicou a trabalhos literários e à imprensa. Uma nova investida na Europa o conduziu a viagens através da França, da Alemanha etc., até que se fixou em Paris, onde vive até nossos dias⁷⁸.

O tradutor foi investigado às minúcias por Luís Reis Torgal, em *Tradicionalismo e Contrarrevolução. O Pensamento e a Ação de José da Gama e Castro* (Coimbra, Universidade de Coimbra, 1973). Em resenha muito elogiosa a essa pesquisa, José Honório Rodrigues contribui para completar o perfil de nosso personagem. Teria ele publicado no Rio de Janeiro, além dos títulos acima levantados, uma *Memoria sobre a Nobreza no Brasil* (1841). Dentre os jornais para os quais colaborou, constam: *O Despertador* (Rio de Janeiro, n. 1-27, 1838), dirigido pelo português J. M. da Rocha Cabral, *O Exorcista* (semanário, 1841), e o *Jornal do Commercio*. Sobre *O Novo Príncipe*, escreve:

[...] sistematização absolutista e tradicionalista. Nele, inspirado em Maquiavel, o Autor procura destruir a “cabala” liberal, e apresentar um esquema de organização do país em moldes tradicionalistas. Seu subtítulo recorda *O Espírito das Leis*, de Montesquieu, que ele considerava o responsável pelo sentido revolucionário que destruiu as monarquias absolutistas. Nele estão as linhas fundamentais da teoria política de Gama e Castro. Não é uma defesa do miguelismo, mas do pensamento político contrarrevolucionário e tradicionalista português⁷⁹.

E, embora não se coloque em dúvida os conhecimentos da língua francesa desse médico homeopata ativo, muito propagandeado na imprensa da Corte, o mesmo não se aplica a seu gosto literário. Segundo declara, em tom de polêmica, numa folha carioca:

Por ora limito-me a dizer-lhe que nunca li Lamartine, nem outro algum poema francez, excepto a Henriqueida de Voltaire, e algumas cousas de Molière. Além

78. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973, pp. 358-359.

79. José Honório Rodrigues, “Resenha”, *Revista de História*, vol. 48, n. 98, 1974.





destes dous livros de versos francezes, nunca puz os olhos em outro, senão em hum que me metteu a cara hum redator francez da folha anti-monarchica. Porém era tão obsceno, que a poucas linhas de leitura me subio a côr á cara e não pude continuar. Creio que se chamava Piron, e que he em França o *va-de-mecum* dos somitegos (veja-se no diccionario a significação desta palavra). A todos os momentos estou citando grande numero de poetas portuguezes, hespanhóes, italianos, alemães, hollandezes, ingleses, latinos e gregos; mas he raríssimo que eu cite hum poeta francez, porque nem os conheço, nem gosto de poesia franceza [...] Rio de Janeiro, 15 de fevereiro, morador na rua de S. José, n. 59, primeiro andar⁸⁰.

Não nos enganemos, enfim: *A Democracia em França* constitui uma análise à moda toquevilliana, “que se volta com virulência contra a idolatria do sistema democrático”⁸¹. A brochura se situa na vaga conservadora que de Paris se abriu por toda a Europa, já no inverno de 1848, o que faz do texto de François Guizot uma expressão elaborada e refletida da campanha contra a república social. A edição brasileira, tanto quanto as múltiplas edições levantadas nesse estudo, reflete o sentido e a força de uma propaganda conservadora que reacende sua força após o despertar da Primavera dos Povos.

80. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1840, p. 3.

81. Laurent Theis, *François Guizot*, p. 38.





Cauda Longa, Cauda Curta À Guisa de Conclusão



Votre vieux troubadour est fortement dénigré par les feuilles. Lisez le Constitutionnel de lundi dernier, le Gaulois de ce matin, c'est carré et net. On me traite de crétin et de canaille. L'article de Barbaey D'Aurevilly est, en ce genre, un modèle, et celui du bon Sarcey, quoique moins violent, ne lui cède en rien. Ces messieurs réclament au nom de la morale et de l'idéal! J'ai eu aussi éreintements dans le Figaro et dans Paris par Cesena et Duranty. Je m'en fiche profondément! Ce qui n'empêche pas que je suis étonné par tant de haine et de mauvaise foi. La Tribune, le Pays et l'Opinion Nationale m'ont en revanche fort exalté.

GUSTAVE FLAUBERT, 1869*





- * “Vosso velho trovador foi fortemente denegrido pelas folhas. Leia o *Constitutionnel* de segunda-feira passada, o *Gaulois* de hoje de manhã, é público e notório. Tratam-me como cretino e canalha. O artigo de Barbey d’Aurevilly é, nesse gênero, um modelo, e aquele do bom Sarcey, ainda que menos violento, não cede em nada. Os senhores reclamam em nome da moral e do ideal! Também encontrei contrariedades no *Figaro* e no *Paris* por Cesena e Duranty. Eu os ignoro profundamente! O que não me impede de ficar espantado com tanto ódio e tanta má-fé. A *Tribune*, o *Pays* e *Opinion Nationale*, todavia, me exaltaram vigorosamente” (“Lettre de Gustave Flaubert à George Sand (1804-1876)”, *Correspondance*, 4^e série, *apud* Gustave Flaubert, *L’Éducation Sentimentale, Histoire d’un Jeune Homme*, Notice et Index de Louis Biernawski, Paris, Louis Conard, 1910, p. 613).





O fracasso de *Educação Sentimental* foi objeto de profunda amargura para Gustave Flaubert (1821-1880). Publicado em 1869, portanto, às vésperas dos acontecimentos que marcaram de forma indelével os destinos da sociedade francesa, a saber, a invasão da Prússia e a Comuna de Paris, cuja vitória deu início ao regime mais longo de sua história – a III República – o autor costumava dizer que a “guerra matara seu livro”. A guerra e uma crítica implacável.

Apenas George Sand o defenderá, por meio de uma revisão elogiosa, publicada no jornal *Liberté*, em 18 de dezembro de 1869. Porém, as opiniões confidenciais por essa fiel missivista eram titubeantes, até que, em 1875, a escritora revela uma nova crítica bem refletida e elaborada:

Antes de tudo, somos seres humanos. Queremos encontrar o homem no fundo de toda história e tudo fazer. Este foi o defeito de *Educação Sentimental*, sobre o qual muito refleti, desde que me perguntava por que razão havia tanto mal-estar em torno de uma obra tão bem-feita e tão sólida¹.

Traduzindo as impressões de George Sand nas palavras da crítica contemporânea, o que faltava ao romance era o sentido da narrativa (do *récit*), do romanesco. Todas as intrigas e as emoções outrora derramadas por Balzac, Victor Hugo e George Sand, ao que se somava a crença na capacidade transformadora do homem, tudo isso parecia faltar a Flaubert².

1. *Apud* Gustave Flaubert, *L'Éducation Sentimentale*, p. 615.

2. No final do século XIX, alguns críticos retomaram essa temática da negação romanesca, a exemplo de Zola e Bainville. *Educação Sentimental* será consagrado no pós-Segunda Guerra pelos teóricos



É possível que os críticos de seu tempo, formados, como o foram, na mesma escola de uma Revolução malograda, como a de 1848, o que os converteu de aprendizes da República a sobreviventes pragmáticos do Império, não tenham igualmente perdoado a imagem desconcertante de dois anti-heróis, eles também, fadados ao fracasso³. Notemos que Deslauriers – cujo nome está impregnado de sarcasmo, por se tratar daquele que perdeu o louro, a glória – sonha em, um dia, ter seu próprio jornal. Ora, o jornalista tipificado na pele desse personagem traz a marca do arrivismo e da covardia, embora, como seu amigo Frédéric, ele não tenha sido destituído, por completo, de certo idealismo romântico.

Nem mesmo o retrato preciso que o autor recupera de uma Paris tomada pelos levantes de fevereiro, ou pelos massacres de junho, ou, enfim, pelos acórdãos que conduziram à transação conservadora, nada disso parece ter sensibilizado a opinião. Talvez porque, como afirmamos anteriormente, a derrota de 1848 confirmasse o pragmatismo burguês, não havendo, portanto, espaço para as doutrinas.

Essa história ilumina bem a trajetória do livro *De la Démocratie en France*, de François Guizot. São realidades contrastantes, porém, complementares e reveladoras de um mundo à deriva. É bem verdade que a mesma crítica que afundou o romance garantiu à brochura um sucesso retumbante e imediato. Afinal de contas, atingir a marca de 48 edições – sem contar as reimpressões! – em cinco meses, não era nada evidente.

O leitor poderia protestar que o debate em torno da democracia e do sufrágio universal estava, como se diz atualmente, na crista da onda. De fato, de todas as bandeiras levantadas em 1789, apenas a Igualdade se man-

do *nouveau roman*, “que opõem de forma voluntária, como o faz Robbe-Grillet, em *Pour un Nouveau Roman*, Flaubert e Balzac, a arquitetura do vazio, cuja virtuosidade constrói seu valor, e uma literatura do sentido presa ao passado” (*Dictionnaire Flaubert*, Sous la Direction de Gisèle Séginger, Paris, Honoré Champion, 2017, p. 513).

3. Dolf Oehler recupera, por seu turno, a crítica que lhe faz Sartre, para quem Flaubert “seria um praticante do sobrevo, de olhos fechados à realidade contemporânea”, ou seja, ao significado profundo da Revolução de 1848. Porém, escreve o autor: “Cem anos antes de Sartre, Flaubert propôs-se determinar as relações entre o fracasso individual e o fracasso de classe no contexto da Revolução de 1848 e, sempre à maneira de seu biógrafo, quis retratar uma experiência ao mesmo tempo singular e universal” (Dolf Oehler, *Terrenos Vulcânicos*, São Paulo, Cosac Naify, 2004, p. 14).





tivera no reino da utopia. Como assinalado, os liberais da segunda metade do século XIX não vão poupar teorias, malabarismos retóricos, dentre outras formas de elucubração, para defender os limites da prática democrática contra o sufrágio universal.

É possível que as doutrinas de Guizot pudessem se revestir de novo sentido, nesses tempos de revisões e aflições, não houvesse o autor capitulado da cena política e os veículos de opinião enterrado sua brochura. Mesmo aqueles promotores mais aguerridos, como vimos no caso brasileiro, não se demoraram por muito tempo – talvez o tempo necessário – sobre o debate democrático.

Mas, voltando à premissa inicial, o sucesso de *Démocratie* não era nada óbvio. Era necessário muito mais do que a energia do autor e o esforço do editor para fazer acontecer o livro. Essa história não pode ser contada sem que se considere a importância da infraestrutura editorial no processo de construção de um autor e de um título. Pensemos noutro caso contrastante, porém, paradigmático.

O *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, teve sua primeira edição impressa em alemão e lançada em Londres, no dia 21 de fevereiro de 1848. Logo, às vésperas da Revolução que eclodiu em Paris. Ao concluir a brochura com o chamamento inflamado e amplamente difundido, “Proletários do mundo, uni-vos”, o que se poderia esperar, senão a reimpressão imediata do texto em todas as línguas do globo, ou, pelo menos, nas línguas vivas europeias?

Quando Guizot conclamou as classes proprietárias, “os guardiões naturais da sociedade”, para empreender uma guerra pela paz e restituir a ordem social, sua voz ecoou por todo o continente e a edição de *Démocratie* foi prontamente traduzida em dez idiomas. Porém, a brochura de Marx e Engels teve outra sorte. Na ausência de um editor que se ocupasse da propaganda comunista, os jornais devem cumprir esse papel, de modo que as primeiras publicações e traduções serão financiadas pela imprensa proletária. A edição londrina conhece, pelo menos, três impressões entre março e abril, e uma reedição revista, impressa no mês de maio. Uma primeira tradução em sueco aparece nesse mesmo ano. Em 1849, o original alemão será impresso em Hesse. Em 1850 sairá uma primeira tradução inglesa, em Nova York. Uma nova edição alemã, agora impressa em Berlim, virá a luz





em 1851, por Siegfried Meyer, membro marxista do Allgemeiner Deutscher Arbeiterverein (Associação Geral dos Trabalhadores Alemães)⁴.

Os problemas de financiamento e a censura refrearam, seguramente, essa primeira difusão do texto. No entanto, a história ensina que, de 1848 a 1918 o *Manifesto* foi publicado em 34 países e 33 idiomas. Na América Latina sua fortuna não deixa dúvidas sobre esse verdadeiro clássico da literatura proletária. Mas, é claro, não estamos apenas a tratar da fortuna de um livro. É que, como observa Edgard Carone, inspirado, aliás, em suas leituras de Marx, a relação entre literatura e público se submete a uma série de determinações: a conjuntura política, o nível de organização partidária ou dos grupos interessados a fazer circular um determinado escrito, a presença de uma imprensa ativa, que funcione como órgão de propaganda, infraestrutura editorial e logística⁵. A essa altura não é difícil concluir que o que faltava para Marx e Engels, sobrava para Guizot.

No jargão editorial, o livro que vende bem é o livro que vende sempre. Esse livro tem cauda longa, pois perpassa as conjunturas, o ambiente de euforia da edição *princeps* e o tempo de interesse das mídias. Ele garante aos editores a tranquilidade dos investimentos a longo prazo. Enquanto isso, os livros de sucesso imediato (cauda curta), embora não assegurem aos editores uma vida longa em seus catálogos, capitalizam a empresa, tanto do ponto de vista financeiro, quanto simbólico. Vimos, no terceiro capítulo, o reconhecimento e a devoção que o acanhado editor de obras científicas dispensava a François Guizot, no momento de assinatura dos contratos.

O sucesso de *Démocratie* foi passageiro⁶. Mas teria sido diferente o destino de tantos outros títulos publicados sob a forma de brochuras,

4. Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifeste du Parti Communiste*, en appendice notes sur les premières éditions du *Manifeste* et sur sa diffusion, traduit de l'italien, Paris, Science Marxiste, 1998, p. 133. O levantamento se apoia em Bert Andreas, *Le Manifeste Communiste de Marx et Engels, Histoire et Bibliographie (1848-1918)*, Milan, Feltrinelli, 1963, além de outros levantamentos e estudos pontuais.
5. Cf. Edgard Carone, *Leituras Marxistas e Outros Estudos*, organizado por Marisa Midori Deaecto e Lincoln Secco, São Paulo, Xamã, 2004; Horacio Tarcus, *Marx en la Argentina. Sus Primeros Lectores Obreros, Intelectuales y Científicos*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2013.
6. Algumas traduções pontuais testemunham os ecos de um sucesso pretérito, como é o caso da edição húngara, de 1853. O texto foi traduzido por József Eötvös (1813-1871), conde, escritor e Ministro da Cultura durante o governo livre, de 1848 (Aurelian Caiutu, *Liberalism Under Siege: The Political Thought of the French Doctrinaires*, Oxford, Lexington Books, 2003, p. 45).



opúsculos ou panfletos, naqueles anos intensos de 1848 a 1851 – ou seja, da Revolução ao Golpe?

Uma outra sorte de escritos sobre a Revolução, menos copiosa, talvez, porém, mais demorada e mais refletida se expôs, nem sempre com êxito, “à crítica roedora dos ratos”. Lamartine se apressou a publicar, com notável sucesso, sua *Histoire de la Révolution de 1848* (Paris, Perrotin, 1849). O programa de redação se concentra na República francesa de fevereiro a junho, quando o autor sai da cena política e “os destinos da República foram passados para outras mãos”, segundo escreve nas linhas derradeiras de uma narrativa tomada de poesia e de arrebatamentos. Até o Golpe de Luís Napoleão Bonaparte aparecerão outros cinco estudos: Marc Causse-dièrre, *Mémoires* (Paris, Michel Lévy, 1849); Louis Menard, *Prologue d’une Révolution* (Paris, Au Bureau du Peuple, 1849); Daniel Stern (pseudônimo de Marie d’Agoult), *Histoire de la Révolution de 1848* (Paris, G. Sandré, 1850-1853, 3 vols.); Karl Marx, *As Lutas de Classes na França*, publicado em alemão (*Neue Rhein Zeitung*, Hamburg, 1850) e traduzido para o francês apenas em 1900; do mesmo autor, *O 18 Brumário de Luís Napoleão Bonaparte*, publicado em alemão, na revista *La Révolution* (Nova York, janeiro de 1852) e editado em francês em 1891. A edição de *Histoire de la Révolution de 1848*, de Louis Blanc, será publicada às vésperas da Comuna (Paris, Lacroix, 1870, 2 vols.) e o escrito ainda hoje celebrado de Alexis de Tocqueville, *Souvenirs*, embora o autor o tenha redigido entre 1850 e 1851, em diferentes ocasiões, o manuscrito foi revisto, organizado e editado pelo Conde de Tocqueville apenas décadas mais tarde, de modo que a primeira edição data de 1893 (Paris, Calmann-Lévy)⁷. François Guizot imprimiu sua palavra sobre a Revolução de 1848 em *Mémoires pour Servir à l’Histoire de Mon Temps* (Paris, Michel Lévy, 1858-1867, 8 vols.). A parte relativa às Revoluções de 1789, 1830 e 1848 será republicada de forma independente, sob o título *Trois Générations* (Paris, Michel Lévy, 1863)⁸.

Conforme observado no capítulo introdutório, a obra política de François Guizot foi relativamente esquecida durante o Império e estratégica-

7. Cf. Alexis de Tocqueville, *Souvenirs*, Préface de Claude Lefort; texte établi par Luc Monnier et annoté par J. P. Mayer et B. M. Wicks-Boisson, Paris, Gallimard, 1999.

8. Para um levantamento exaustivo da produção copiosa de escritos e imagens produzidos durante as Revoluções de 1848, cf. *La Révolution de 1848*, Exposition Organisée par le Comité National du Centenaire, Paris, Bibliothèque Nationale, 1948.





mente silenciada durante a III República. Reedições contemporâneas de *Démocratie* foram identificadas, sugerindo que o pensamento e a obra do autor têm despertado o interesse de estudiosos, não apenas na França, mas, também, em outros países. Um interesse acadêmico, é fato, que diz muito sobre uma nova onda de recepção do autor⁹.

A história de um livro nos permite ver refletido no espelho, ou através do vidro de uma garrafa, como nas telas flamengas, um quadro mais amplo, no qual o tempo da política define o compasso de produção e difusão da brochura – e vice-versa. Ao conduzir essa história do manuscrito ao livro, do autor ao leitor, acreditamos ter levantado algumas questões fortes sobre o fazer editorial. Há momentos em que a leitura das fontes passa pelo crivo da autoanálise, na medida em que a prática que se descreve no passado se confunde com o fazer do presente. Da mesma forma que as questões políticas que o libelo levanta não podem ser lidas sem os embates atuais. Talvez, quando olhamos a imagem refletida no espelho, o que procuramos, na verdade, é a imagem que se reflete em nossos olhos.

9. Entre as edições contemporâneas, identificamos: *Democracy in France (January, 1849)*, New York, H. Fertig, 1974; *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*, Hildesheim/New York, G. Olms, 2000; *De la Democracie en Francia*, Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1981.





POSFÁCIO

Guizot no Brasil Atual

*Lincoln Secco**

A História de um livro é sempre um mistério. É possível ler o manuscrito, as várias redações, as correções, as provas tipográficas, o contrato de cada edição e a correspondência do autor. Mas a historiadora que aceita a tarefa não pode sentar-se ao lado do autor, indagar-lhe os motivos, surpreender suas indecisões.

Assim, cabe à autora contornar a mesa de trabalho do seu personagem, visitar-lhe o escritório ainda hoje conservado, compulsar uma vasta mole documental e reviver um François Guizot em seus vários espaços, em seus múltiplos tempos. É a obra que Marisa Midori Deaecto empreende.

Ela transpassa as muitas temporalidades que envolvem seu tema de estudo: aborda o objeto livro na longa duração de sua história; conduz nossa leitura por uma conjuntura revolucionária desde 1789; por fim, nos mergulha no próprio evento que foi a publicação da obra de François Guizot em plena Primavera dos Povos.

Professora Livre-Docente na Universidade de São Paulo, a autora é mestra do seu ofício. Mobiliza as técnicas, descreve os paratextos editoriais, a recepção, as resenhas, as missivas, os debates; demonstra como se dá a sobrevivência comercial e pública de uma obra. Aquela que vende muito no lançamento e a que vende (mais ou menos) por muitos anos.

Basta uma comparação: o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, por exemplo, visava o mesmo objetivo de *Democracia em França* de Guizot:

* Professor livre-docente de História Contemporânea da Universidade de São Paulo.



intervir nos acontecimentos (embora o *Manifesto* tenha sido publicado pouco antes da vaga revolucionária de 1848). O pequeno livro também buscava uma difusão europeia, mas suas edições anunciadas se frustraram.

Já o livro de Guizot teve ampla difusão imediata em várias línguas e países. Como Marisa mostra foram, 47 edições em cinco meses (além das reimpressões e possíveis contrafações). No entanto, o *Manifesto Comunista* continua a ser editado em muitos países e é encontrado ainda hoje em bancas de jornal. Já Guizot é um senhor desconhecido do grande público leitor.

Por que então resgatar o libelo de um conservador 170 anos depois?

OS MOVIMENTOS DA CRÍTICA

É possível que a autora nos envolva em movimentos contraditórios. Primeiro, ao recordar a Revolução para os que procuram esquecê-la; depois, ao resgatar uma crítica conservadora à Democracia; finalmente, a crítica da democracia é reencontrada, mas não como questionamento conservador e sim como atitude de duvidar de sua modalidade liberal, sempre capaz de engendrar o monstro da tirania.

Guizot fez parte da geração de historiadores da Restauração (1815-1830) que erigiu um modelo liberal de compreensão da Revolução Francesa, o mesmo que perdurou por dois séculos e, justamente através dos adeptos de Marx, ainda persiste. Suprema ironia!

A plêiade de historiadores liberais era composta por Guizot, Thiers, Mignet e a notável Madame de Stäel (cuja obra é editada, postumamente, em francês e alemão no ano do nascimento de Marx: 1818). Acrescente-se depois Tocqueville.

Foram eles que viram uma Revolução bifronte: uma face liberal voltada para a Inglaterra (1789); outra radical e que olha para o povo da rua (1792-1794). Abominaram o terror, mas reconheceram na grande Revolução o que nela havia de “inevitável” para a ascensão da classe média (a burguesia).

É essa leitura que, paradoxalmente, permitirá aos marxistas se colocarem como continuadores da “revolução burguesa” e, de certa forma, da própria obra de Guizot.

Em sua *História da Civilização na Europa* ele já havia situado a ideia de luta de classes como a originalidade histórica europeia. Não é preciso adivinhar de onde Marx retirou um conceito fundamental do chamado materialismo histórico. Ele leu e resenhou Guizot!



Eric Hobsbawm (*Ecos da Marselhesa*) ofereceu a explicação cabal de por que a França entronizou a sua Revolução em bloco durante o primeiro centenário. Já no segundo, vários historiadores tiveram audiência para dizer o que antes fora uma heresia: que a Revolução nunca existiu, foi uma derrapagem irrelevante ou um prenúncio do totalitarismo.

A parte da França de 1989 que temia seus imigrantes e buscava depois meros gestores em vez de presidentes permitiu que o discurso dominante esvaziasse o caráter nacional da Revolução.

Os historiadores liberais, entretanto, ao atacarem a interpretação marxista da Revolução, ofendiam na verdade o seu próprio paradigma liberal, como notou Hobsbawm. Ao mirar em Marx, atingiam Guizot, esse desconhecido autor que deixou de ser editado e é citado anualmente apenas em algumas aulas de História na universidade.

Para a geração de Guizot a Revolução foi necessária e não um desvio, embora tivesse horrores. Guizot, Madame de Staël, Mignet, Thiers e outros recolheram-na como um todo necessário que precisava ser depurado dos excessos e chegar ao *juste milieu*. Assim, a luta de classes acabaria em 1830, quando uma nova Revolução destrona o rei Bourbon e entroniza um Orléans: Luís Filipe.

E como bem demonstra Marisa, Guizot, agora só um ex-ministro todo-poderoso da era orleanista, tentava encontrar em seu panfleto político o antídoto à Democracia, ou seja, exatamente ao “exagero” da Revolução.

O primeiro movimento da crítica da autora será, portanto, o de desnudar a origem revolucionária do liberalismo conservador; gênese esquecida por seu próprio personagem porque ele foi derrubado pela continuidade da mesma Revolução que lhe tinha alçado ao poder.

A crítica da autora não se encerra neste primeiro momento. Será preciso examinar o modelo de Guizot. Afinal, seu resgate do passado não é tarefa simples. Ele estaria em casa ao lado dos críticos do totalitarismo no século xx, mas estes o veriam com estranhamento ao lado da Revolução de 1789 ou mesmo de 1830.

O MODELO “IDEAL”

Somente os que souberem terminar uma Revolução terão o direito à sua herança. Não bastará domá-la, como Napoleão Bonaparte. Para os liberais



de 1830 o melhor seria encontrar instituições que pudessem estabilizar a nova ordem social.

Aqui Guizot poderia sentar-se, nos anos 1980, ao lado de François Furet, esse historiador conservador que um dia abandonou o marxismo para desconstituir a Revolução Francesa. Mas a historiadora Marisa Midori Deaecto bem sabe que os neoliberais podem muito facilmente aceitar a crítica de Guizot à Democracia, mas não seu pecado de origem: a Revolução. É porque Furet e seus colegas não miravam 1789, mas 1917.

Foi Marx, em o *18 Brumário*, quem escreveu que, absorvida pela luta pacífica da concorrência, a burguesia não percebia mais que, por menos heroica que seja a sociedade burguesa, trazê-la ao mundo exigiu do povo heroísmo, abnegação, terror e guerra civil.

O LIVRO ESQUECIDO

Com essa fina ironia de quem pode escrever depois de 1989, mas também após 2008, Marisa resgata o livro esquecido de Guizot. O menos conhecido, quase anatematizado. A escolha não foi casual. Porque assim a historiadora mergulha no debate político de sua época com um segundo movimento da crítica, depois de ter lembrado o quanto o liberalismo deveu a uma Revolução popular.

Agora a autora trata de negar o primeiro momento da sua crítica e revela as origens antidemocráticas do liberalismo, dissimuladas numa visão reificada da Democracia.

O modelo de Guizot seria hoje plenamente aceitável aos ultraliberais. Um regime monárquico constitucional no qual um Rei tinha seus poderes vigiados pela oposição de uma Assembleia (eleita com voto censitário), cabendo à Câmara dos Pares a mediação.

Se o absolutismo tornou-se intolerável por ser o despotismo de um só, a Democracia por si mesma seria niveladora e conduziria à tirania do povo. Tema toquevilliano. Antes de tudo, uma causa comum do liberalismo conservador que floresceu na Restauração e exerceu o poder na Monarquia de Julho de 1830.

É verdade que houve dissensões entre Guizot, Thiers e Tocqueville. O primeiro foi apeado do poder para sempre em fevereiro de 1848. O segundo continuaria na vida política até encerrá-la como carrasco da Comuna



de Paris e primeiro presidente da III República. Já Tocqueville viu com um desapassionado ceticismo o reinado orleanista. Julgou seus contemporâneos de maneira acerba e irônica, posto que fosse dotado de espírito e estilo superiores. Exibia um certo desprezo dissimulado, aquela *sprezzatura* de um aristocrata inteligente e desiludido.

Tocqueville sabia que a ascensão da burguesia, industriosa e desonesta (a expressão é dele), era inevitável; admirou o heroísmo da classe operária de Paris, sem deixar de combatê-la; e terminou sua vida pública como o ministro de um governo então ridicularizado: o de Luís Napoleão.

Dos três, Guizot seria o de menor valor à luz da historiografia? Marisa Midori Deaecto lembra ter sido Guizot aquele que, em 1833, criou a lei que determinou uma escola em cada comuna; que tornou os professores funcionários públicos; que criou um programa permanente de aquisição de livros para as bibliotecas. Ele foi o *best seller* político em 1849 e era a figura de proa antes da Primavera dos Povos. Não tinha sido um simples escritor da corte.

E aqui voltamos ao início. Ao verdadeiro problema que move o texto de Marisa Midori Deaecto. Guizot escreveu dezenas de volumes, incluindo extensos textos memorialísticos. Suas edições abarcaram centenas de milhares de exemplares.

DE VOLTA À MESA DE TRABALHO

Ele escreveu demasiado. Também exerceu cargos em que falou muito. Deixou farta documentação, contratos, manuscritos, discursos, aulas, livros, registros de contemporâneos. Tudo mereceu o escrutínio da historiadora que o integrou até na cadeia produtiva do livro francês com um posto de destaque. Erudita, a autora contornou a mera crítica biográfica. Mas não caiu no ocultamento do autor.

Enfim, Guizot disse muito. Mas o que foi que ele não contou à historiadora? Ela volta mais de uma vez ao redor do seu autor. Insatisfeita, se recosta de novo à volta de sua mesa, enquanto ele escreve uma carta à sua tradutora inglesa ou no momento em que negocia um contrato.

Impossível não recordar as páginas finais de *O Mediterrâneo* de Fernand Braudel. A morte do Rei que deveria ser um grande acontecimento é deslocada do lugar que a historiografia outrora lhe concedia. Num espaço vazio, fora da história mais profunda, o Rei somente balbucia, o historia-



dor se aproxima mas nada ouve, como lembrou Jacques Rancière. Guizot compreendeu de fato sua Era das Revoluções?

Marisa Midori Deaecto é propositalmente econômica na descrição da trajetória de Guizot, embora nos conte o essencial. Esse burguês protestante não possuiu a herança de Tocqueville e, como uma personagem de Balzac, ascendeu pelas alianças, pelo dom da oratória e pelo esforço para se tornar um historiador numa época em que toda a carreira estava aberta ao talento, na expressão de Hobsbawm.

Guizot se casou com uma aristocrata já com seus quarenta anos de idade (que a leitora e o leitor se transportem para o universo de valores da época). Mas se apoiou decisivamente na esposa para pavimentar sua ascensão social, porque Pauline Meulan também traduziu as obras que sustentaram o casal.

Depois dos anos de poder na Monarquia de Julho, aquele político decaído em 1848 volta a viver da pena como sua principal fonte de renda, segundo a autora afirma. Ele jamais deixou de ser um burguês. A Convenção guilhotinou-lhe o pai, é verdade, mas sem ela Guizot jamais teria sido ministro.

Guizot é um liberal que precisa ser conservador. Tocqueville é um conservador que aceita ser liberal. Eles vêm de polos sociais opostos e se encontram no campo da defesa do último dos privilégios: a propriedade. A oposição ao socialismo os unifica.

UM LIBERALISMO QUE ENGENDRA A TIRANIA

Chegamos por fim ao momento derradeiro da crítica. Agora a origem revolucionária da ordem burguesa e a negação liberal da Democracia reencontram sua unidade na hipótese da superação da própria democracia liberal.

Nem esses movimentos emergem facilmente na forma de exposição; nem a crítica se deixa levar pela apresentação fácil de fórmulas para o presente. Será preciso seguir a leitura para retirar das entrelinhas os limites do liberalismo, especialmente latino-americano, espaço onde vicejaram as edições da obra de Guizot no século XIX.

Marisa Deaecto não vislumbra o passado de forma desinteressada. Não deseja simplesmente reconstituir. Seu objetivo é também explicar o momento em que vive. Outrossim, a superação da díade democracia/liberalismo emerge de suas linhas mas nos empurra para fora do texto.





Podemos então nos permitir outra indagação que exsurge de sua escrita: o quanto o questionamento de Guizot à Democracia, por mais que ofenda democratas de nosso tempo, não carrega a inquietante desconfiança que devemos ter pelas maiorias eventuais? Pela excitação momentânea que tudo pode colocar a perder? Eis aqui outro momento da crítica.

Que se não julgue o supradito como menosprezo à participação popular e sim ao poder da riqueza e de todos os mecanismos e argumentos que pervertem a livre escolha desde a Grécia antiga. Aqui, falta à tríade de Guizot, Tocqueville e Thiers o revolucionário que decerto eles desprezariam em uníssono: Blanqui.

As próprias vanguardas revolucionárias afinal sempre conceberam o povo pela sua parte ativa e organizada. E não é Guizot a nos alertar que a Democracia produz as perspectivas da liberdade, “mas na sua embriaguez, ela se entrega cegamente aos charlatões que a lisonjeiam?”

O mundo em que a historiadora investigou tão minuciosamente o seu objeto não convida simultaneamente à defesa da Democracia e à suspeita de que houve algo de errado com ela? Obviamente que podemos fazer essa pergunta com o objetivo oposto ao de Guizot, que se apegava ao ilusório compromisso da Monarquia de Julho.

Como a autora nos ensina, nossos liberais sempre foram conservadores. Mas também sempre tiveram dificuldade de adaptar as matrizes intelectuais francesas à realidade brasileira. Justiniano José da Rocha é o exemplo mor. “Fui um liberal, mas...”. O complemento sempre justifica um conservantismo muito mais agravado porque jamais temperado por uma Revolução e por uma classe trabalhadora ameaçadora.

Em 1848 a Primavera foi dos Povos e não do povo. Foi das nacionalidades e não das classes subalternas. Mas elas adentraram a cena histórica em junho daquele ano. Guizot quis que seu livro fosse o da França naquele instante. Felizmente as pessoas nem sempre se comprazem com um único livro.

Este que está em suas mãos, caro leitor, cara leitora, é uma obra do nosso tempo. Permite reencontrar a defesa da Civilização sem barbárie; da Democracia sem adjetivos; da cultura do livro sem os adoradores de um único, ou de nenhum.

Aqui temos a reunião de muitas obras que Marisa escreveu, leu ou simplesmente folheou nas muitas bibliotecas onde pesquisou. Só assim ela pode nos brindar com uma obra rigorosa e erudita que consolida seu lugar na História do Livro.





Agradecimentos

Ao final de uma jornada tão longa, a autora se sente profundamente comprometida e recompensada. A fatura é grande, compatível com os dez anos de docência e de pesquisa, período em que se deu o mergulho nessa história fascinante das Revoluções de 1848 e na história de um livro.

As pesquisas nos arquivos e bibliotecas europeus ocorreram no âmbito dos programas de pesquisador e conferencista visitante em diversas instituições francesas. Registro, agradecida, as passagens pela Cátedra Histoire et Civilisation du Livre, da EPHE, sob a direção de Frédéric Barbier, no inverno de 2013; pelo Institut d'Histoire Moderne et Contemporaine, da ENS, com bolsa concedida pelo Labex-Transfers, sob a direção de Michel Espagne, no inverno de 2017; e pela École Nationale des Chartes, no outono de 2017, a convite da diretora Michelle Bubenicek.

O capítulo relativo à recepção de François Guizot no Brasil foi redigido durante minha participação no Projeto de Cooperação Internacional A Circulação Transatlântica do Impresso, dirigido por Márcia Abreu (Unicamp) e Jean-Yves Mollier (UVSQ), com o apoio da Fapesp. O Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP) me concedeu a bolsa e o semestre que me faltavam para fechar esses longos anos de peregrinação e de leitura, por meio do programa Pesquisador Sabático-2017. A Paulo Saldiva, diretor da instituição e a todos os funcionários e colegas com os quais me relacionei durante essa temporada, meus sinceros agradecimentos.

Uma pesquisa se faz tanto mais rica quanto estimulante na medida em que ganha a adesão de novos interlocutores. Registro meus agradecimentos a Nuno Medeiros (FCSH-UNL), José Augusto dos Santos Alves (CHC-UNL) e António Castilho Gómez (FFL – Un. de Alcalá). O diálogo com especialis-



tas do tema, mas também com colegas de diferentes campos de investigação, foi fundamental. Imprimo meu reconhecimento à atenção generosa de Sabine Juratic (IHMC/ENS), Yann Sordet, diretor da Bibliothèque Mazarine, Jean-Charles Geslot (UVSQ), Annika Hass (Goethe Universität) e Patricia Sorel (Université Paris-Nanterre). Faço uma menção especial a Laurent Theis, conhecedor profundo do universo guizotiano pelas participações desafiadoras e amigas nos seminários da rue d'Ulm.

A Madame Coste e Stéphane Coste, seu filho, agradeço pelo interesse demonstrado por meu projeto e pela presteza com que abriram os caminhos de pesquisa no fundo patrimonial de François Guizot, depositado no Arquivo Nacional da França. Esse mesmo reconhecimento deve ser registrado a Madame Lartigue, que nos recebeu em Val-Richer de forma muito hospitaleira, e a Jean Bergeret, esse amável anfitrião normando que nos proporcionou tão aprazível conversa durante nossa visita.

O capítulo alemão não seria realizado sem as viagens além-Reno, a começar pela Bibliotheca Albertina, em Leipzig, durante o inverno de 2013. A Matthias Middel (Universität Leipzig) e a Ursula Rautenberg (Friedrich-Alexander Universität) todo o meu reconhecimento pela recepção amigável e calorosa. A viagem de trem de Budapeste a Paris, com paradas em várias cidades e visitas a muitas bibliotecas, produziu em meu espírito uma consciência clara e transformadora sobre a relação entre a geografia e as profundas camadas históricas que repousam sob o solo europeu. Esse processo de formação e sensibilização que se traduz, em parte, nessa tese, sobretudo nas seções dedicadas ao mundo germânico, deve ser compartilhado com Daniel Baric, germanista e eslavista da Sorbonne e Claire Madl, pesquisadora do CEFRES, de Praga. A István Monok, o sábio diretor geral do Arquivo e Biblioteca da Academia de Ciências de Budapeste, devo muitas outras viagens através da grande planície que, de Peste, nos conduz através do *bassin des Carpates*.

Mas há viagens e descobertas que se realizam através dos livros. Nesse aspecto, a presença da comunidade uspiana (dos amigos e dos alunos) tem um valor inestimável. Lincoln Secco é uma inspiração constante, desde os tempos em que palmilhávamos as ruas do velho Centro de São Paulo, à caça dos livros. Sou-lhe grata pelos volumes dedicados e por *aqueles outros* que se escondem nos desvãos de minhas estantes. Plínio Martins Filho encheu minha vida de livros e de novos amigos que concorreram para os possíveis





êxitos dessa pesquisa: os bibliófilos Cláudio Giordano e Luís Pio Pedro; Leopoldo Bernucci (University of California-Davis); Thiago Mio Salla, Jean-Pierre Chauvin, José de Paula Ramos Jr. e Ivan Teixeira (*in memoriam*), professores do departamento e *compagnons* da Confraria 17; Ciro Yoshiasse, de quem tomei alguns volumes emprestados e muita sabedoria; os alunos Felipe Castilho de Lacerda, Vivian Nani Ayres, Carolina Bednarek e Fabiana Marchetti foram pacientes e escudeiros fiéis nessa empreitada. Aliás, expresso minha gratidão a todos os alunos que acompanharam diferentes passagens dessa pesquisa, sob a forma de grupos de leituras, palestras, comentários, notícias e reclamações. À professora Regina Maria Salgado Campos meus agradecimentos pelos conselhos para a tradução das cartas de Guizot. É claro que sem a ajuda auspiciosa de Ricardo Assis, da Negrito Produção Editorial, a edição da tese e, agora, do livro, não teriam ocorrido com o mesmo êxito. *Namastê*.

A presente pesquisa foi submetida a exame como parte dos requisitos para a obtenção do título de livre-docência na Universidade de São Paulo. A banca foi composta pelos professores Benjamin Abdalla Jr. (FFLCH-USP), Lincoln Secco (FFLCH-USP), Dennis de Oliveira (ECA-USP), Tania Regina de Luca (FCL-Unesp) e presidida por Eugenio Bucci (ECA-USP). Enquanto aguardava a realização das provas, o professor Carlos Guilherme Mota leu o trabalho e me brindou com sua boa prosa, alguns livros preciosos e muita erudição. Este extra de um suplente-presente constituiu uma experiência tão importante, que não posso deixar de a registrar na fatura do concurso. Descobri no solo fecundo da universidade, naqueles dias intensos de provas e de arguições, a versão mais eloquente da amizade que abraça de forma irrestrita o conhecimento e a vida docente. Gratidão eterna.

Minha família acreditou até o último minuto que, desta vez, eu levaria o projeto de redação até o fim. Éder e Mateus são o compromisso e a recompensa firmados a cada dia. Amo vocês.







Fontes e Bibliografia

FONTES

MANUSCRITOS

Bibliothèque Thiers, Paris

MS. 686.

Archives Nationales de France

MS. 42AP3; MS. 42AP31; MS. 42AP34; MS. 42API50; MS. 42API51; MS. 42API52; MS. 42AP271; MS. 42AP320; MS. 42AP389; MS. 166MI21.

PERIÓDICOS

A Sentinela do Povo. Rio de Janeiro, 16 de junho de 1849.

A Sentinella do Trono. Typ. do Diário do Rio, de N. L. Vianna. Rio de Janeiro, sábado, 16 de junho de 1849.

Correio da Tarde. Rio de Janeiro, terça-feira, 6 de março de 1849.

____. Rio de Janeiro, segunda-feira, 26 de março de 1849.

____. Rio de Janeiro, segunda-feira, 14 de maio de 1849.

____. Rio de Janeiro, sexta-feira, 18 de maio de 1849.

____. Rio de Janeiro, quarta-feira, 23 de maio de 1849.

____. Rio de Janeiro, terça-feira, 5 de junho de 1849.

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, sexta-feira, 16 de março de 1849.

____. Rio de Janeiro, domingo, 3 de junho de 1849.

Journal des Débats Politiques et Littéraires. Paris, 10 janvier, 1849.

____. Paris, 18 janvier, 1849.

____. Paris, 25 janvier, 1849.

La Gazette de France, Paris, 13 janvier, 1849.

L'Ami de la Religion. Journal Ecclésiastique, Politique, Littéraire, tome CXL. Paris, Librairie d'Adrien Le Clerc et Cie., 1849.



L'Année Littéraire. Par Auguste Vittu, n.1, mars, 1849.
L'Assemblée Nationale. Paris, 9 janvier, 1849.
_____. Paris, 10 janvier, 1849.
_____. Paris, 17 janvier, 1849.
La Presse. 18 février, 1849.
L'Echo Rochelais: Feuille d'Annonces Commerciales, Judiciaires et d'Avis Divers. La Rochelle, 16 janvier, 1849.
Le Constitutionnel. Paris, 9 janvier, 1849.
Le Pays. Journal des Volontés de la France. Paris, 13 janvier, 1849.
Le Peuple, Journal de la République Démocratique et Social. Paris, 25 janvier, 1849.
Le Siècle. Paris, 10 janvier, 1849.
New York Evangelist. New York, vol. 20, n. 7, 15 february, 1849.
O Brasil. Rio de Janeiro, Typ. do Brasil, de J. J. da Rocha, sábado, 17 de março de 1849.
O Novo Farol Paulistano. Sábado, 31 de março de 1832.
_____. Sábado, 31 de dezembro de 1836.
Publicador Maranhense. 29 de maio de 1844.
Revue des Deux Mondes. Paris, tome 1, 19^e année, 1^{er} janvier, 1849.
Revue Critique des Livres Nouveaux. Février 1849.
The Edinburgh Review, vol. 89, n. 180, April 1st, 1849.

BIBLIOGRAFIA*

1789 – *La Commémoration*. Paris, Folio, 1999.
ACTES du Colloque François Guizot (1974). Paris, Société de l'Histoire du Protestantisme Français, 1976.
AGUET, J.-P. “Le Tirage des Quotidiens de Paris sous la Monarchie de Juillet”. *Revue Suisse d'Histoire*, n. 10, 1960.
AGULHON, Maurice. 1848. *O Aprendizado da República*. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
ALLGEMEINE Deutsche Biographie (ADB). Leipzig, Duncker & Humblot, 1904, vol. 49.
ALMEIDA, Aluisio de. *A Revolução Liberal de 1842*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.
ALONSO, Paula (org.). *Construcciones Impresas. Panfletos, Diarios, Revistas en América Latina, 1820-1920*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003.
ANDREAS, Bert. *Le Manifeste Communiste de Marx et Engels, Histoire et Bibliographie (1848-1918)*. Milan, Feltrinelli, 1963.

* Constam nesse tópico as folhas, panfletos, opúsculos e livros (inclusive as obras de referência) consultados durante a pesquisa. A referência não distingue, portanto, fontes impressas não seriadas dos livros e pesquisas acadêmicas compulsados.





- AVENEL, Henri. *Histoire de la Presse Française Depuis 1789 Jusqu'à nos Jours. Rapport au Ministère de Commerce (Exposition Universelle de 1900)*. Paris, Ernest Flammarion, 1900.
- AYRES, Vivian Nani. *Da Sala de Leitura à Tribuna. Livros e Cultura Jurídica em São Paulo no Século XIX*. São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP, 2018 (Tese de Doutorado).
- AZEVEDO, Álvares de. *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente de Azevedo. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1976.
- BACHLEITNER, Norbert. *Die literarische Zensur in Österreich von 1751 bis 1848*. Mit Beiträgen von Daniel Syrový, Petr Píša und Michael Wögerbauer. Wien/Köln/Weimar, Böhlau, 2017.
- BALZAC, Honoré de. *La Comédie Humaine*. Tome III: *Les Illusions Perdues*. Paris, Garnier, 2008.
- BARBIER, Frédéric. *L'Empire du Livre. Le Livre Imprimé et la Construction de l'Allemagne Contemporaine (1815-1914)*. Préface par Henri-Jean Martin. Paris, Cerf, 1995.
- _____. *Histoire d'un Livre. La Nef des Fous de Sébastien Brant*. Paris, Éditions des Cendres, 2018.
- _____. *História do Livro*. São Paulo, Paulistana, 2008.
- BARIC, Daniel. *Langue Allemande, Identité Croate. Au Fondement d'un Particularisme Culturel*. Paris, Armand Colin, 2013.
- _____; COIGNARD, Tristan & VASSOGNE, Gaëlle (org.). *Identités Juives en Europe Centrale. Des Lumières à l'Entre-Deux-Guerres*. Tours, Presses Universitaires François-Rabelais, 2014.
- BARNAVE, Joseph. *Introduction à la Révolution Française*. Texte Établi sur le Manuscrit Original et Présenté par Fernand Rude. Paris, A. Colin, 1960.
- BELLANGER, Claude; GODECHOT, Jacques; GUIRAL, Pierre & TERROU, Fernand (dir.). *Histoire Générale de la Presse Française*. Tome II: 1815-1871, Paris, Presses Universitaires de France, 1969.
- BENEVOLO, Leonardo. *La Ville dans l'Histoire Européenne*. Paris, Seuil, 1993.
- BENOÎT, Louis. *La Physiologie de la Poire*. Paris, Chez Les Libraires de la Place de la Bourse et du Palais Royal, 1832.
- BERCHTOLD, Jacques & FRAGONARD, Marie-Madeleine (org.). *La Memoire des Guerres de Religion*, II: *Enjeux Historiques, Enjeux Politiques, 1760-1830*. Genève, Librairie Droz, 2009.
- BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984.
- BONAPARTE, Louis-Napoléon. *Extinction du Paupérisme*. Paris, Pagnerre, 1844.
- BOSI, Alfredo. "Liberalismo versus Democracia Social". *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 21, n. 59, pp. 359-363, abr. 2007.
- _____. *Entre a Literatura e a História*. São Paulo, Editora 34, 2013.



- BOTREL, Jean-François. “Les Bibliothèques Françaises en Espagne (1840-1920)”. *Histoire du Livre et de l’Édition dans les Pays Ibériques. La Dépendance*. Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. “Champ Intellectuel et Projet Créateur”. *Les Temps Modernes*, n. 246, pp. 865-906, nov. 1966.
- _____. “Séminaires sur le Concept de Champ, 1972-1975. Introduction de Patrick Champagne”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 200, n. 5, pp. 4-37, 2013.
- BOWMAN, Franck Paul. *Le Christ des Barricades*. Paris, Éditions du Cerf, 2016 (1. ed., 1987).
- BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l’Époque de Philippe II*. Paris, Armand Colin, 1949. [Trad. bras.: *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*. “Apresentação à Edição Brasileira” de DEAECTO, Marisa Midori & SECCO, Lincoln. São Paulo, Edusp, 2016]
- _____. “Prefácio”. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848. As Jornadas Revolucionárias em Paris*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- _____. *L’Identité de la France. Les Hommes et les Choses*. Paris, Les Éditions Arthaud, 1986.
- BREZA, Eugène. *De la Russomanie dans le Grand-Duché de Posen*. Berlin, [s.ed.], 1836.
- _____. *Die ausgezeichneten Israeliten aller Jahrhunderte, ihre Portraits und Biographien: erstere lithographiert von den berühmtesten Künstlern in Paris*. Herausgegeben von Eugen Breza/*Illustrations Israélites: Recueil des Portraits des Juifs les Plus Célèbres de tous les Siècles Accompagnés de leur Biographie, Lithographies par les Premiers Artistes de Paris, et Publiés par Eugène Breza*. Ouvrage rédigé en Français et en Allemand en Regard. 1. livraison. Portraits de Mendelssohn, Furtado et Stern. Paris, Impr. de A. Auffray, 1834.
- _____. *Monsieur le Marquis de Custine en 1844, Lettres Adressées à Mme la Comtesse Joséphine Radolinska*. Leipzig, Librairie Étrangère, 1845.
- _____. *Notices sur les Familles Illustres et Titrées de la Pologne: Suivies de Trois Planches Coloriées Contenant les Armes des Familles Mentionnées dans ces Notices*. Paris, A. Franck, 1862.
- BROCKHAUS, Heinrich. *Tagebücher. Deutschland 1821 bis 1874*. Herausgegeben von Volker Tittel. Erlanger, Filos, 2004.
- BROGLIE, Gabriel de. *Guizot*. Paris, Perrin, 1990.
- BROUILLONS d’Écrivains. *Exposition, Paris, Bibliothèque Nationale de France, 27 févr.-24 juin 2001*. Sous la Direction de Marie Odile Germain et Danièle Thibault. Paris, BnF, 2001.
- CABRAL, Mariano José. *A Doca do Faial. Projecto e Orçamento de um Porto Artificial na Baía da Cidade da Horta, etc., tudo Coleccionado pelo Redactor do Correio dos Açores*. Lisboa, [s.ed.], 1866.
- _____. *A Maçonaria e o Jesuitismo. Publicação de um Maçon Católico, Apostólico, Romano, na Loja do Silêncio, ao Vale dos Benedictinos*. Rio de Janeiro, [s.ed.], 1872.





- _____. *Almanaque Religioso*. Lisboa, [s.ed.], [s.d.].
- _____. *Flores Literárias*. Ponta Delgada, [s.ed.], 1855.
- _____. *O Marechal Duque de Saldanha e a Metralha Ingleza nas Aguas da Ilha Terceira*. Lisboa, Typ. da Rua do Arco, 1867.
- _____. *Portugal Antes e Depois de 1846, ou Apontamentos para a Historia Contemporânea*. Lisboa, Typ. de Silva, 1847.
- _____. *Resumo da Historia de Portugal até ao Presente Reinado do sr. D. Pedro V, Aprovado para Uso das Escolas de Instrução Primária pelo Conselho Superior de Instrução Pública*. 2. ed. Ponta Delgada, Typ. de M. J. Moraes, 1855.
- CAIUTU, Aurelian. *Liberalism under Siege. The Political Thought of the French Doctrinaires*. Oxford, Lexington Books, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e História Literária*. 8. ed. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000.
- CAPELLÁN, Gonzalo. “El Concepto Democracia: Momentos, Significados e Imágenes en la ‘Larga Duración’ (Una Propuesta para la Historia Conceptual en el Mundo Iberoamericano)”. *Ariadna Histórica. Lenguajes, Conceptos, Metáforas*, 7 (2018), pp. 101-146.
- CARONE, Edgard. *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. Organizado por Marisa Midori Deaecto e Lincoln Secco. São Paulo, Xamã, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. “Os Nomes da Revolução: Lideranças Populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, n. 45, pp. 209-238, 2003.
- _____. & CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. “A Insurreição Praieira”. *Almanack Brasileiro*, n. 8, pp. 5-38, nov. 2008.
- CASTRO, José da Gama e. *O Federalista, Publicado em Inglez por Hamilton, Madison e Jay, Cidadãos Norte-Americanos e Traduzido em Portuguez*. Rio de Janeiro, [s.ed.], 1840, 3 t.
- _____. *O Novo Príncipe ou o Espírito dos Governos Monarchicos*. Rio de Janeiro, [s.ed.], 1841.
- CASTRO, Renato Barros de & COSTA, Denise. “José de Alencar, Jornalista. O Folhetim Reencontra o Teatro. Crônicas Publicadas no *Correio Mercantil* (1854-1855) e no *Diário do Rio de Janeiro* (1856)”. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 34, pp. 97-113, dez. 2018.
- CHAMBOREDON, Robert (org.). *François Guizot (1787-1874). Passé – Présent*. Paris, L’Harmattan, 2010.
- CHAMPAGNY, Franz de. *Du Livre “De la Démocratie en France”, de M. Guizot*. Paris, Desoye, 1849.
- CHARTIER, Roger. *A Mão do Autor e a Mente do Editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo, Ed. Unesp, 2013.
- _____. *A Ordem dos Livros*. Brasília, Editora da UNB, 1999 (1. ed. 1992).





- _____. *Les Origines Culturelles de la Révolution Française*. Paris, Seuil, 2000.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo, Ática, 2004.
- COGGIOLA, Osvaldo (org.). *A Revolução Francesa e Seu Impacto na América Latina*. São Paulo, Nova Stella/Edusp/CNPq, 1990.
- CORRESPONDANCE *Complète de Jean-Jacques Rousseau*, Édition complète des lettres, documents et index par R. A. Leigh, Paris, Fondation Voltaire, 1965-1998, 51 v.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Ideias no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- COSTA, Otavio Barduzzi. “Não Podeis Servir a Deus e a Mammon. Considerações sobre Filosofia do Capitalismo em Walter Benjamin e suas Críticas Sobre a Sociedade Burguesa”. *Cadernos Walter Benjamin*, n. 17, pp. 53-76, jul.-dez. 2016.
- COURSON, Aurélien de. *Lettres sur le Socialisme*. Paris, Vaton, 1849.
- COUSIN, Victor. *Filosofia Popular*. Trad. Mariano José Cabral. Lisboa, [s.ed.], 1848.
- [DAIRNVAELL, Georges]. *Profil Politique de M. Guizot: Réfutation du Livre “De la Démocratie en France”*. Par Satan. Paris, G. Dairnvaell, 1849.
- DARNTON, Robert. *L’Aventure de l’Encyclopédie (1775-1800). Un Best-seller au Siècle des Lumières*. Préface d’Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris, Perrin, 1982.
- DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros. Instituições e Práticas de Leituras na São Paulo Oitocentista*. 2. ed. São Paulo, Edusp, 2019.
- _____. “O Pesadelo do Historiador”. In: PIRENNE, Henri. *Lembranças do Cativo na Alemanha*. São Paulo, Edusp, 2015.
- _____. & SECCO, Lincoln. “Apresentação à Edição Brasileira”. In: BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*. São Paulo, Edusp, 2016.
- _____. “A São Paulo de Líbero Badaró”. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, n. 189, pp. 151-178, abril-junho de 2003.
- _____. “Seditious Books and Ideas of Revolution in Brazil”. In: SILVA, Ana Cláudia Suriani & VASCONCELOS, Sandra Guardini (org.). *Books and Periodicals in Brazil – A Transatlantic Perspective (1768-1930)*. London, Legenda, 2014, pp. 52-67.
- DE LA PRUSSE et de sa Domination. *Sous les Rapports Politiques et Religieux Spécialement dans les Nouvelles Provinces*. Par un Inconnu. Paris, Guilbert, 1842.
- DEWITTE, Philippe. “1830-1848. Les Bannis de l’Allemagne”. *Hommes et Migrations*, n. 1257 (*Trajectoire d’un Intellectuel Engagé. Hommage à Philippe Dewitte*), pp. 29-33, sept.-oct. 2005.
- DEUTZ, Simon. *Arrestation de Madame*. Paris, Chez Les Libraires Associés, 1845.
- DICTIONNAIRE des Ministres des Affaires Étrangères. Paris, Fayard, 2005.
- DICTIONNAIRE *Encyclopédique du Livre*. Sous la direction de Pascal Fouché, Daniel Péchoin, Philippe Schuwer. Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 2005.
- DICTIONNAIRE *Flaubert*. Sous la Direction de Gisèle Séginger. Paris, Honoré Champion, 2017.
- DOHLNIKOFF, Miriam. *O Pacto Imperial. Origens do Federalismo no Brasil do Século XIX*. São Paulo, Globo, 2005.





- DOMERGUE, Lucienne. “Le Livre en Espagne au Temps de la Révolution Française”. *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 262, pp. 574-575, 1985.
- DOPP, Herman. *La Contrefaçon des Livres Français en Belgique, 1815-1852*. Louvain, Librairie Universitaire, 1932.
- “DOSSIER Mazarinades, Nouvelles Approches”. *Histoire et Civilisation du Livre. Revue Internationale*. Sous la direction de Yann Sordet, Genève, 2016, tome XII, pp. 6-393.
- DROZ, Jacques. “Travaux Récents sur la Révolution de 1848 en Allemagne”. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, tome 1, n. 2, pp. 145-155, avril-juin 1954.
- _____. “L’Origine de la Loi des Trois Classes en Prusse”. *Bibliothèque de la Révolution de 1848*, tome II: *Réaction et Suffrage Universel en France et en Allemagne, 1848-1850*, 1963.
- DUTOIR, Françoise. “Guizot, entre Oubli et Notoriété dans les Manuels d’Histoire”, In: *Guizot, un Parisien dans le Pays D’Auge*. Exposition, Lisieux, Musée d’Art et d’Histoire de Lisieux, 2006.
- EDELSTEIN, Melvin. *La Révolution Française et la Naissance de la Démocratie Électorale*. Préface de Michel Vovelle. Traduction de Geneviève Knibiehler. Rennes, Pur, 2014.
- ENCREVÉ, Alain. “Guizot et la Démocrate en France”. In: CHAMBOREDON, Robert (org.). *Guizot: Passé-Present*. Paris, L’Harmatan, 2010.
- ENGELS, Friedrich. *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*. Lisboa, Progresso/Avante!, 1982, tomo 1.
- ESPAGNE, Michel. “La Fonction de la Traduction dans les Transferts Culturels Franco-Allemands aux XVIII^e et XIX^e Siècles. Le Problème des Traducteurs Germanophones”. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, n. 3, pp. 413-427, mai-juin 1997.
- _____. “La Notion de Transfert Culturel”. *Revue Sciences/Lettres*, n. 1, 2012.
- _____. *Les Transferts Culturels Franco-Allemands*. Paris, Presses Universitaires de France, 1999.
- _____. “Transferências Culturais e História do Livro”. *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, Ateliê Editorial, n. 2, pp. 21-34, 2012.
- ESTIVALS, Robert. “Création, Consommation et Production Intellectuelles”. In: ESCARPI, Robert. *Le Littéraire et le Social*. Paris, Champs/Flammarion, [s.d.], pp. 9-42.
- FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. 2. ed. São Paulo, Edusp, 2017.
- FEYEL, Gilles. “La Diffusion Nationale des Quotidiens Parisiens en 1832”. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, t. XXXIV, jan.-mar. 1987.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 5. ed. São Paulo, Ática, 1997.
- FLAUBERT, Gustave. *L’Éducation Sentimentale, Histoire d’un Jeune Homme*. Notice et Index de Louis Biernawski. Paris, Louis Conard, 1910.
- FRANÇOIS Guizot et la Culture Politique de son Temps. *Actes du Colloque de la Fondation Guizot-Val Richer*. Paris, Gallimar/Le Seuil, 1991.
- FREYRE, Gilberto. *Um Engenheiro Francês no Brasil*. Prefácio de Paul Arbousse-Bastide. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, 2 t.



- FOUCAULT, Michel. *Folie et Dérison. Histoire de la Folie à l'Âge Classique*. Paris, Plon, 1961.
- _____. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo, Perspectiva, 1964.
- _____. “‘Qu’est-ce qu’un Auteur?’ (Société Française de Philosophie, 22 février 1969; Débat avec M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d’Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl)”. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 63^e année, n. 3, pp. 73-104, juil.-sep. 1969.
- FRIEIRO, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. 2. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. 2. ed. Cotia, Ateliê Editorial, 2017.
- GERSDORF, E. G. (org.). *Leipziger Repertorium der deutschen und ausländischen Literatur*. Leipzig, T. O. Weigel, 1850.
- GODECHOT, Jacques. “L’Expansion de la Déclaration des Droits de l’Homme de 1789 dans le Monde”. *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 232, pp. 201-213, 1978.
- _____. “L’Histoire de la Révolution Française aux États-Unis”. *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 254, pp. 633-634, 1983.
- _____. “Taine Historien de la Révolution Française”. *Romantisme*, vol. 11, n. 32, pp. 31-40, 1981.
- GOYARD-FABRE, Simone. *O Que É Democracia?* São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- GRAFINGER, Christine Maria. “La Censure en Autriche”. *Mélanges de l’École Française de Rome. Italie et Méditerranée*, tome 121, vol. 2, pp. 371-377, 2009.
- GUILHAUMOU, Jacques. *La Langue Politique et la Révolution Française. De l’Événement à la Raison Linguistique*. Ouvrage publié avec le concours du Centre National des Lettres. Paris, Méridiens Klincksieck, 1989.
- GUIZOT, François. *A Democracia em França*. Tradução em português por *** [José da Gama e Castro]. Rio de Janeiro, Livraria d’ Agostinho Freitas Guimaraes & Cia., 1849.
- _____. *A Democracia em França*, por Mr. Guizot. Janeiro de 1849. Traduzido do francez. M. S. Gonçalves, Lisboa, Typ. Popular, 1849.
- _____. *A Democracia em França*. Tradução em português por *** [José da Gama e Castro]. Rio de Janeiro, Livraria de Serafim José Alves, 1849.
- _____. *Collection des Mémoires Relatifs à la Révolution d’Angleterre*. Paris, Béchét, 1823-1825.
- _____. *Corneille et son Temps: Étude Littéraire*. Paris, Didier, 1858.
- _____. *Da Democracia em França*. Janeiro de 1849. Traduzida do francez M. J. Gonçalves. Lisboa, Typ. do Popular, 1849.
- _____. *Da Democracia em França*. Tradução de Mariano José Cabral. Nova Edição. Lisboa, Typographia de Silva, 1849.
- _____. *De la Democracia en Francia*. Madrid, Imprenta de la Biblioteca del Siglo, 1849.
- _____. *De la Democracia en Francia*. México, Tip. de R. Rafael [Rafael Rafael y Vilá], 1849.
- _____. *De la Democracia en Francia*. Palma, Imprenta Balear, 1849.





- _____. *De la Democracia en Francia: Enero de 1849*. Traducida y refutada por un Publicista Liberal. Madrid, Imprenta de los Señores Andrés y Díaz, 1849.
- _____. *De la Democracie en Francia*. Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1981.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. 3. éd. Bruxelles, Librairie de F. Michel, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, J. B. Tarride, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, J. Petit, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, J.-B. de Mortier, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Kiessling & Cie. Librairies, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Librairie du Panthéon, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Rozez, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Société Typographique Belge, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Wahlen et Compie, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles, Wouters Frères, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles/Leipzig, C. Muquardt, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Bruxelles/Leipzig, Mayer et Flatau, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Hildesheim/New York, G. Olms, 2000.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. La Haye, Imprimerie du Journal de la Haye Van der Meer, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Liège, F. Renard & Frères, Libraires, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. London, F. Horncastle, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Maestricht, Bury-Lefebvre, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Naples, Chez G. Nobile, 1849.
- _____. *DE LA DÉMOCRATIE EN FRANCE (JANVIER 1849)*. PARIS, VICTOR MASSON, 1849.
- _____. *DE LA DÉMOCRATIE EN FRANCE PAR M. GUIZOT*. LEIPZIG, BROCKHAUS & AVENARIUS, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France par M. Guizot*. Leipzig, Brockhaus & Avenarius, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France par M. Guizot*. Stockholm, Chez P. A. Norstedt & Fils, 1849.
- _____. *De la Démocratie en France: (Janvier 1849)*. Bruxelles/Livorno/Leipzig, Meline, Cans et Compagnie, 1849.
- _____. *Della Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*. Napoli, Stamperia del Fibreno, 1849.
- _____. *Della Democrazia in Francia: (Gennaio 1849)*. Per Francesco Guizot. Versione dal francese. Torino, Gianini e Fiore, 1849.



- _____. *Democracy in France (January, 1849)*. New York, H. Fertig, 1974.
- _____. *Democracy in France*. By Monsieur Guizot. London, John Murray, 1849.
- _____. *Democracy in France*. New York, D. Appleton & Co., 1849.
- _____. *Demokratiet i Frankrig*. Efter det Franske ved I.C. Magnus. [Kopenhage], Kbh., 1849.
- _____. *Des Conspirations et de la Justice Politique*. Paris, Librairie Française de Ladvocat, 1821.
- _____. *Des Moyens de Gouvernement et d'Opposition dans l'État Actuel de la France*. Paris, Ladvocat, 1821.
- _____. *Dictionnaire Universel des Synonymes de la Langue Française*. Neuvième éd. Paris, Perrin, 1885.
- _____. *Die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Grimma, Verlag-Comptoirs, 1849.
- _____. *Die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Wien, Verlag von Carl Gerold, 1849.
- _____. *Die Demokratie in Frankreich*. Von M. Guizot. Deutsch von Georg Moritzer. Wien, Druckt und Verlag von Leop. Sommer (vorm. Strauss), 1849.
- _____. *Die Demokratie*. Für das deutsche Volk im Auszuge bearbeitet. Von Ludwig Hahn. Breslau, Verlag von A. Goschorsky's Buchhandlung (L.F. Maske), 1849.
- _____. *Discours Académiques. Suivis des Discours Prononcés pour la Distribution des Prix au Concours Général de l'Université et devant Diverses Sociétés Religieuses et de Trois Essais de Philosophie Littéraire et Politique*. Paris, Didier, 1861.
- _____. *Discurso sobre Tolerancia Religiosa*. Traducido del francés. Rionegro, Imprenta de Manuel Antonio Balcazar, 1828.
- _____. *Essais sur l'Histoire de la France*. Paris, Charpentier, 1842 (1. ed., Paris, Jean-Louis Brière, 1823).
- _____. *Histoire des Régimes Représentatifs en Europe*. Paris, Didier, 1851.
- _____. *Histoire Parlementaire de France. Recueil Complet des Discours Prononcés dans les Chambres de 1819 à 1848*. Paris, Calmann Lévy, 1863-1864.
- _____. *Historia de la Civilización en Europa*. 3. ed. Madrid, Alianza Editorial, 1990.
- _____. "L'Histoire de la Révolution Française aux États-Unis". *Annales Historiques de la Révolution Française*, n. 254, pp. 633-634, 1983.
- _____. *L'Histoire de France: Depuis les Temps les plus Reculés jusqu'en 1789*. Paris, Hachette, 1873-1876.
- _____. *La Democrazia in Francia (Gennaio 1849)*. Libera versione dal francese di Carlo Formichi. Napoli, Presso Gaetano Nobile, 1849.
- _____. *La Democrazia in Francia: (Gennaio 1849)*. Libera versione dal francese di Carlo Formichi. Roma, Libreria Bonifazi, 1849.
- _____. *La Democrazia in Francia: (Gennaio 1849)*. Versione di L. M. Colla Biografia Dell'Autore. Italia, [s. ed.], 1849.
- _____. *Lettres à sa Fille Henriette (1836-1874)*. Introduction, Notes et Index par Laurent Theis. Paris, Perrin, 2002.
- _____. *M. Guizot à ses Amis (Avril 1849)*. Paris, Victor Masson, 1849.





- _____. *M. Guizot an seine Freunde (Im April 1849)*. Nebst einer Kritik des Uebersetzers. Augsburg, Rieger, 1849.
- _____. *Méditations et Études Morales*. 5. ed. Paris, Librairie Académique, 1861.
- _____. *Méditations sur l'Essence de la Religion Chrétienne*. 2. ed. Paris, Michel Lévy, 1866.
- _____. *Méditations sur la Religion Chrétienne*. Paris, Michel Lévy, 1868.
- _____. *Mémoires pour Servir à l'Histoire de mon Temps*. 2. ed. Paris, Calmann-Lévy, 1858.
- _____. *Ménandre: Étude Historique et Littéraire sur la Comédie et la Société Grecques*. Paris, Didier, 1855.
- _____. *O Demokracji przez F. Gizota*. [Traduzido por Eugeniusz Breza]. Leszno, nakładem i czcionkami Ernesta Günthera, 1849.
- _____. *Oeuvres Choisies. Histoire de la Révolution d'Angleterre; Essai sur l'Histoire et sur l'État Actuel de l'Instruction Publique en France; Des Moyens de Gouvernement et d'Opposition dans l'État Actuel de la France*. Bruxelles, Meline, Cans et Cie., 1850.
- _____. *Om Demokratien i Frankrike: Öfversättning*. Stockholm, Bonnier, 1849.
- _____. *Om Demokratiet i Frankrig*. Christiania (Oslo), P.T. Mallings, 1849.
- _____. *Over de Volksheerschappij in Frankrijk. (Januarij 1849)*. [Trad. W. R. Boer]. Utrecht, L. E. Bosch en Zoon, 1849.
- _____. *Shakespeare et son Temps. Étude Littéraire*. Paris, Didier, 1858.
- _____. "Taine Historien de la Révolution Française". *Romantisme*, vol. 11, n. 32, pp. 31-40, 1981.
- _____. *Theoria do Governo Representativo de M. Guizot. Extractada de suas Obras Políticas por ****. Recife, Typographia de Santos & Companhia, 1845.
- _____. *Trois Générations (1789-1814-1848)*. Paris, Michel Lévy Frères, 1863.
- _____. *Ueber die Demokratie in Frankreich (Januar 1849)*. Von Franz Guizot. Leipzig, Dyk, 1849.
- _____. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Aus dem Französischen übersetzt. Zweite Auflage. Berlin und Frankfurt a/O., Druck und Verlag von Trowitzsch und Sohn, 1849.
- _____. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Leipzig, Breitkopf und Härtel, 1849.
- _____. *Ueber die Demokratie in Frankreich*. Von Guizot. Aus d. Franz. übers. von A. Reclam. Leipzig, H. Matthes, 1849.
- _____. *Washington*. Présentation et Notes de Laurent Theis. Paris, Perrin, 2017.
- HAHN, August. *Bibliothek der Symbole und Glaubensregeln der apostolisch-katholischen [in the new ed. der alten] Kirche*. Breslau, [s.ed.], 1842. Second Ed. Revised and Enlarged by His Son, G. Ludwig Hahn. Breslau, [s.ed.], 1877.
- HAHN, Ludwig. *Das Unterrichts-Wesen in Frankreich, mit einer Geschichte der Pariser Universität*. Breslau, Verlag von A. Gosohorsky's Buchhandlung (L.F. Maske.), 1848.
- _____. *Geschichte der Auflösung der Jesuiten-Congregationen in Frankreich im Jahre 1845: nach den besten Materialien und unter Benutzung handschriftlicher Quellen*. Leipzig, Brockhaus und Avenarius, 1846.



- _____. *Geschichte des preußischen Vaterlandes für die reifere Jugend beiderlei Geschlechts und für das größere gebildete Publikum*. Berlin, Hertz, 1855.
- _____. *Ludwig Philipps's Fall beleuchtet durch die Ereignisse seines letzten Regierungsjahres*. Berlin, Dümmler, 1848.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. São Paulo, Ed. Unesp, 2014.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil. Sua História*. 2. ed. São Paulo, Edusp, 2012.
- HASS, Annika. "Un Libraire Fournisseur de Bibliothèques Européennes: Treuttel & Würtz". *Histoire et Civilisation du Livre*, n. 11, pp. 161-173, 2015.
- HATIN, Eugène. *Bibliographie Historique et Critique de la Presse Périodique Française ou Catalogue Systématique et Raisonné de Tous les Écrits Périodiques de Quelque Valeur Publiés ou Ayant Circulé en France depuis l'Origine du Journal jusqu'à nos Jours, Avec Extraits, Notes Historiques, Critiques et Morales, Indication des Prix que les Principaux Journaux ont Atteints dans les Ventes Publiques, etc. Précédé d'un Essai Historique et Statistique sur la Naissance et les Progrès de la Presse Périodique dans les Deux Mondes*. Paris, Firmin Didot, 1866.
- HELLEMANS, Jacques. "La Circulation du Livre Bruxellois dans La 'Belgique de l'Orient' (1830-1865)". Conferência proferida na Biblioteca Metropolitana de Bucareste em 20 de outubro de 2017.
- _____. "O Comércio Internacional da Livraria Belga no Século XIX. O Caso das Reimpressões". *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. São Paulo, Ateliê Editorial, n. 1, pp. 89-98, 2011.
- HENRIQUES, Mendo Castro. "Gama e Castro". *Logos*, n. 5, cols. 882-886.
- HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça*. Tradução, Apresentação e Notas de Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- HISTOIRE de l'Édition Française*. Sous la Direction de Roger Chartier et Henri-Jean Martin. Tome 3: *Le Temps des Éditeurs, Du Romantisme à la Belle Époque*. Paris, Fayard/Cercle de la Librairie, 1990.
- HISTOIRE de l'Europe Urbaine*. Tome II: *De l'Ancien Régime à nos Jours. Expansion et Limite d'un Modèle*. Sous la Direction de Jean-Luc Pinol. Paris, Seuil, 2003.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- _____. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- HÖFFDING, Harald. *Histoire de la Philosophie Moderne*. 3. ed. Trad. de l'Allemand par P. Bordier. Paris, Félix Alcan, 1924.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de História do Império*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- _____. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo VI: *Brasil Monárquico: Declínio e Queda do Império*. São Paulo, Difel, 1974.
- HOROWITZ, Sarah Esther. *States of Intimacy. Friendship and the Remaking of French Political Elites, 1815-1848*. Berkeley, University of California, 2008 (Tese de Doutorado).
- HOWE, Anthony & MORGAN, Simon. *Rethinking Nineteenth-Century Liberalism: Richard Cobden Bicentenary Essays*. [s.l.], [s.ed.], 2006.





- HUARD, Raymond. "Un Siècle de Publications de la Société d'Histoire de la Révolution de 1848. Politique Éditoriale et Évolution des Thèmes de Recherche". *Revue d'Histoire du XIX^e Siècle*, n. 31, 2005.
- JACOUTY, Jean-François. "Pierre-Yves Kirschleger, *La Religion de Guizot*, Genève, Labor et Fides, 1999". *Revue d'Histoire du XIX^e Siècle*, n. 20-21, 2000.
- JAMMES, André. *Libri Vaincu. Enquêtes Policières et Secrets Bibliographiques. Documents Inédits*. Paris, Éditions des Cendres, 2008.
- JAUME, Lucien. "Tocqueville et Guizot. L'Amérique et l'Aristocratie (Une Controverse)". *Historia Constitucional*, n. 15, pp. 71-91, 2014.
- JAUSS, Hans Robert. "Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft". In: WARNING, Rainer (org.). *Rezeptionsästhetik*. München, Fink, 1979.
- JEANBLANC, Helga. *Des Allemands dans l'Industrie et le Commerce du Livre à Paris (1811-1870)*. Paris, CNRS, 1994.
- J.-J. ROUSSEAU, *Ses Amis et Ses Ennemis*, Correspondance publiée par M. G. Streckeisen-Moulto avec une Introduction de M. Jules Levallois et une appréciation critique de M. Sainte-Beuve, Paris, Michel Lévy Frères, 1965, 2 v.
- JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- JOHNSON, Douglas. *Guizot. Aspects of French History*. London, Routledge/Kegan Paul, 1963.
- JUSTIN, André. *A M. Guizot. Sur le Droit d'Association*. Paris, N. Chaix, 1849.
- KALINOWSKI, Isabelle. "Hans-Robert Jauss et l'Esthétique de la Réception". *Revue Germanique Internationale*, n. 8, 1997.
- KAMADA, Takayuki. "Fonctionnement de la Technique des Épreuves chez Honoré de Balzac". In: *L'Écrivain et L'Imprimeur*. Textes Réunis par Alain Riffaud. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2010.
- KECSKEMÉTI, Charles. *La Hongrie des Habsbourg (1790-1914)*. Rennes, PUR, 2011.
- KIRSCHLEGER, Pierre-Yves. *La Religion de Guizot*. Genève, Labor et Fides, 1999.
- KRISTEVA, Julia. "Le Texte Clos". *Langages*, vol. 3, n. 12, pp. 103-125, 1968.
- LAELIUS, C. *Mons. Guizot; or, Democracy, Oligarchy and Monoarchy*. London, Charles Fox, 1849.
- LAMARTINE, A. de. *História Completa da Revolução Franceza Desde 1789 a 1815 e Precedida de um Resumo da História da França por um Brasileiro*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1877.
- _____. *História dos Girondinos*. Traduzida do Francez por... Publicada por L. C. da C. Lisboa, Typ. de Luiz Correia da Cunha, 1852, 8 vols.
- _____. *O Presente e o Futuro da República*. Tradução. Porto, Typographia de S. J. Pereira, 1850.
- _____. *Histoire de la Révolution de 1848*. Paris, Perrotin Libraire-Éditeur, 1849, 2 vols.
- L'ANNONCE Faite au Lecteur. *La Circulation de l'Information sur les Livres en Europe (16^e-18^e Siècles)*. Études réunies par Annie Charon, Sabine Juratic et Isabelle Pantin. Louvain, Presses Universitaires de Louvain, 2016.



- LE MARÉCHAL Bugeaud, d'après sa Correspondence Intime et des Documents Inédits, 1784-1849, par le Cte. D'Ideville, Ancien Préfet d'Alger. Paris, Librairie de Firmin Didot et Cie., 1882, 3 tomes.
- LEFEBVRE, Georges. "A. Mathiez. La Vie Chère et le Mouvement Social sous la Terreur". *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, vol. 1, n. 1, pp. 141-145, 1929.
- LEFILS-BOSCQ, Marie-Claire. *La Librairie Parisienne sous Surveillance (1814-1848). Imprimeurs en Lettres et Libraires sous les Monarchies Constitutionnelles*. Thèse Préparée sous la Direction de M. le Professeur Jean-Yves Mollier. Paris, UVSQ, 2013.
- LESAULNIER, C.-M. *Biographie des Neuf Cents Députés à l'Assemblée Nationale*. 2. ed. Paris, Garnier, 1848.
- LETESSIER, Fernand. "Un Littérateur Oublié: Pierre-Édouard Alletz (1798-1850). Ses Relations avec Lamartine". *Bulletin de l'Association Guillaume Budé: Lettres d'Humanité*, n. 43, pp. 389-407, décembre 1984.
- LETTRES de François Guizot et de la Princesse de Lieven (1836-1846). Paris, Mercure de France, 1963-1964, 3 vols.
- LIBRI, M. *Le National et le Moniteur. Article Extrait du Journal l'Assemblée Nationale, n° du 14 septembre 1849. Suivi d'une Lettre de M. Libri à M. de la Valette, Rédacteur en Chef de l'Assemblée Nationale*. Paris, Panckoucke, 1850.
- LOSURDO, Domenico. *Democracia ou Bonapartismo*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo/Rio de Janeiro, Ed. Unesp/Ed. UFRJ, 2004.
- LUCAS, Alphonse. *Les Clubs et les Clubistes. Histoire Complète Critique et Anecdote des Clubs et des Comités Électorales Fondés à Paris depuis la Révolution de 1848*. Paris, Dentu, 1851.
- LÜSEBRINK, Hans-Jürgen & REICHARDT, Rolf. *The Bastille. A History of a Symbol of Despotism and Freedom*. Translated by Norbert Schürer. Durham/London, Duke University Press, 1997.
- MACHADO, Ubiratan. *História das Livrarias Cariocas*. São Paulo, Edusp, 2012.
- MAIOR, Paulo M. Souto. *Nos Caminhos do Ferro: Construções e Manufaturas no Recife (1830-1920)*. Recife, CEPE, 2015.
- MALLARMÉ, Stéfane. *Quant au Livre*. Préface de Lucette Finas. Tours, Farago-Léo Scheer, 2003.
- MALTEZ, José Adelino. *Ensaio sobre o Problema do Estado*. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1991, tomo II.
- MANEVY, Raymond. *La Presse Française. De Renaudot a Rochefort*. Documentation Recueillie par Gabrielle Manevy. Paris, J. Forêt, 1958.
- MANGELSDORF, Edmund. *Das Haus Trowitzsch & Sohn in Berlin. Sein Ursprung und seine Geschichte von 1711 bis 1911*. Berlin, Trowitzsch & Sohn, 1911.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- MARGRY, Pierre. *De la Démocratie en France. Réponse à M. Guizot*. Paris, J. Laisné, 1849.
- _____. *Über die Demokratie in Frankreich. Antwort an Herrn Guizot*. Wiesbaden, Schellenberg, 1849.





- MARSON, Izabel Andrade. *Revolução Praieira, Resistência Liberal à Hegemonia Conservadora em Pernambuco e no Império (1842-1850)*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.
- _____. *O Império do Progresso: A Revolução Praieira em Pernambuco (1842-1855)*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MARTÍN, Jesús A. Martínez. *Lectura y Lectores en el Madrid, del Siglo XIX*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- MARTINS FILHO, Plínio. *Manual de Editoração e Estilo*. Campinas/São Paulo/Belo Horizonte, Ed. Unicamp/Edusp/Ed. UFMG, 2016.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. Seleção de Textos, Tradução e Notas de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2015.
- _____. *Les Luttes de Classes en France (1848-1850). Suivi de Les Journées de Juin 1848 par Friedrich Engels*. Paris, Éditions Sociales, 1968.
- _____. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélío Schneider. Prólogo de Herbert Marcuse. São Paulo, Boitempo, 2011.
- _____. & ENGELS, Friedrich. *Manifeste du Parti Communiste*. En appendice notes sur les premières éditions du *Manifeste* et sur sa diffusion. Traduit de l'italien. Paris, Science Marxiste, 1998.
- _____. & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã. Crítica da mais Recente Filosofia Alemã em seus Representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do Socialismo Alemão em seus Diferentes Profetas (1845-1846)*. São Paulo, Boitempo, 2011.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Presença Francesa no Movimento Democrático de 1798*. Salvador, Editora Itapuã, 1969.
- McKENZIE, D. F. *Bibliografia e Sociologia dos Textos*. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo, Edusp, 2018 (1. ed. fr., 1999).
- MELLO, Urbano Sabino Pessoa de. *Apreciação da Revolta Praieira em Pernambuco*. Rio de Janeiro, Typ. do Correio Mercantil de Rodrigues e C., 1849.
- MELO, Luis Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- _____. "Sinclair das Ilhas ou os Desterrados na Ilha da Barra: Uma Tradução do Francês 'em Língua Vulgar', Publicada no Rio de Janeiro em 1825 por Silva Porto, um Livreiro Liberal". *Política, Nação e Edição: O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política (Brasil, Europa e América nos Séculos XVIII-XX)*. Org. Eliana de Freitas Dutra & Jean-Yves Mollier. São Paulo, Annablume, 2006, pp. 467-489.
- MIGNET, F. A. *Historia da Revolução Franceza, Desde 1789 ate 1814*. São Paulo, Empreza Editora de São Paulo de J. Azevedo & Comp., 1889.
- MINISTÈRE de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts. *Catalogue Général des Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France. Paris. Bibliothèques de L'Institut. Musée Condé à Chantilly, Bibliothèque Thiers, Musées Jacquemart-André à Paris et à Chaalis*. Paris, Plon, 1928.



- MISE en Page et Mise en Texte du Livre Manuscrit. Sous la Direction de Henri-Jean Martin et Jean Vezin. Préface de Jacques Monfrin. Paris, Éditions Cercle de la Librairie-Promodis, 1990.
- MOLLIER, Jean-Yves. *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition (1880-1920)*. Paris, Fayard, 1988. [Trad. bras.: *O Dinheiro e as Letras*, São Paulo, Edusp, 2010].
- MOREL, Marco. *As Transformações dos Espaços Públicos. Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo, Hucitec, 2005.
- MORNET, Daniel. *Les Origines Intellectuelles de la Révolution Française (1715-1787)*. 4. ed. Paris, Armand Colin, 1947.
- _____. "Les Admirateurs Inconnus de la *Nouvelle Héloïse*". *Revue du Mois*, Paris, 1909.
- _____. "Os Admiradores Desconhecidos de *Nouvelle Héloïse*". Trad. Geraldo Gerson de Souza. Cotia/São Paulo, Ateliê Editorial/Edições Sesc, no prelo.
- MOTA, Carlos Guilherme. *A Ideia de Revolução no Brasil e Outras Histórias*. São Paulo, Globo, 2008.
- _____. & LOPEZ, Adriana. *História do Brasil. Uma Interpretação*. 5. ed. Prefácio de Alberto da Costa e Silva. São Paulo, Editora 34, 2016.
- NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império. Sua Vida, Suas Opiniões, Sua Época*. São Paulo/Rio de Janeiro, CEA/Civilização Brasileira, 1936, 2 vols. [1. ed., 1897].
- NEATE, Charles. *Dialogues des Morts Politiques. Premier Dialogue. Interlocuteurs: M. Guizot et M. Louis Blanc*. Paris, Garnier Frères, 1849.
- _____. *Dialogues des Morts Politiques. Premier Dialogue. Interlocuteurs: M. Guizot et M. Louis Blanc*. Oxford, J. H. Parker, 1848.
- _____. *Dialogues des Morts Politiques. Premier Dialogue. Interlocuteurs: M. Guizot et M. Louis Blanc*. Paris, Hachette Livre, 2013.
- NEIVA, Saulo. *La France et le Monde Luso-Brésilien. Échanges et Représentations, XVI^e-XVIII^e Siècles*. Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise Pascal, 2005.
- NETTEMENT, Alfred. *Histoire de la Littérature Française sous le Gouvernement de Juillet*. Paris, [s. ed.], 1859, tome 1.
- NIQUE, Christian. *Comment l'École Devint une Affaire d'État (1815-1840)*. Paris, Nathan, 1990.
- OEHLER, Dolf. *O Velho Mundo Desce aos Infernos. Autoanálise da Modernidade Após os Traumas de Junho de 1848 em Paris*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Terrenos Vulcânicos*. São Paulo, Cosac Naify, 2004.
- OLIVEIRA, Vítor Castro de. "O Advento da Democracia nos Modos Burguês e Aristocrático: entre Guizot e Tocqueville". In: OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga; MOLLO, Helena Miranda & BUARQUE, Virgínia Albuquerque de Castro (org.). *Caderno de Resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia. Biografia & História Intelectual*. Ouro Preto, EdUfop, 2011.
- ORTEGA Y GASSET, José. "Guizot y la Historia de la Civilización en Europa" [Prólogo]. In: GUIZOT, François. *Historia de la Civilización en Europa*. 3. ed. Madrid, Alianza Editorial, 1990.





- PAIVA, Tancredo de Barros. *Acchêgas a um Dicionario de Pseudonyms. Iniciaes, Abreviaturas e Obras Anonymas de Auctores Brasileiros Sobre o Brasil ou no Mesmo Impressas*. Rio de Janeiro, J. Leite e Cia., 1929.
- PALAU Y DULCET, Antonio. *Manuel de Librero Hispanoamericano. Bibliografía General Española e Hispanoamericana desde la Invención de la Imprenta Hasta Nuestros Tiempos con el Valor Comercial de los Impressos Escritos*. 2. ed. Barcelona, Librería Palau, 1948-1977, 28 tomos.
- PARIS: *Capitale des Livres. Le Monde des Livres et de La Presse à Paris, du Moyen Âge au XX^e Siècle*. Sous la direction de Frédéric Barbier. Paris, PUF, 2007.
- PARRON, Tamis. “O Império num Panfleto? Justiniano e a Formação do Estado no Brasil do Século XIX”. In: ROCHA, Justiniano José da. *Ação; Reação; Transação. Duas Palavras Acerca da Atualidade Política do Brasil (1855)*. Estudo introdutório, Notas e Estabelecimento do Texto por Tâmis Parron. São Paulo, Edusp, 2016.
- PAVÓN, Dalmacio Negro. “Reflexiones sobre la Democracia”. *Razón Española. Revista Bimestral del Pensamiento*, n. 163, ene.-feb. 2014.
- PELLISSIER, Pierre. *Émile de Girardin, Prince de la Presse*. Paris, Denoël, 1985.
- PINKNEY, David H. *Decisive Years in France, 1840-1847*. Princeton, Princeton University Press, 1986.
- PIRE, Jean-Miguel. *Sociologie d'un Volontarisme Culturel Fontadeur. Guizot et le Gouvernement des Esprits (1814-1841)*. Paris, L'Harmattan, 2002.
- PORTO, Walter da Costa. *O Voto no Brasil. Da Colônia à Sexta República*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Topbooks, 2002.
- POUTHAS, Charles-Hippolyte. *Guizot Pendant la Restauration. La Préparation de l'Homme d'État, 1814-1830*. Paris, Plon, 1923.
- _____. *La Jeunesse de Guizot, 1787-1814*. Paris, F. Alcan, 1936.
- _____. *Une Famille de Bourgeoisie Française de Louis XIV à Napoléon*. Paris, F. Alcan, 1934.
- PRADO JR., Caio. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.
- PRAROND, Ernest. *De Quelques Écrivains Nouveaux*. Paris, Michel Lévy Frères, 1852.
- PRÉFAÇONS et Contrefaçons Belges (1816-1854): *Catalogue Enrichi d'une Préface et de Notes / par J. Culot, Bibliophile Bruxellois*. Bruxelles (8, rue du Commerce), A la Librairie Fernand Miette, 1937.
- PROCLAMATION Annonçant l'Ouverture d'un Crédit de 3 millions au Ministère de l'Intérieur, pour Secourir les Ouvriers de Paris. Par Jules Sénard. Paris, le 25 juin 1848.
- PROUDHON, P.-J. *Théorie de la Propriété*. Paris, Librairie Internationale, 1866 (Oeuvres Posthumes de P.-J. Proudhon).
- QUINTAS, Amaro. “O Espírito ‘Quarante-Huitard’ e a Revolução Praieira”. *Revista de História*, vol. 19, n. 40, pp. 303-324, 1959.
- _____. *O Sentido Social da Revolução Praieira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.



- REISEWITZ, Marianne. “O Impacto do Ideário Iluminista no Brasil. Razão e Livros Sediciosos”. *Entre Passado e Futuro – Revista de História Contemporânea*, n. 1, ano 1, pp. 41-57, 2002.
- RÉIZOV, B. *L’Historiographie Romantique Française (1815-1830)*. Moscou, Éditions des Langues Étrangères, [s.d.].
- RÉVOLUTION de 1848, LA. Exposition Organisée par le Comité National du Centenaire. Paris, Bibliothèque Nationale, 1948.
- RIALS, Stéphane. *Le Légitimisme*. Paris, Presses Universitaires de France, 1983 (Que Sais-Je?).
- RIBEIRO, José Alcides. “Correio Mercantil: Gêneros Jornalísticos, Literários e Muito Mais...” *Revista USP*, n. 65, pp. 131-147, mar.-maio de 2005.
- RISPOSTA di um Italiano al Sig. Guizot Sulla Democrazia in Francia. Torino, Cassone, 1849.
- ROCHA, Justiniano José da. *Ação; Reação; Transação. Duas Palavras Acerca da Atualidade Política do Brasil (1855)*. Estudo Introdutório, Notas e Estabelecimento do Texto por Tâmis Parron. São Paulo, Edusp, 2016.
- _____. *Monarquia – Democracia*. Rio de Janeiro, Typographia de F. de Paula Brito, 1860.
- RODRIGUES, José Honório. “Resenha”. *Revista de História*, vol. 48, n. 98, 1974.
- RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. “François Guizot e a sua Influência no Brasil”. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/FGIB.pdf>
- ROLDÁN, Darío (org.). *Guizot, les Doctrinaires et la Presse. 1820-1830. Actes du Colloque, Le Val-Richer, 23-24 Septembre 1993*. Paris, Fondation Guizot Val-Richer, 1994.
- ROSANVALLON, Pierre. *Le Moment Guizot*. Paris, Gallimard, 1985.
- _____. “Les Doctrinaires Sont-ils des Libéraux?”. In: ROLDÁN, Darío (org.). *Guizot, les Doctrinaires et la Presse. 1820-1830. Actes du Colloque, Le Val-Richer, 23-24 septembre 1993*. Paris, Fondation Guizot Val-Richer, 1994.
- RÖSSIG, Wolfgang. *Literaturen der Welt in deutscher Übersetzung. Eine Chronologische Bibliographie*. Stuttgart/Weimar, Metzler, 1997.
- ROUCHET, J. *La Démocratie, par Courthe. Coup-d’Oeil sur cette Forme de Gouvernement, Précédé de quelques Mots sur la Dernière Brochure de M. Guizot*. Bruxelles, Slingeneyer, 1849.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Oeuvres de Jean-Jacques Rousseau*. Amsterdam, Marc Michel Rey, 1769, tome III.
- ROUSSEAU, Pierre. *Histoire des Techniques et des Inventions*. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1958.
- SAIS, Lilian Amadei. “Vestes que Falam. A Tecelagem e as Personagens Femininas dos Poemas Homéricos”. *Criação & Crítica*, São Paulo, n. 15, pp. 7-19, 2015.
- SALIBA, Elias Thomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- SANTORO, Marco. *Storia del Libro Italiano*. 3. ed. Milano, Editrice Bibliografica, 2000.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Pirataria e Mercado Livreiro no Rio de Janeiro: Desiré-Dujardin e a Livraria Belgo-Francesa, 1843-1851”. *Revista de História*, n. 174, pp. 299-325, jan.-jun. 2016.





- SECCO, Lincoln. “O Teatro da Política: Nota sobre O 18 de Brumário, de Karl Marx”. *Mouro – Revista Marxista*, São Paulo, n. 8, pp. 11-28, dezembro de 2013.
- SCHMIDT, Rudolf. *Deutsche Buchhändler. Deutsche Buchdrucker. Beiträge zu einer Firmengeschichte des deutschen Buchgewerbes*. Berlin, Franz Weber, 1902.
- _____. *Deutsche Buchhändler. Deutsche Buchdrucker. Beiträge zu einer Firmengeschichte des deutschen Buchgewerbes*. Hildesheim/New York, Georg Olms, 1979.
- SCHNERB, Robert. *História Geral das Civilizações*. Tomo VI: O Século XIX. O Apogeu da Civilização Europeia. Trad. J. Guinsburg. São Paulo, Difel, 1958.
- SEIGNOBOS, Charles & ROLLAND, Charles. *Cours d'Histoire. À l'Usage des Écoles Normales Primaires et des Candidats au Brevet Supérieur*. Paris, Armand Colin, 1910.
- SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Aplicaveis a Portugal e Brazil*. Lisboa, Imprensa Nacional, tomos VI (1862) e XVI (1893).
- _____. *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo IV. Lisboa, Imprensa Nacional, 1973.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “História da Leitura Luso-Brasileira. Balanços e Perspectivas”. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas/São Paulo, Mercado das Letras/Fapesp, 1999, pp. 147-163.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966 (Retratos do Brasil, 51).
- STÄEL, Madame de. *Considérations sur la Révolution Française*. Oeuvre Présentée et Annotée par Jacques Godechot. Paris, Tallandier, 1983.
- STÄEL, Frau von. *Betrachtungen über die vornehmsten Begebenheiten der Französischen Revolution*. Heindelberg, Mohr & Winter, 1818.
- STEPHANOPOLI DE COMNÈNE, Nicolau. *Appel aux Électeurs de Paris et des Autres Départements. Mystères, Trahisons, Calomnies et Crimes du Statu Quo Révéls aux Défenseurs de la République*. Paris, Schneider, 1849.
- _____. *Catéchisme Historique et Politique des Vrais Républicains: Servant de Guide aux Électeurs de la France et à Démasquer les Faux Mirabeau de la Rue de Poitiers, Conjurés avec les Coalisés Étrangers contre la République*. Argenteuil, Picard, 1849.
- _____. *Guizot Démasqué. Réfutation de ses Derniers Écrits, sa Réputation Usurpée et sa Profession de Foi*. Argenteuil, Picard, 1849.
- _____. *L'Enfant de la République aux Électeurs de Paris et des Autres Départements. Mystères, Trahisons, Calomnies... de la Rue de Poitiers contre la République, Révéls... Paris, Schneider, 1849.*
- _____. *L'Enfant de la République aux Électeurs de la France: Sourdes Manœuvres de l'Angleterre*. Argenteuil, Picard, [1849?].
- _____. *Socialisme Selon la Loi Naturelle et Évangélique, Selon le Progrès Social, et les Républiques le Dix-Neuvième Siècle et ses Réformes*. [s.l.], [s.ed.], 1849.
- _____. *Vaste Conspiration de la Rue de Poitiers Contre la République et ses Gloires Militaires Dénoncée aux Électeurs de Paris et des Autres Départements*. Argenteuil, Picard, 1849.



- _____. *Vaste Conspiration de la rue de Poitiers Contre la République et ses Gloires Militaires Dénoncée aux Électeurs de Paris et des Autres Départements*. Paris, Schneider, 1849.
- STODDARD, Robert E. "Morphology and the Book from an American Perspective". *Printing History*, n. 17, pp. 2-14, 1987.
- TALLET, Frank & ATKIN, Nicholas (ed.). *Religion, Society and Politics in France since 1789*. London, The Hambledon Press, 1991.
- TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina. Sus Primeros Lectores Obreros, Intelectuales y Científicos*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2013.
- THE BRITISH Catalogue of Books, Published from October 1837 to December 1852: *The Date of Publication, Size, Price, Publisher's Name, and Edition*, Sampson Low, Son & Co. London, Sampson Low and Son, 1853.
- THEIS, Laurent. *François Guizot*. Paris, Fayard, 2008.
- _____. "François Guizot et ses Éditeurs. Une Page de l'Histoire du Livre au XIX^e Siècle". *Bulletin de la Société de l'Histoire du Protestantisme Français*. Genève/Paris, Droz, 2013, tome 159.
- _____. *Guizot, la Traversée d'un Siècle*. Paris, CNRS, 2014.
- THIERS, Adolphe. *De la Propriété*. Paris, Paulin/Lheureux & Cie. Éditeurs, 1848.
- _____. *Histoire de la Révolution Française. Accompagnée d'une Histoire de la Révolution de 1355 ou des États Généraux sous le Roi Jean*. Paris, Lecoite et Durey, [1823-1827].
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique*, 12. ed. Révisée, Corrigée et Augmentée d'un Avertissement et d'un Examen Comparatif de la Démocratie aux États-Unis et en Suisse. Paris, Pagnerre, 1848, 2 tomos.
- _____. *Lembranças de 1848. As Jornadas Revolucionárias em Paris*. Trad. Modesto Florenzano. Introdução de Renato Janine Ribeiro. Prefácio de Fernand Braudel. São Paulo, Penguin/Companhia das Letras, 2011.
- TORGAL, Luís Reis. *Tradicionalismo e Contra-Revolução. O Pensamento e a Acção de José da Gama e Castro*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1973.
- TOUROUDE, Georges. *Deux Républicains de Progrès: Eugène et Camille Pelletan*. Paris, L'Harmattan, 1995.
- TRANSYLVANIA in the Eighteenth Century. *Aspects of Regional Identity*. Edited by Laura Stanciu et Cosmin Popa-Gorjanu. Cluj Napoca, Mega, 2013.
- TROUVÉ, Alain. "L'Arrière-Texte. De l'Auteur au Lecteur". *Poétique*, n. 164, pp. 495-509, 2010.
- TUDESCQ, A. J. *L'Élection Présidentielle de Louis Napoléon Bonaparte, 10 Décembre 1848*. Paris, Armand Colin, 1965.
- TULARD, J. *Les Révolutions de 1789 à 1851*. Paris, Fayard, 1985.
- _____.; FAYARD, J.-F. & FIERRO, A. *Histoire et Dictionnaire de la Révolution Française*. Paris, Robert Lafond, 2002.
- VENTURA, Roberto. "Leituras de Raynal e a Ilustração na América Latina". *Estudos Avançados*, vol. 2, n. 3, pp. 40-51, 1988.





- VÉRON, Louis. *Mémoires d'un Bourgeois de Paris*. Paris, De Gonet, 1853-1855.
- VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo, Censura e Práticas de Leitura. Usos do Livro na América Portuguesa*. Departamento de História, FFLCH-USP, 1999 (Tese de Doutorado).
- VOVELLE, Michel. "A Revolução Francesa e seu Eco". *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 3, n. 6, pp. 25-45, 1989.
- _____. *Combates pela Revolução Francesa*. Bauru, Edusc, 2004.
- _____. "L'Historiographie de la Révolution Française à la Veille du Bicentenaire". *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 1, n. 1, pp. 61-72, 1987.
- WEGGE, H. "Die Stellung der Oeffentlichkeit zur Oktroyierten Verfassung und die preussische Parteibildung 1848-1849". *Historische Studien*, Berlin, 1932, tome 215.
- WEILL, Georges. *Le Journal. Origines, Évolution et Rôle de la Presse Périodique*. Avec 8 Planches Hors-texte. Paris, La Renaissance du Livre, 1934.
- WELLESLEY, W. *De la France Contemporaine et de ses Divisions Hiérarchiques. Réponse à l'Ouvrage de M. Guizot "De la Démocratie en France"*. Londres, H. Baillière, 1849.
- WINOCK, Michel. *As Vozes da Liberdade. Os Escritores Engajados do Século XIX*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.
- ZELDIN, Theodore. *Histoire des Passions Françaises (1848-1945)*. Paris, Seuil, 1994.





Lista de Imagens

1. Manuscrito autógrafo do autor de <i>La Démocratie en France</i> , publicado em janeiro de 1849.	40
2. Detalhe do manuscrito.	50
3. Detalhe do primeiro capítulo da prova tipográfica.	52
4. Início do quarto capítulo, após a fusão dos três primeiros.	70
5. Emendas apresentadas em papel de rascunho, após o corpo principal do texto.	71
6. Prova tipográfica da página de rosto corrigida por François Guizot.	82
7. <i>Retrato de François Guizot</i> por George Peter Alexander Healy, 1841.	85
8. Capa do <i>Catálogo dos Livros de Fundo de Victor Masson</i> , dezembro de 1848 ..	95
9-9'. Capa e quarta capa de <i>La Démocratie en France</i> , a partir do exemplar em brochura da Bibliothèque Polonaise de Paris.	104
10. Caricatura de um decrépito Luís Filipe reanimado por seu Ministro François Guizot.	106
11. Caricatura do rei Luís Filipe. Autor desconhecido. Lithographie Chez Dopter Éditeur, s.d.	107
12. Luís Filipe e François Guizot em Londres, 1848.	108
13. O retorno da República à sua casa. Litografia de Honoré Daumier, 1848 ...	109
14. <i>As Barricadas na rue Soufflot</i> , Paris, 24 de junho de 1848. Pintura de Horace Vernet.	110
15. <i>A República Romana de 1849 ou Segunda República Romana</i> . Autor desconhecido.	111
16. “Os Cinco Dias de Milão”. Pintura de Baldassare Verazzi.	112
17. <i>Barricada na Alexander Platz</i> , Berlim, em 18 de março de 1848.	113
18. Representação icônica da Revolução de 1848 em Berlim.	114
19. Frankfurt am Main em setembro de 1848. Desenho de Jean Nicolas Ventadour e cromolitografia de Eduard Gustav May.	115
20. <i>O Assassinato do Príncipe Lichnowsky e do General von Auerswald</i> em Frankfurt am Main, em 18 de setembro de 1848.	116
21. <i>A Fuga de Metternich</i> . Hungria, 1848.	116



22. *Barricada na Michaelerplatz*, em Viena, na noite de 26 de maio de 1848. Pintura de Anton Ziegler, 1848 117
23. Voluntários do exército de Radetzky partem de Viena para a campanha na Itália, em 3 de abril de 1848. Pintura de Alois Schön. 118
24. As classes proprietárias polonesas em celebração. Desenho de Jan Gniewosz, 1848 119
25. Caricatura em que se representa a derrota da Revolução na Europa. Litografia de Ferdinand Schröders. 120
26. *Cupom de Inscrição de Ledru-Rollin na Aliança Republicana dos Povos*, em 1852. 121
27. Seção de “Obras Populares” do *Catálogo de D. Appleton & Co.* 135
28. Seção de “Obras Históricas e Biográficas” do *Catálogo de D. Appleton & Co.* 136
29. *Die Demokratie von F. Guizot*. Crítica à brochura do autor, publicada em Breslau, 1849 148
30. *Defesa da Democracia contra Guizot, juntamente com um anexo sobre a Resolução da Segunda Câmara Prussiana, de R. Bernhard Pflücker, Conselheiro do Tribunal da Cidade, eleito Membro da Segunda Câmara*, 2. ed., Breslau, 1849 151
31. *Anúncio da Biblioteca del Siglo*, Madrid, 14 de janeiro de 1849 161
- 32-33. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Berlin und Frankfurt a/O., Druck und Verlag von Trowitzsch und Sohn, 1849..... 180
- 34-35. *De la Démocratie en France par M. Guizot*. Leipzig, Brockhaus & Avenarius, 1849 181
- 36-37. *Ueber die Demokratie in Frankreich von Guizot*. Leipzig, Breitkopf und Härtel, 1849 182
38. *Ueber die Demokratie in Frankreich (Januar 1849)*. Von Franz Guizot. Leipzig, Dyk, 1849 183
39. *Die Demokratie. Von F. Guizot. Für das deutsche Volk im Auszuge bearbeit.* Von Ludwig Hahn. Breslau, Verlag von A. Gosohorsky's Buchhandlung (L.F. Maske), 1849 184
- 40-41. *O Demokracyi przez F. Gizota*. Leszno, Nakładem i czcionkami Ernesta Günthera, 1849. 185
42. *Die Demokratie in Frankreich*. Von M. Guizot. Deuscht von Georg Moritzer. Wien, Druckt und Verlag von Leop. Sommer (vorm. Strauss), 1849. 186
43. *Die Demokratie in Frankreich*. Von Guizot. Wien, Verlag von Carl Gerold, 1849. 187
44. *De la Démocratie en France (Janvier 1849)*. Par M. Guizot. Bruxelles/Livorno/Leipzig, Meline, Cans et Compagnie, 1849. 188
45. *De la Democracia en Francia* por Mr. Guizot, Palma, Imprenta de D. Felipe Guasp, 1849. 189





46-47.	<i>De la Democracia en Francia</i> . Por M. Guizot. Madrid, Imprenta de la Biblioteca del Siglo, 1849.	190
48.	<i>Democracy in France</i> , by Monsieur Guizot, New York, D. Appleton & Co. 1849.	191
49.	<i>Democracy in France</i> . By Monsieur Guizot. London, John Murray, 1849.	192
50.	<i>La Democrazia in Francia (Gennaio 1849)</i> , Di Guizot. Versione di L. M. Colla. Biografia Dell'Autore. Italia, 1849.	193
51-52.	<i>A Democracia em França</i> , por Mr Guizot. Janeiro de 1849. Traduzida do francez por M. J. Gonçalves. Lisboa, Typ. do Popular, 1849.	194
53.	<i>Da Democracia em França</i> , por Mr. Guizot. Traducção de Mariano José Cabral. Nova Edição. Lisboa, Typographia de Silva, 1849.	195
54.	<i>Opinion de M. Alexandre-Edouard Lesdos sur le Livre Intitulé De La Démocratie en France, par M. Guizot</i> . Cherbourg, Imprimerie de Noblet, 1849.	203
55.	Reprodução da prova tipográfica das páginas de crédito e da folha de rosto de <i>Démocratie en France</i>	205
56.	A leitura das novidades no campo, 1834.	215
57.	Os jornais franceses de 1848.	219
58.	Partida de um trem mensageiro de Paris rumo ao interior.	221
59.	A saída dos jornais na rue Montmartre.	223
60.	O leitor do <i>Constitutionnel</i> , ou <i>O Bom Burguês</i>	228
61-63.	Reprodução das folhas de rosto das brochuras críticas à <i>Démocratie</i> , por Georges Dairnvaell, William Wellesley e Pierre Margry.	246
64.	Fachada da mansão de Val-Richer, onde Guizot viveu a partir de 1850.	258
65.	Edição de estreia de <i>Democracia</i> em folhetim.	277
66.	Reprodução do fac-símile da carta de François Guizot autorizando a publicação da brochura em português para o público brasileiro.	286
67-68.	Exemplares da edição brasileira.	288





Lista de Tabelas

Tabela 1. Mapeamento do manuscrito. Plano de Redação.	68
Tabela 2. <i>Catálogo dos Livros de Fundo de Victor Masson</i> , janeiro de 1849	96
Tabela 3. Os principais cotidianos de Paris em 1846 (estimativa).	216
Tabela 4. Jornais que publicaram notícias ou resenhas de <i>De la Démocratie en France</i> (entre janeiro e março de 1849)	231
Tabela 5. Programa da Edição da <i>Democracia</i> em folhetim, no jornal <i>Correio da Tarde</i> , maio-junho 1849.	284





Índice de Nomes e Lugares

- Aachen 152 n
ABRANTES, Duquesa de (Laure Junot) 90 n
ABREU, Márcia 263 n
ABREU E LIMA, José Inácio de 291 n
ABREU E LIMA, José Inácio Ribeiro de (Padre Roma) 291 n
Açores 166
AGOULT, Marie d' 305
AGUET, J.-P. 216 n
AGUIRRE, Agustín 163, 164
AGULHON, Maurice 56 n, 60-61, 158 n, 202, 204, 208 n, 212 n, 220, 250 n
Albermarle Street 132
ALDERSON, James 46 n
Alemanha (Confederação dos Estados Germânicos) 114, 115, 129, 131, 132 n, 138, 139 n, 142, 146 n, 153, 173, 249 n, 296, 303-304
ALEMBERT, Jean le Rond d' 23
ALENCAR, José de 280
ALFREDO 154 n
Allerheiligengasse 115
ALLETZ, ÉDOUARD 242
ALLOURY, Louis 226
ALMEIDA, Manuel Antônio de 280
ALONSO, Paula 282 n
Alsácia-Lorena 132 n
ALVES, Serafim José 175, 288
América 22, 28, 31
Amsterdam 199
ANDRADE, Mário de 79 n
ANDREAS, Bert 304 n
ANDRÉS Y DÍAZ 175
ARBOUSSE-BASTIDE, Paul 290 n
Argélia 35 n, 54, 110, 210 n
Argentina 282 n
ARISTÓTELES 67 n
ARMELLINI, Carlo 111
Associação Geral dos Trabalhadores Alemães 304
ATKIN, Nicholas 202 n
AUDIFRET-PASQUIER, Duque de d' (Edme Armand Gaston) 207
AUERSWALD, General (Hans Adolf Erdmann) von 116, 144
AUMALE, Duque d' (Henri d'Orléans) 210 n, 226
AUREVILLE, Jules Amédée Barbey d' 299-300
AUSTIN, John 46 n
AUSTIN, Sarah 44-48, 57-58, 99 n, 101-102, 103 n, 133, 192, 206
Áustria 105, 138, 173, 249
Avignon 245 n
AYRES, Vivian Nani 268 n
AZEVEDO, Aloísio 267 n
AZEVEDO, Álvares de 261-262, 273
AZEVEDO, Vicente de 262 n
BACHLEITNER, Norbert 156 n



- BADARÓ, Giovanni Baptista Libero 266 n, 269
Baden 129 n, 142 n
Bahia 291 n
BAILLY-BALLIÈRE, Charles 160
BAINVILLE, Jacques 301 n
BAKUNIN, Mikhail 121
BALANCHE, Pierre-Simon 24
BALZAC, Honoré de 80, 83 n, 88, 91, 92, 94 n, 156, 225, 228, 233-234, 235, 302 n, 312
BARANTE, Prosper de 84 n, 87, 258
BARBIER, Frédéric 15, 19, 20 n, 21-23, 28 n, 128, 129, 152 n, 157 n, 215 n
BARBOSA, Perpétuo Januário da Cunha 270 n
BARIC, Daniel 32 n, 147 n
BARNAVE, Antoine 25, 48
BARRETO, J. F. Moniz 279
BARROT, Odilon 208 n, 241, 272, 279
BARTHES, Roland 236
Basileia 21, 152 n
BATHYÁNY, Lajos 121
BAUDIN, Jean-Baptiste 121
BAUDET-BAUDERVAL, A. 108
BAUER, Bruno 156
BEAUNE 94
BÉCHET, Charles 87
Bélgica 137-141, 152, 174-175
Belin-Mandar 90 n
BELLANGER, Claude 213 n, 216 n
BENEVOLO, Leonardo 132 n
BENJAMIN, Walter 60 n
BENOÎT, Louis 202 n
BENTHAM, Jeremy 46 n
BERGER, Paulo 283 n
Berlim 112, 114, 125, 141, 142 n, 143 n, 145, 147, 149, 152 n, 173, 180, 303
BERLIOZ, Hector 226
BERRY, Duque de (Carlos Fernando de Artois) 14, 84, 265
BERRY, Duquesa de (Carolina das Duas Sicílias) 202 n
BERRYER, Pierre-Antoine 57 n
BERTIN, Armand 207, 226, 231
Bertrand 164
Bessermann 144 n
BEUGNOT, Arthur 257
Biblioteca del Siglo 160-161, 163, 175, 190
Biblioteca de Neuchâtel 199-200
Biblioteca Mário de Andrade 294 n
Biblioteca Nacional da Espanha 159 n, 163 n
Biblioteca Nacional da França 153, 288
Biblioteca Nacional da Polônia (Narodowa) 149
Biblioteca Polonesa de Paris 132, 185
Bibliothèque Pública de Ponta Delgada 166
Bibliothèque Lovenjul 212 n
Bibliothèque Mazarine 316
Bibliothèque Thiers 202 n
Biernawski, Louis 300
BIRAN, Pierre Maine 84 n
BISMARCK, Otto von 146
BLANC, Louis 26, 92, 110, 305
BLUM, Robert 121, 143
BOA VISTA, Conde da (Francisco do Rego Barros) 289, 290
BODIMENT, Gabriel 87
Boêmia 147 n, 154
BOER, W. R. 176
BOLÍVAR, Simón 291 n
BONALD, Visconde de (Louis-Gabriel-Ambroise) 24
BONAPARTE, Luís Napoleão *ver* Napoleão III
BONAPARTE, Napoleão *ver* Napoleão I
BONNAT, Joseph 160
BONNIER 157 n
BÖRSENVEREIN 129
BORTELL, Fritz 129
BOSI, Alfredo 294 n
BOSQ, Marie-Claire 91-92, 94 n
BOTREL, Jean-François 161 n
BOURDIEU, Pierre 77
BOWMAN, Franck Paul 61 n



- BRANT, Sebastian 21-22
Brasil 15, 29, 34-35, 100 n, 123, 125, 126 n,
138, 166, 167, 175, 263-297
BRAUDEL, Fernand 88 n, 130 n, 311
BREITKOPF UND HÄRTEL 173, 182
Breslau 29, 125, 144-151, 152 n, 173, 184
Brest 92
BREZA, Eugeniusz 147, 149, 173, 185
BREZA, Stanislas de (Duque da Varsóvia)
147 n
BRIÈRE, Jean-Louis-Joseph 87, 93-94
BRITO, Francisco de Paula 271 n, 282 n
BROCA, Paul 96
BROCKHAUS, Albert 129 n
BROCKHAUS & AVENARIUS 139 n, 145 n,
152-153, 173, 181
BROGLIE, Albert de 208
BROGLIE, Victor, Duque de 25 n, 34 n, 57
n, 84 n, 145, 208, 213 n, 257
BROGLIE, Gabriel de 27 n, 34 n, 57, 126 n,
198, 206-208, 212 n, 232 n, 239 n, 243
n, 248 n, 257
BROMPTON 45, 47 n, 58, 92, 97, 102, 162,
208 n, 257 n, 289
BRUNO, Rizio 294 n
Bruxelas 125, 138, 174, 175, 188, 288
BUARQUE, Chico (Francisco Buarque de
Hollanda) 9
Bucareste 138
Buchhändler-Börse 129
BUCKINGHAM, James Silk 102 n
Bucovina 154
Budapeste 142, 152 n
Buenos Aires 28, 283-284
BUGEAUD, Marechal Thomas Robert (Du-
que d'Isly) 209-210
BULLOZ, François 232
Burschenschaft 269
Burgos 22
Bury-Lefebvre 176
BYRON, Lord (George Gordon) 132, 156

CABRAL, J. M. da Rocha 296
CABRAL, Marianno José 166-167, 177, 195
CAIUTU, Aurelian 304 n
Calábria 158
Calvados 256 n, 257
Cambrai 253
Cambridge 45
CAMPOS, Carlos Carneiro de 268 n
CANDIDO, Antonio 261-262
CAPEFIGUE, Jean-Baptiste Raymond 282
CARLOS I 102
CARLOS X 225
CARLOS MAGNO 146 n
CARNOT, Lazare Hippolyte 92
CARONE, Edgard 304
CARVALHO, José da Costa (Marquês de
Monte Alegre) 267-268
CARVALHO, José Murilo de 27 n
CASTLEREAGH, Lord (Robert Stewart) 257 n
CAUCHOIS-LEMAIRE, Louis-Augustin-
-François 225
CAUSSEDIÈRE, Marc 305
CAVAIGNAC, Godefroy 54
CAVAIGNAC, Jean-Baptiste 54
CAVAIGNAC, General Louis-Eugène 51,
53-56, 110, 203, 240 n, 241, 255, 275
CAVALCANTI, Antonio Francisco de Paula
Holanda 290
Caxangá 290 n
CHABROL, Conde de (Christophe de Cha-
brol de Crouzol) 90 n
CHAMBODERAN, Robert 41 n
CHAMPOLLION, Jean-François 90 n
CHARLÉTY, Sébastien 26
CHARON, Annie 235 n
CHARTIER, Roger 78, 80-81, 87 n, 163
CHASLES, Philarète 226
CHATEAUBRIAND, François-René de 84 n,
90 n, 258
Cher 251
Cherbourg 203
CHEVALIER, Michel 226, 275 n
CHEVASSUT, Alexandre 225
CHOPIN, Frédéric 133



- CHRISTIAN VIII 120
Cidade do México 28, 125, 177
CITELLI, Adilson 67 n
CLAREMONT (House of) 240
C. MUQUARDT 175
COBDEN, Richard 275
COGGIOLA, Osvaldo 29 n
Colégio D. Pedro II 280
Colônia 139 n, 152 n
COMNÈNE, Nicolau Stephanopoli de 254 n
CONSTANT, Benjamin 49, 84 n
Copenhague 158, 176
CORREIA, José Lúcio 287, 289, 290, 294
COSTA E SILVA, Alberto da 264 n
COSTA, Hipólito José da 264 n
COSTA, Ignacio Pereira da 283
COSTA, João Cruz 27 n
COSTA, Maila 103 n
COSTA, Octavio Barduzzi da 60 n
Côte d'Or 94
COTTA, Johann Frédéric von 86-87
COURLAND, Dorothée de 55 n
COURSON, Aurélien de 232, 238-239
COUSIN, Victor 24, 30 n, 85, 87, 90, 145, 238-239, 290 n
COUTINHO, Sonia 200 n
CRAPELET, Georges-Adrien 92
Croácia 32 n, 147 n, 154
CROCHARD, Nicolas 95
CROKER, John Wilson 56-57 n, 134 n
CROMWELL, Oliver 57 n, 102
CULOT, J. 141 n
CUNIN-GRIDAIN, Charles 257
CUSTINE, Marquês de (Astolphe-Louis-Léonor) 149
CUVIER, Georges 96
CUVILIER-FLEURY, Alfred-Auguste 209, 226

DAIRNVAELL, Georges 245, 246
Dalmácia 154
D. APPLETON & CO. 134-137, 175, 190
DANTON, Georges Jacques 162
DARNTON, Robert 15, 23, 200 n, 201 n

DARU, Conde (Louis Napoléon Lannes) de 257
DAUMIER, Honoré 109
DAUNOU, Pierre Claude François 89, 90
Dąbrówka 119
DECAZES, Duque de (Élie Louis Decazes) 84, 265
DELAROCHE, Paul 157-158
DELAVIGNE, Casimir 87, 156
DELAUNAY, Charles-Eugène 96
DENNÉ, Philippe 160
DESIRÉ-DUJARDIN 138 n
DESMOULINS, Camille 162
DEUTZ, Simon 202 n
DEWITTE, Philippe 132 n
DIDEROT, Denis
DIDIER, Pierre-Paul 38 n, 87, 94, 97
DIDOT, Firmin 90 n, 94-95
Dinamarca 176
DINOCOURT, Théophile 156
DOHLNIKOFF, Miriam 266 n
Dortmund 152 n
Dresden 121, 152 n
DROIXHE, Daniel 139 n
DROZ, Jacques 143 n, 144 n
DUCHÂTEL, Tanneguy 57 n, 208, 240 n
DUFAYRE, Jules Armand Stanislas 57 n, 257
DUMAS, Alexandre (Pai) 156, 160
DUMOULIN, Évariste 225
DUPONT DE L'EURE, Jacques Charles 272
DÜRER, Albert 22
Düsseldorf 152 n
DUTOUR, Françoise 27 n
Dyk 173, 183

École de Ponts-et-Chaussées 290
École Libre de Sciences Politiques 259
École Normale Supérieure 30
Elberfeld 152 n
ELSNER, Heinrich 156
ENCREVÉ, Alain 33-34 n, 41 n, 47 n
ENGELS, Friedrich 13, 54 n, 103 n, 143 n, 146 n, 303-305, 307-308



- EÖTVÖS, József 304 n
ESCARPIT, Robert 31 n
ESCOREL, Lilian 79 n
Espanha 158-165, 175
ESPAGNE, Michel 29-30
Estados Unidos 15, 72-73, 88 n, 152, 175, 254, 291 n
ESTIVALS, Robert 31
Estocolmo 125, 157, 177

Faculdade de Direito de Olinda 290
Faculdade de Direito de São Paulo 265-269, 280
FALLOUX, Conde de (Frédéric Alfred Pierre) 57 n, 87, 208 n
Falmouth 270
FARIA, Maria Isabel 285 n
FAYARD, Jean-François 83 n, 201 n
FEBVRE, Lucien 35, 128-129, 130 n
FELIPE II 130 n
FERNANDO I 154-155
FERREIRA, Ildefonso Xavier 268 n
FERRY, Jules 88 n
FICHTE, Johann Gottlieb 29-30 n
FIERRO, Alfred 83 n, 201 n
FIGUEIREDO, Antonio Pedro de 290 n
FIORIN, José Luiz 66 n
FLAUBERT, Gustave 299-302
FONSECA, Antônio Borges da 291
FORCADE 232
FORMICHI, Carlo 176, 177
FOUCAULT, Michel 23, 78
FOUCHÉ, Pascal 92 n, 225
FOURIER, Charles 290 n
Frankfurt am Main 115, 116, 129 n, 142 n, 143, 152 n
Frankfurt an der Oder 125, 149, 173, 180
FRANK, Julius 269, 294
FREDERICO I 147
FREDERICO II 145
FREDERICO GUILHERME I 145
FREDERICO GUILHERME III 145

FREDERICO GUILHERME IV 120, 141-142, 143, 150-151
FREITAS, Guimaraes & Cia. 287 n
F. RENARD & FRÈRES 175
FREYRE, Gilberto 290 n
FRIEIRO, Eduardo 263
FURET, François 310

Galícia 154
GAMA E CASTRO, José da 295, 296
GARIBALDI, Giuseppe 112-113
GARNIER, Baptiste-Louis 282
GARNIER FRÈRES 126 n
GARNIER-PAGÈS, Louis-Antoine 59 n
Genebra 14, 83
GENETTE, Gérard 42 n, 103 n, 236 n
GÉNIE, Auguste 47 n, 94 n, 99, 206, 208, 209
GENOURD, Antoine-Eugène 241
GEROLD, Carl 156, 186, 187
GIBBON, Edward 83, 134 n, 160
GIORDANO, Claudio 199 n
GIRARDIN, Émile de 213-214, 217 n, 220, 245, 284 n
Gironde 245 n
GLADSTONE, William Ewart 214
GNIEWOSZ, Jan 119
Gniezno 149 n
GODECHOT, Jacques 15, 25 n, 213 n, 216 n
GOETHE, Johann Wolfgang von 60 n
GOLDMANN, Moritz 147 n
GÓMEZ, António Castillo 159 n
GONÇALVES, Manuel José 165-166, 177, 194
GOSOHORSKY, A. 173, 184
GOSSELIN, Charles 64 n, 87, 88 n
Gotha 269
GOYARD-FABRE, Simone 57 n
GRAFINGER, Christine Maria 155 n
Grécia 313
Grimma 125, 152 n, 173
GUASP, Felipe 189
GUEDES, Fernando 164



- GUIMONT, Esther 217 n
GUINSBURG, Jacob 127
GUILHERME I 139 n
GUILHERME II 157
GUILHERME III (Príncipe de Orange) 102
GUIMARÃES, Agostinho de Freitas 175, 285, 288
GURRAL, Pierre 213 n, 216 n
GÜNTHER, Ernest 173, 185
GURNEY, Samuel 46 n
GUTENBERG, Johannes 21
GYMNASIUM Maria-Magdalen 145
- HABERMAS, Jürgen 204-205 n, 237 n
HACHETTE, Louis 87, 88, 90 n, 92, 94, 95
HAHN, Eduard Moritz 145
HAHN, Ludwig 144-147, 173, 184
Haia 125, 176
HALLEWELL, Laurence 271 n
Hamburgo 305
Hannover 152 n
HASS, Annika 157 n
HAURANNE, Duvergier de 208
HAUTE-GARONNE 206
Havre 290 n
Hazlett 134
HEALY, George Peter Alexander 85
Hecker 142 n
HEEREN, Arnold 269
HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich 204 n
HEIDELBERG 142 n
HEINE, Heinrich 132, 155
HELLEMANS, Jacques 138 n, 139-140
HEMINGWAY, Ernest 7
HENRIQUE IV 248, 282
HENRY, C. S. 134
HERDER, Johann Gottfried von 269
HERWEGH, Georg 149 n
Hesse 303
Hesse-Cassel 129 n
HETZEL, Pierre-Jules 92
HILL, Christopher 201 n
HOBBSAWM, Eric 26, 155, 309, 312
- HÖFFDING, Harald 27 n
Holanda 139 n, 152, 176
HOLANDA, Sérgio Buarque de 272, 293 n
HOMEM, Francisco de Sales Torres 278
HORNCastle, F 137, 176
HOWE, Anthony 275 n
HUGO, Victor 88, 90, 100, 133, 197-198, 211-212, 217 n, 224 n, 301
HUMANN, Jean-Georges 145
Hungria 116, 121, 154, 291 n, 304 n
HÜSER, Heinrich von 54
- Igaraçu 292 n
IGLÉSIAS, Francisco 293 n
Île de Saint-Louis 132
Ilha de Elba 84
Ilha de São Miguel 166-167, 195
Império Austríaco 28, 32 n, 119, 142, 154-157
Imprensa Oficial do Estado de Minas 295
Imprensa Balear 175
Imprensa de Manuel Antonio Balcazar 273 n
Imprimerie du Journal de la Haye Van der Meer 176
Inglaterra 33, 57, 72, 88 n, 93, 94, 99, 102, 103 n, 133, 134, 176, 213 n, 270, 271, 290 n, 308
Institut de France 89 n, 97
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (ihgb) 269-270
Irlanda 249
ISABEL II, Rainha da Espanha 159
Itália (Estados Italianos) 105, 112-113, 118, 131, 132 n, 138, 155, 158, 176-177, 193
- JACOBINA, Eloá 132 n
JAIME II, Rei da Inglaterra 102
JAMMES, André 89 n
JANVIER, Eugène 257
JAPYASSU, Candido 265 n
JAY, Antoine 225



- JAYMEBON, André 160
JEANBLANC, Helga 139 n, 152
JESUS CRISTO 59-61, 217 n
JOÃO VI, D. 264
JORDAN, Camille 84 n
JORGE IV 257 n
JURATIC, Sabine 157 n, 235 n
JUSSIEU, Antoine Laurent de 96
- KAMADA, Takayuki 79-80
KANT, Immanuel 83, 204 n
KARLSRUHE 142 n
KIESSLING & COMPAGNIE 174
KLINCKSIECK, Friedrich 129 n
KOCK, Paul de 156
KRISTEVA, Julia 30, 44
KRUG, Wilhelm Traugott 156
- LACERDA, Felipe Castilho de 144 n, 152 n
LACLOS, Choderlos 199
LACORDAIRE, Henri 218
LACRETELLE, Charles 84
LACROIX, Albert 100
LADVOCAT, Pierre-François (Camille) 87
LAEMMERT (Typographia Universal) 271 n
LA FAYETTE, Marquês de (Gilbert du Motier) 48
LAMARTINE, Alphonse de 25, 26, 54, 88, 133, 137, 139 n, 160, 164, 243, 261, 296
LAMENNAIS, Hughes Félicité Robert de 92, 155, 218
LAMETH, Alexandre de 225
LAMOTHE-LANGON, Étienne-Léon de 156
LANSON, Gustave 78
LAVLETTE, Adrien de 231
LAVERGNE, Louis Gabriel Léonce Guilhaud de 197-198
LE BON, Gustave 49
L. E. BOSCH EN ZOON 176
LEDRU-ROLLIN, Alexandre Auguste 54, 121, 220, 272, 274 n, 279
LEFORT, Claude 305 n
LEIGH, R. A. 200 n
- LEIPZIG 28, 125, 129, 131, 139, 143 n, 152, 153, 173, 174, 181, 182, 183, 188
LEITE, Genebra de Barros 267
LEMOINE, Antoine Marcel 129 n, 226
LÉMONTEY, Pierre-Édouard 225
LENORMANT, Charles 94, 99, 208 n, 257
LEOPOLDO I, 137
LEQUIEN, Alexandre 87
LEROUX ET CHANTEPIE 87
LESAULNIER, C.-M. 244
LESDOS, Alexandre-Édouard 203
Leszno 173, 185
LETESSIER, Fernand 243 n
LÉVY, Michel 87, 153
Librairie Bossange 153
Librairie du Panthéon 175
Librairie Médicale et Scientifique 95
Libreria Bonifazj 176
Libri, Conde (Guglielmo Bruto Icilio Timoleone) 89 n
Liceu Henri IV 280
LICHNOWSKY, Príncipe (Felix von) 116, 144
LIEBER, Francis 191
Liège 125, 139 n, 175
LIEVEN, Dorothee de 133 n, 257
LIEVEN, Khristofor Andreyevich 257 n
LIMA, Manoel de Oliveira 281
Lindau 152 n
Lisboa 28, 125, 159, 164-166, 177, 194, 195
Lisieux 27 n
Livorno 139 n, 174, 188
LOBATO, Monteiro 79 n
Lombardo-Veneziano, Reino 105, 112-113, 154, 157 n
Londres 32 n, 45, 97, 98, 101, 125, 129 n, 131-134, 137, 139, 154, 161, 162, 176, 192, 212, 257 n, 264 n, 274, 275, 286, 303
LOPES, Telê Porto Ancona 79 n
LOPEZ, Adriana 264 n, 291 n
LORENZ, Otto 129 n
LOSURDO, Domenico 25-26 n, 49, 56 n



- Lübeck 22
LUÍS FILIPE I 26, 28, 53, 55, 57, 63, 87, 88
n, 92, 105, 106, 107, 108, 145, 159, 202
n, 213, 226, 239 n, 240 n, 241, 243, 250,
253, 270, 271-272, 274, 282, 293, 309
LUÍS XVIII 14

MACAULAY, Thomas 46 n, 133
MACHADO, Ubiratan 273 n
MACEDO, Joaquim Manuel de 280
MACKINTOSH, James 46 n
Madrid 125, 161, 163, 164, 175, 190, 306 n
Maestricht 125, 176
Magreb 210 n
MAHON, Lord (Philip Stanhope) 137
MALLARMÉ, Stéfane 75-76
MALLING, P. T. 177
MANEVY, Raymond 218 n, 239 n
MANGUEL, Alberto 89 n
Manheim 142 n
MANSFIELD, Lord (William Murray) 268
MAQUIAVEL, Nicolau 267, 296
MARADAN, Claude François 86
Maranhão 289 n
MARGRY, Pierre 246, 249 n, 252-253
MARSON, Izabel 289-293
MARTIN, Henri-Jean 80, 87 n, 92 n, 128-
129
MARTÍNEZ, Jesús A. 163-164
MARTINS Filho, Plínio 41-42 n
MARX, Karl 13, 15, 54 n, 74 n, 103 n, 132,
155, 204 n, 240-241 n, 250-252, 255,
303-305, 307-310
MASKE, L. F. 173
MASSON, Georges 96
MASSON, Victor 31, 47 n, 81 n, 87, 91-102,
104, 125, 140, 163, 176, 236, 256 n, 285
MATTHES, H. 173
MATTOSO, Katia M. de Queirós 29 n
MAY, Eduard Gustav 115
MAYER ET FLATAU 174
MAYER, J. P. 305 N
MAZZINI, Giuseppe 105, 111, 158

MCKENZIE, Donald Francia 33 n, 79, 80 n
MEDEIROS, Antonio Borges da Camara
166, 195
MEDEIROS, Nuno 166 n
Melbourne 161
MÉLINE, Cans et Compagnie 139 n, 174,
188
MELLO, Jeronimo Martiniano Figueira de
292-293
MELLO, Urbano Sabino Pessoa de 292
MELO, Luis Correia de 267 n
MENARD, Louis 305
MENGELSDORF, Edmund 152 n
MERCK, Heinrich Johann 144 n
METTERNICH, Klemens von 13, 116, 154,
155, 156, 157, 158, 159, 249, 257
MEULAN, Pauline de 83
MÉRIMÉE, Prosper 90 n
MEVISSEN, Gustav von 144 n
México 177, 273 n
MEYER, Siegfried 304 n
MICHAELERPLATZ 117
MICHEL, F. 174
MICHELET, Jules 25, 26, 89, 109, 132, 135
MICKIEWICZ, Adam 132
MIGNET, François 24, 25, 26, 87, 90, 308,
309
MIGUEL I, D. 295
Milão 112-113
MILL, John Stuart 46 n, 237 n
MILMAN, Henry Hart 46 n
Minas Gerais 280, 292, 293
MIRABEAU, Conde de (Honoré Gabriel
Riqueti) 48
MIRBEL, Madame (Lizinska) de 208, 242
MITRE, Bartholomé 282 n, 284
MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin) 296
MOLLIER, Jean-Yves 90 n, 91, 92 n, 95 n,
96 n, 101 n, 126 n, 139 n, 153 n
MONIER, Casimir 160
MONNIER, Luc 305 n
MONTALIVET, Conde de (Camille Bachas-
son) 57 n



- MONTEBELLO, Duque (Louis Napoléon Lannes) de 257
MONTEIRO, Antonio Peregrino Maciel 292
MONTESQUIEU (Charles-Louis de Secon-dat) 239, 267, 296
Montpellier 245 n
Morávia 154
MORGA, Simon 275 n
MORITZER, Georg 174, 186
MORNET, Daniel 199-200
MORTIER, J.-B. de 174
MOTA, Carlos Guilherme 13, 29 n, 264 n, 291 n
Motiers 200 n
MÜLLER, Alexander 156
MÜLLER, Daniel Pedro 268 n
Munique 152 n
MURILLO Sandoval, Juan David 273 n
MURRAY, John 31, 32, 45, 99 n, 103 n, 134, 176, 191, 192

NABUCO, Joaquim 281, 293 n
NABUCO de Araújo Filho, José Tomás 293
NADAILLAC, Condessa de (Cécile Julie Thérèse Delessert) 200 n
NAPOLEÃO I (Napoleão Bonaparte) 48, 83 n, 84, 147 n, 210
NAPOLEÃO III (Luís Napoleão Bonaparte) 28, 35, 49, 51, 54, 55-57, 63 n, 120, 203, 208, 209, 210 n, 220, 225, 240 n, 241, 242, 252, 255, 257 n, 275, 279, 294, 305, 309, 311
Nápoles 56 n, 125, 158, 177
Nassau 129 n
NETTEMENT, Alfred 247 n
Neuchâtel 199-200
NICOLAU I, czar da Rússia 13
Nièvre 251
Nîmes 14, 83, 245 n
NOBILE, Gaetano 177
Normandia 14, 27 n, 87, 203
Noruega 157, 177

NÖSSELT, Friedrich 156
NÖSSELT, Louis François 156
Nova Granada 291 n
Nova York 28, 125, 134, 161, 175, 191, 303, 305, 306 n
Novara 157 n
Nuremberg 22

OEHLER, Dolf 302 n
OLLENDORFF, Heinrich Gottfried 137
Olinda 292 n
OPIE, Amelia 46 n
OSCAR I 157
Oslo 125, 177
Ouro Preto 295
OZANAM, Antoine-Frédéric 218

PAGNERRE, Laurent Antoine 92
Países Baixos 157
PAIVA, Tancredo de Barros 295 n
PALMA DE MALLORCA 125, 126 n, 163, 167, 175, 189
PALMERSTON, Lady (Emily Temple) 133 n
PANCKOUCKE, Charles-Joseph 92
PANTIN, Isabelle 235 n
P. A. Norstedt & Fils 177
Paris 14, 15, 26, 28, 30, 31, 32 n, 35 n, 45, 49, 54, 57 n, 58, 61 n, 74 n, 83, 92, 93, 94, 97, 99, 100 n, 101, 105, 110, 119, 121, 125, 129 n, 131-133, 134 n, 144, 147, 149 n, 152, 161, 163, 176, 202, 207, 210 n, 211, 212, 215, 216, 220, 221, 222, 231, 232, 240, 245 n, 250, 252, 253, 257 n, 270, 272, 274, 280, 283-284, 285, 286, 287, 288, 289, 294 n, 296, 297, 301, 302, 303, 305, 310
PARRON, Tâmis 280 n, 281-282
PASTORET, Marquês de (Amédée-David de Pastoret) 57 n
Pavant 90 n
PÉCHOIN, Daniel 92 n
PEDRO I, D. 265, 266 n, 271 n
PEDRO II, D. 270



- PEEL, Robert 257 n
Pelham Crescent 97
PELISSIER, Pierre 217 n
PELLETAN, Camille 247 n
PELLETAN, Eugène 232, 237 n, 245, 247 n, 249, 251, 284 n
PERIÇÃO, Maria da Graça 285 n
PERIER, Casimir 257
Pernambuco 272 n, 278, 287-293
PERRÉ, Louis-Marie 232, 244 n
Peru 291 n
Peste 121
PFLÜCKER, R. Bernhard 150-151
PINOL, Jean-Luc 138 n
PIO IX 56 n, 111, 155, 156, 158
PIRENNE, Henri 137
PISCATORY, Théobald de 55-56 n, 257
Place de l'École de Médecine 91, 96, 97
Place du Panthéon 110
PLANCHER, Pierre 271 n
PLON, Henri 92, 97, 285
Polônia 119, 129 n, 132, 147-152, 154
Ponta Delgada 167, 195
Porto Rico 291 n
PORTO, Walter da Costa 293 n
Portugal 158-160, 163-167, 177, 295-296
Posen 149 n
POULLET-MALASSIS, Auguste 92
POUPART (Irmãos) 160
PRADO JÚNIOR, Caio 291-292 n
PRADT, Abade (Dominique Dufour) de 225
Praga 142
PRAROND, Ernest 224 n
PROUDHON, Pierre-Joseph 15, 16, 65 n, 74 n, 211, 218, 248, 250 n
Prússia 105, 129 n, 131, 132 n, 141-151, 301

QUADROS, Carlos Fernando de 103
QUARTIER Latin 30, 78, 214
QUINET, Edgard 29-30 n
QUINTAS, Amaro 291 n

RACINE, Jean 37-38
RADETZKY, Joseph 54 n, 112-113, 118, 157
RADOLINSKA, (Condessa) Joséphine, 149
RAFAEL RAFAEL Y VILÁ 177
RANCIÈRE, Jacques 312
RANKE, Leopold von 46 n
RANSON, Jean 200 n
RASPAIL, François-Vincent 54, 218
Recife 272, 289, 290, 291
REESE, Michael 191
REGNAULT, Henri Victor 96
REIZEWITZ, Marianne 263 n
RÉMUSAT, Charles de 24, 84 n, 87, 213, 257
Renânia 129 n, 138
RENOUARD, Jules 92
REPÚBLICA HELVÉTICA 83
RIALS, Stéphane 241 n
RIBEIRO, José Alcides 279 n, 280 n
RIBEIRO, Renato Janine 201 n
Rio de Janeiro 28, 29, 123, 125, 126 n, 138, 166, 175, 264, 270-280, 283, 284-285, 288, 295, 296, 297
ROBBE-GRILLET, Alain 302 n
ROBESPIERRE, Maximilien de 162
ROBINSON, Henry Crabb 46 n
ROCHA, Frei Tibúrcio José da 264
ROCHA, Justiniano José da 272, 280-282, 283, 294, 313
ROCHE, Daniel 200 n
RODRIGUES & CIA. 279, 285 n
RODRIGUES, José Honório 296
RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez 280 n
ROLLAND, Charles 141 n, 155 n, 158 n, 159 n
ROLLAND, Francisco 164
Roma 56 n, 105, 158, 176
Romênia 138 n
ROMERO, Sílvio 281
ROSANVALLON, Pierre 24, 33 n, 58-59 n, 247 n, 249 n, 251
ROSSI, Pellegrino 14
ROUSSEAU, Jean-Jacques 199, 200 n, 251 n, 267



- ROYER-COLLARD, Pierre-Paul 24, 84, 239
Rozez 174
Rua da Assembleia 283
Rua da Quitanda 279
Rua de São José (Rio de Janeiro) 297
Rua de São José (São Paulo) 269 n
Rua do Ouvidor 267
Rua do Sabão 285
Rue d'Ulm 30
Rue de Poitiers 56 n, 208, 212, 241, 242, 256, 257
Rue de Richelieu 153
Rue des Pyramides 57 n
Rue de Trévisé 289
Rue Montmartre 223
Rue Racine 285 n
Rue Soufflot 110
Rue Transnonain 210 n
RUPERTI, Justus 144 n
Rússia 72, 119, 121, 146 n, 152
- Sacro Império Romano-Germânico 22
SAFFI, Aurelio 111
Saint-Amans-Soult 210
SAINT-AULAIRE, Conde de (Louis-Clair de Beaupoil) 87
Saint-Gingolph 149
SAINT-HILAIRE, Geoffroy 90 n
SAINT-OUEN, Madame de (Joanne-Mathurine Ponctis de Boën) 88
Saint-Palais-sur-Mer 245
Saint-Pierre-sur-Dives 27 n
SAINT-SIMON, Conde de (Claude-Henri de Rouvroy) 290 n
SAINT-BEUVE, Charles Augustin 90, 225
SAIS, Lilian Amadei 41 n
SALIBA, Elias Thomé 200 n
Salvador 267
SALVANDRY, Conde de (Narcisse-Achille) 87
Sambor 119
San Francisco 191
SAND, George 156, 245 n, 299-300, 301
Sanok 119
- SANTORO, Marco 158 n
SANTOS, Francisco José dos 279
São Paulo 265-269, 280, 292, 293
SARCEY, Francisque 299-300
Sardenha 157 n
SARTRE, Jean-Paul 302 n
Saxônia 129 n
SCHAPOCHNIK, Nelson 138 n
SCHLEGEL, August Wilhelm 25 n
SCHLUMBERGER, Jean 257 n
SCHNERB, Robert 127 n, 132 n, 133 n
SCHOEL, Frédéric 86
SCHÖN, Alois 118
SCHRÖDERS, Ferdinand 120
SCHUWER, Philippe 92 n
SCOTT, Walter 156
SECCO, Lincoln 130 n, 266 n, 304 n, 307
SÉGINGER, Gisèle 302 n
SÉGUR, Louis Philippe, Conde de 156
SEIGNOBOS, Charles 141 n, 155 n, 158 n, 159 n, 212 n
SÉNARD, Jules 56 n
SERRE, Hercule de 84 n
SERVE, Nicole Robinet de La 225
Sérvia 154
SIEYÈS, Emmanuel Joseph 49, 201
Silésia 145, 154
SILVA, Innocencio Francisco da 166 n, 295-296
SILVA, Maria Beatriz Nizza da 263 n
SILVEIRA, Pedro Ivo Veloso da 291
SISMONDI, Jean de 156
Sociedade 10 de Dezembro 252
Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional 270
Sociedade Defensora da Liberdade e da Independência Nacional 280
Société Catholique de Belgique 139 n
Société des Gens de Lettres 140
Société d'Histoire du Protestantisme Français 61 n
Société Hyacinthe Firmin-Didot 153
Société Typographique Belge 174



- SODRÉ, Nelson Werneck 265 n, 279, 280-281 n
SOMMER, Leopold 156, 174, 186
SORDET, Yann 201 n
SOULT, Jean-de-Dieu (Duque da Dalmácia) 210
SOUTO Maior, Paulo M. 290 n
SOUZA, Brigadeiro Luís Antônio de 267
SOUZA, J. A. Soares de 293 n
STAËL, Barão de (Auguste-Louis de Staël-Holstein) 25 n
STAËL, Madame de (Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein) 25, 84 n, 87-88, 308, 309
Stamperia del Fibreno 177
STAPFER, Philippe-Albert 83
STENDHAL (Henri-Marie Beyle) 165 n, 236
STERN, Daniel *ver* d'Agoult, Marie
Stettin 152 n
STODDARD, Robert E. 79
Stralsund 145
STRATEN, Giorgio Van 134 n
STRAUSS, Johann 157 n
Struve 142 n
Stuttgart 129, 152 n
SUARD, Jean-Baptiste-Antoine 14, 83
SUE, Eugène 156
Suécia 157, 177

TAINÉ, Hippolyte 259
TALLET, Frank 202 n
TALLEYRAND-PÉRIGORD, Charles-Maurice de 14, 55 n, 84, 243, 264
TARCUS, Horacio 304 n
Tarn 210
TARRIDE, J. B. 175
TCHÓRZNICKI, Władysław 119
TERENCIANO Mauro 123
TERROU, Fernand 213 n, 216 n
THEIS, Laurent 34 n, 37-38, 47 n, 64 n, 83 n, 84 n, 86, 88 n, 97, 99, 101, 103 n, 126 n, 133, 134 n, 258 n, 297 n
THEODORO, João 268 n

THIERS, Louis Adolphe 24, 25, 26, 65 n, 133, 145, 149, 160, 164, 202 n, 225, 231, 242, 247-248, 257, 259, 267, 269, 275, 294, 308, 309, 310
THIERRY, Augustin 24, 25, 87, 90
THORBECKE, Johan Rudolf 157
Thunot et Cie. 285 n
TISSOT, Pierre-François 225
TOCQUEVILLE, Alexis de 15-16, 25, 35 n, 57 n, 63 n, 64 n, 65, 133, 153, 164, 242, 250, 254, 255, 294, 305, 308, 310-311, 312
TOMAR, Conde de (Antônio Bernardo da Costa Cabral) 160
TORGAL, Luís Reis 296
Toscana 158
Toulouse 206
TOUROUDE, Georges 246-248 n
Transilvânia 154
Treuttel und Würz 157 n
TRÜBNER, Nicholas 129 n
TUDESCQ, André-Jean 63 n
TULARD, Jean 83 n, 201 n
Turim 125, 158, 177
Turíngia 129 n
Trowitzsch und Sohn (Druck und Verlag von) 149, 173, 180
Typographia Americana 281, 283
Typographia de Santos & Companhia 294 n
Typographia de Silva 177, 195
Typographia do Popular 177, 194
Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C. 271 n, 295
Typographia Nacional 271 n

Universidade Complutense de Madrid 190
Universidade de Breslau 145
Universidade de Coimbra 267, 295, 296
Universidade de Paris (Sorbonne) 14, 41, 83, 84, 85-86, 89, 145, 252
Universidade de Roma 193
Universidade Humboldt 145
URUGUAI, Visconde do (Paulino Soares de Sousa) 280



Utrecht 125, 176

VALETTE, Conde (Adrien) de La 222

Val-Richer 14, 87, 88 n, 256, 258, 259, 289

VAUTHIER, Louis Léger 290

VEIGA, Evaristo da 280

Veneza 158, 251 n

Venezuela 291 n

VENTADOUR, Jean Nicolas 115

VERAZZI, Baldassare 112-113

Verlag-Comptoirs 173

VERNE, Jules 92

VERNET, Horace 110

VERNIER, Hippolyte 88

VÉRON, Louis 225

Viena 117, 118, 121, 125, 132 n, 143 n, 147,
152 n, 154, 156, 157 n, 158, 174, 186, 187

VILLALTA, Luiz Carlos 263 n

VILLEMAIN, Abel-François 87, 90

VITET, Louis (Ludovic) 90, 207-208

VITÓRIA, Rainha do Reino Unido e Irlanda 120

VITU, Auguste 224, 232

VOLTAIRE (François-Marie Arouet) 267,
296

Wahlen et Compagnie 174

WASHINGTON, George 56, 64 n, 88 n, 160, 268

WEGGE, H. 143 n

WEILL, Georges 214, 217-218

WELLESLEY, William 246, 248-249

WELLINGTON, Duque (Arthur Colley
Wellesley) de 257 n

Westminster 46 n

WICKS-BOISSON, B. M. 305 n

WINOCK, Michel

WITT, Henriette Guizot de 259

Wouters Frères 174

Württemberg 129

Zeil 115

ZELDIN, Theodore 126 n

ZIEGLER, Anton 117

ZOLA, Émile 301 n





Créditos e Fontes das Ilustrações

Os créditos das reproduções de livros e brochuras estão assinalados nas legendas das imagens.

1. ILUSTRAÇÕES 1, 2, 3, 4, 5, 6, 55:
Archives Nationales de Paris (fotografias de Vivian Nani Ayres)
2. ILUSTRAÇÕES 11, 12, 13, 14:
Bibliothèque Nationale de Paris
3. ILUSTRAÇÃO 64:
Fotografia da Autora
4. ILUSTRAÇÕES 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26:
Le Printemps des Peuples (Wikisource)
5. ILUSTRAÇÕES 31, 45:
Biblioteca Nacional de España (Hemeroteca)
6. ILUSTRAÇÕES 56, 57, 58, 59, 60:
Histoire Général de la Presse Française
7. ILUSTRAÇÃO 65:
Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital)



8. ILUSTRAÇÕES DA CAPA:

Capa – Eugène Delacroix (1798-1863), *La Liberté Guidant le Peuple*, pintura, 1830. © Museu do Louvre.

Quarta capa – Bertall et Raimbaud, “Le Triomphe pour rire: L’un portant l’autre, l’un prônant l’autre, l’un traînant l’autre, l’un poussant l’autre” [“Um carregando o outro, um defendendo o outro, um arrastando o outro, um empurrando o outro”], *Le Journal Pour Rire*, 2 de dezembro de 1848. Na caricatura o então candidato à presidência Louis-Napoléon Bonaparte (sustentado sobre o ombro de um gigante) recebe o apoio de Victor Hugo (atrás do gigante, sobre a roda, com um cartaz à mão, onde se lê: LUI / LUIT / NIT / FUIT). <http://www.lecrayon.net/>

Orelha – Detalhe do cartaz de Cham (1818-1879), “Ce qu’on appelle des idées nouvelles en 1848”, litografia, 1848. Seis figuras políticas apresentam seus programas para a Revolução. Na imagem selecionada, o líder socialista Proudhon (1809-1865), diante do horror da propriedade, atribui suas ideias a diversos pensadores clássicos, latinos e gregos. © Bibliothèque Nationale de France.









TÍTULO	<i>História de um Livro – A Democracia na França, de François Guizot (1848-1849)</i>
AUTORA	Marisa Midori Deaecto
EDITOR	Plinio Martins Filho
PRODUÇÃO EDITORIAL	Aline Sato
DIAGRAMAÇÃO	Negrito Produção Editorial Camyle Cosentino
CAPA	Marisa Midori Deaecto (concepção) Negrito Produção Editorial (arte)
REVISÃO	Plinio Martins Filho Carolina Bednarek Sobral
ÍNDICE	Carolina Bednarek Sobral
FORMATO	16 x 23 cm
TIPOLOGIA	Stempel Garamond Lt Std
PAPEL	Chambril Avena 80 g/m² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m² (capa)
NÚMERO DE PÁGINAS	368
IMPRESSÃO E ACABAMENTO	Lis Gráfica





